

**REFLEXÕES TEÓRICAS E
HISTÓRICAS ACERCA DO
TRABALHO:
TRABALHO, VIDA E MORTE.**

Vladimir Domingos Micheletti

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado em Economia da Universidade Federal da Paraíba - campus II - Campina Grande, como exigência parcial à obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Antonio Carcanholo

Maceió, fevereiro de 1991.

**REFLEXÕES TEÓRICAS E
HISTÓRICAS ACERCA DO
TRABALHO:
TRABALHO, VIDA E MORTE.**

Vladimir Domingos Micheletti

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado em Economia da Universidade Federal da Paraíba - campus II - Campina Grande, como exigência parcial à obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Antonio Carcanholo

Examinadores: Prof. Dr. Jurandir Antonio Xavier

Prof. Dr. Berndt Rabhel

Maceió, fevereiro de 1991.

M623r Micheletti, Vladimir Domingos
Reflexoes teoricas e historicas acerca do trabalho :
trabalho, vida e morte / Vladimir Domingos Micheletti. -
Maceio, 1991.
207 f.

Dissertacao (Mestrado em Economia) - Universidade
Federal da Paraiba, Centro de Humanidades.

1. Economia do Trabalho 2. Trabalho - 3. Economia 4.
Dissertacao I. Carcanholo, Reinaldo Antonio, Dr. II.
Universidade Federal da Paraiba - Campina Grande (PB) III.
Titulo

CDU 331(043)

Dedico este trabalho...

À Sônia, sempre companheira.

Aos meus pais José Micheletti e
Domingas V. Micheletti

À memória de Ehlert Otto (Lee) Winkelmann (1932-1990)
que me ensinou que "on this world we have to be
a jack of all trade"

Aos colegas professores e alunos do Centro de Ciências
Sociais Aplicadas - CCSA - da Universidade Federal de
Alagoas, mais especificamente do Departamento de
Economia e Serviço Social.

À você que, apesar de tudo, ainda me fascina.

FASCINAÇÃO

(fascin/ação)

Nossos olhos vêem um mundo de coisa.
Coisas, mercadorias, que não fascinam jamais.
Até mesmo outros olhos parecem coisas.
Porque já não fascinam, não cativam os demais.

(Isto porque)
O essencial é invisível aos olhos de quem quer que seja.
Só se vê bem - o invisível no visível - com o coração.
Dessa maneira não só se vê aquilo que almeja
Como também o almejado expande nossa imaginação.

Como? É fácil de explicar e entender.
Nas lojas encontramos tudo pronto, basta comprar.
Só não se encontra amor, amizade, confiança, amigo...porque é impossível de vender.
Se tu queres um amigo tu tens que cativar, fascinar.

Porém, se tu me cativas, nós necessitaremos um do outro.
Sendo assim, não poderei te ver como mercadoria.
Terei de exteriorizar e despertar amor duradouro.
Porque se fosse incitado, incitante também seria.

Se tu vês o outro como agulha de pedra pontuda.
Se teu coração não te ajuda nesta visão.
Serás também uma agulha de pedra porque nada te estimula.
Não compreenderás a fascinação porque já não tens imaginação.

Maio de 1988.

Agradecimento

Ao prof. Reinaldo A. Carcanholo e a professora Paola Giuliani por me incentivarem quando do recebimento do primeiro esboço do presente trabalho.

Aos professores Renê de Carvalho, Roberto Novaes, Paulo Ortiz de Aragão, Manoel Malaguti, Paulo Nakatani e Heleno Rotta.

Ao prof. Paulo Campanário se dispôs, durante meses, a ouvir minhas dúvidas e questões que, quando pareciam solucionadas, ele as fazia voltar em maior quantidade e qualidade.

Ao prof. Jurandir A. Xavier por abrir caminhos para uma reflexão mais acurada.

A Neuma, Glorinha, Adaíde, Dna. Terezinha e Yolanda.

Aos companheiros de sala de aula: Henrique, Sérgio Elizete, e Zelma.

Ao Prof. Berndt Rabel pelo esforço em dialogar em português e pelo incentivo.

Ao Leônidas e Eires pela acolhida em Campina Grande.

A Sônia.

Meu muito obrigado.

— SUMARIO —

CAP.	CONTEUDO	PAG.
	DEDICATÓRIA.....	i
	"FASCINAÇÃO".....	ii
	AGRADECIMENTOS.....	iii
	INTRODUÇÃO.....	1
I	EVOLUÇÃO SOCIAL GERAL.....	9
	1. INTRODUÇÃO.....	9
	2. HOMEM OUSADO E AUDAZ.....	13
	3. HOMEM USADO E TEMEROSO.....	19
II	TRABALHO VIDA.....	26
	1. COMUNIDADE: O TODO INDIVISÍVEL.....	26
	2. TRABALHO E CONHECIMENTO.....	40
	3. A DIVISIBILIDADE DO TODO: INDIVÍDUOS VERSUS COMUNIDADE.....	44
III	TRANSIÇÃO AO TRABALHO MORTE.....	48
	1. INTRODUÇÃO.....	48
	2. TRABALHO SERVIL-COLETIVO.....	50
	2.1 A lógica do modo de produção asiático.....	50
	2.2 O trabalho no modo de produção asiático.....	55
	3. TRABALHO ESCRAVO.....	59
	3.1 A lógica do modo de produção escravista.....	60
	3.2 O trabalho no modo de produção escravista.....	64
	4. TRABALHO SERVIL.....	69
	4.1 A lógica do modo de produção feudal.....	71
	4.2 Renda em espécie.....	73
	4.3 Renda em dinheiro.....	75
	4.4 O trabalho no modo de produção feudal.....	77
	4.5 Transição ao trabalho morte.....	80
IV	TRABALHO MORTE.....	85
	1. A LÓGICA DO CAPITAL.....	85
	1.1 Mercadoria.....	85
	1.2 Valor.....	91
	1.2.1 Trabalho, valor e história...	93
	1.2.2 Fetichismo e alienação ideológica.....	102
	1.2.3 Produção, distribuição e apropriação.....	105

1.3	Dinheiro.....	109
1.3.1	Sujeito necessitado de conhecimento.....	113
1.3.2	O dinheiro atende as necessidades da troca e não as necessidades dos indivíduos.....	118
1.4	Capital.....	123
1.4.1	A mercadoria força de trabalho e suas três especificidades..	130
1.4.2	A mais-valia ou mais-valor...	136
1.4.3	Domínio do capital sobre o trabalho.....	143
1.4.4	Faz-se, desfazendo-se.....	152
1.4.5	Trabalho morte ou "juízo final".....	153
2.	A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO.....	161
3.	TRABALHO MORTE OU TRABALHO ASSALARIADO.	170
V	TRABALHO ATRATIVO.....	179
1.	RIQUEZA REAL E RIQUEZA POTENCIAL.....	186
2.	A ACUMULAÇÃO DE RIQUEZA IMATERIAL.....	188
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	204

— INTRODUÇÃO —

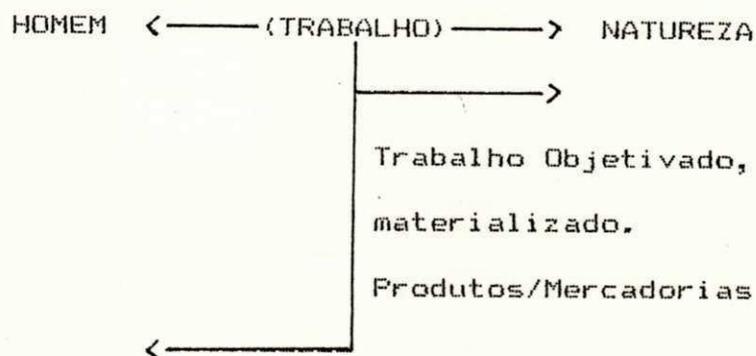
1. De um modo geral, podemos afirmar que trabalho é uma relação entre o homem e a natureza. Quando o objeto que o homem trabalha tem sido trabalhado por outro anteriormente, chamamos de matéria-prima e não de natureza. Essa relação tem por objetivo apropriar a matéria, de dominar a natureza.

2. Portanto, o simples movimento feito pelo homem no sentido de apanhar uma fruta que a natureza lhe presenteia é trabalho, de forma imediata.

3. Essa apropriação da natureza pode e deve ser mediatizada pelos meios de trabalho, ou pelo desenvolvimento dos meios de produção ou das forças produtivas sociais em geral, ou seja, o homem pode utilizar uma vara para apanhar a mesma fruta do exemplo anterior ou plantar fruteiras em grande escala com auxílio de instrumentos de irrigação, tratores, etc.

4. Nessa relação, que em nosso estudo procuraremos salientar seus aspectos contraditórios, ambas as partes sofrem transformações, ou ainda, tanto o homem como a natureza (matéria-prima) são transformados. Ou seja, essa relação é bionívoca.

5. Para facilitar nossa compreensão desse processo façamos um quadro, esquematizando o dito anteriormente:



Trabalho Subjetivado.

Troglodita/Escravo/Servo/Operário...

Tomemos um exemplo: uma porta.

6. O fato desta ser um objeto inerte não nos impede de vê-la como parte determinante de uma relação entre sujeito e objeto.
7. Sabemos que nunca um pedaço de madeira transformou-se a si mesmo numa porta. Dessa maneira, vemos que o marceneiro se apropriou da madeira ou prancha depois desta ter sido trabalhada pelo serralheiro, e a transformou numa porta.
8. Ao trabalhá-la, o marceneiro é governado tanto pela sua vontade, habilidade (prática teórica, nascida de uma história da evolução das ferramentas adequadas)¹ como pelas qualidades da própria madeira (tamanho, rigidez, amadurecimento, etc.).
9. Portanto, a madeira (objeto) impõe suas propriedades,

¹Thompson, E.P. A MISERIA DA TEORIA: ou Planetário de Erros (Uma crítica ao Pensamento de Althusser), 1a. ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981, pg. 26.

assim como o marceneiro (sujeito) impõe suas ferramentas, sua habilidade e sua concepção ideal de porta à madeira.

10. Utilizando de nossa capacidade de abstração, dispensando, evidentemente, o uso de microscópio, veremos que por todo o tempo em que o marceneiro trabalha, os tecidos de seus músculos experimentam alterações, o sangue move-se de maneira alterada, seu cérebro aperfeiçoa a concepção ideal de porta conforme ultrapassa os obstáculos impostos pela madeira através de suas propriedades.

11. Enfim, o homem se enriquece externamente e internamente. Externamente porque tem a porta, resultado da transformação da madeira. Internamente porque está ampliando sua capacidade de trabalho, sua capacidade de se apropriar cada vez mais da natureza.

12. Para melhor entender a fantástica capacidade do homem de apropriar a natureza, isto é, de dominá-la, basta extrapolar o exemplo anterior e voltarmos nossos olhos para as conquistas na área médica, nas grandes irrigações, viagens ao espaço, chuvas artificiais, arquitetura, mecânica, eletrônica, física, genética, etc. Enfim, é a produtividade do trabalho alcançada com a coletivização do trabalho: o trabalhador coletivo.

*"A conceituação do trabalho produtivo e de seu executor, o trabalhador produtivo, amplia-se em virtude desse caráter cooperativo do processo de trabalho. Para trabalhar produtivamente, não é mais necessário executar uma tarefa de manipulação do objeto de trabalho. Basta ser órgão do trabalhador coletivo, exercendo qualquer uma das suas funções fracionárias."*²

²Marx, Karl. O CAPITAL, 6a. edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S/A, 1980, Vol.1,

13. Para adentrarmos definitivamente no estudo deste objeto, deixaremos claro a diferença existente entre o TRABALHO e o instinto, pois não é pequeno o número de estudiosos que confundem ambos os termos.

14. O trabalho é um esforço eminentemente humano e o instinto, conseqüentemente, inerente e eminentemente animal, e tal separação não é simplesmente um resultado coloquial.

15. O trabalho é consciente e proposital, permitindo ao homem projetar, antecipadamente, no cérebro aquilo que trabalhará. E mais, habilita o homem a utilizar de uma prática anterior (experiência herdada ou conquistada), ampliando ainda mais a atual capacidade de trabalho que será ampliada ainda mais na posteridade. Enfim, é uma atividade dinâmica, teleológica.

*"O homem isolado não pode atuar sobre a natureza, sem pôr em ação seus músculos sob o controle de seu cérebro. Fisiologicamente, cabeça e mãos são partes de um sistema; do mesmo modo, o processo de trabalho conjuga o trabalho do cérebro e o das mãos."*³

16. O instinto é estático e inato ao animal. Tomemos o exemplo do pássaro tecelão da África do Sul que:

*"...constrói um complicado ninho de gravetos, tendo como base uma borda nodosa de crina. Certo casal foi isolado e mantido por cinco gerações entre canários, fora do alcance de seus companheiros e sem seus materiais costumeiros para fazer ninho. Na sexta geração, ainda no cativado mas com acesso aos materiais, ele construiu um ninho perfeito, inclusive quanto ao nó da crina"*⁴

Liv.2, p. 584.

³Marx, Karl. O CAPITAL, op.cit., Vol.I, liv.2, p.584.

⁴Braverman, Harry. TRABALHO E CAPITAL MONOPOLISTA: A degradação do Trabalho no século XX. 2ª ed. RJ, Zahar Editores, 1980, p. 50.

17. Mesmo considerando que o animal não é totalmente destituído da capacidade de aprender, o que se verifica quando o homem estimula animais mediante engenhosas formas de tutelagens, verifica-se também que tais aprendizados não são transmitidos para outros animais, ou seja, o animal não é educado - no sentido lato do termo - e sim domesticado.

18. Sendo assim, o trabalho é uma força eminentemente humana, e tal fato levou Hegel a concluir que o trabalho é a essência do homem.

19. Dissemos "força eminentemente humana" e, de maneira introdutória, tratamos da "essência do homem". Começemos por tratar deste último.

Será o trabalho a essência do homem ?

20. Pelo pouco que vimos sobre o trabalho é possível afirmar que trabalho é a força que existe entre o homem e a natureza, e pelo que se vê e constata-se na realidade, homem é a essência do operário, do pequeno produtor rural, do pescador, do mendigo, do capitalista, do grande latifundiário, do médico, do professor, etc. E esta essência está lá, ela existe mas não é concreta, isto é, tende a concreção. O que existe realmente é a forma de manifestação do homem: como operário, capitalista,...etc., que nada mais são do que negação do sujeito homem. É por isso que:

"O operário, o capitalista, o senhor feudal, o cidadão romano, etc (até o troglodita...UDM) existem enquanto (e porque) o homem não existe: eles não existirão mais

quando o sujeito "deles" vier à existência".⁵

21. Agora já é possível visualizarmos a dinâmica, a teleologia inerente ao trabalho e que inexiste no instinto como dissemos anteriormente. Afinal, um cachorro nada pode fazer para ser mais animal que outro cachorro, ou se quisermos um outro exemplo, uma laranja nada pode fazer para ser mais fruta que outra laranja.

22. Quanto ao trabalhador, ou seja, o indivíduo que trabalha, vem se fazendo, construindo, dia a dia, a possibilidade do homem manifestar-se como homem, em outras palavras, sujeito de si e da própria natureza. Esta classe de indivíduos é a única que pode inclinar sobre o passado sem falsificar a história, sem esconder nada, sem procurar justificativas para qualquer forma de exploração do homem pelo homem, sem pensamentos pré-concebidos. Mas com a alegria, a felicidade total "do homem para o qual nada que é humano lhe é indiferente"⁶. Aqueles que vivem do trabalho alheio, seja ele o amo de escravos, o senhor feudal ou a pessoa que personifica o capital, principalmente esta última, carece de justificativas para o atual "estado de coisas" e, portanto, "pregam o progresso", a "modernidade" como meio e fim; impõem a "história oficial" ou simplesmente negam a existência de algo que é real, por exemplo, a luta de classes. Dessa maneira, negam a essência homem para manter, conservar a aparência nefasta.

⁵Fauto, Ruy. *MARX: LOGICA E POLITICA*, Vol. I, SP, Editora Brasiliense, 1987, p. 29.

⁶Revunenkov. V.G. *HISTORIA DOS TEMPOS ATUAIS*, Vol. V, Lisboa, C. Livro Brasileiro, s/d, p. 293.

23. A própria história nos mostra que o troglodita, o canibal, saciava sua fome comendo indivíduos recém-nascidos ou velhos demais para contribuir com seu trabalho para a satisfação de suas enormes necessidades. Estes indivíduos, apesar de serem muito diferentes dos indivíduos atuais que produzem até mesmo "necessidades", tem algo em comum: a condição de homem, a essência homem.

24. E nessa mesma rápida passada de olhos sobre a história, fica a firme convicção de que esta essência homem vem sendo trabalhada dia a dia para que se manifeste, se concretize naquilo que Marx denominou de "homem rico, pleno", ou seja, "a riqueza despojada de sua forma burguesa..."⁷. Ou seja, cada vez mais, nos aproximamos do "reino da liberdade".

25. É sabido que o fundador do marxismo rechaçava toda e qualquer especulação sobre o futuro socialista, apesar de toda sua obra salientar o fato de que a ordem socialista é uma fase necessária do desenvolvimento da história da humanidade, pois toda e qualquer ação individual neste sentido é inventar sistemas acabados, modelos, "veículos" pequenos demais para conduzir toda a humanidade. Daí a frase de que a transformação da sociedade regida pelo capital é obra (para não dizer trabalho!) dos próprios trabalhadores. Isto não significa que Marx não tenha tido idéia alguma sobre a sociedade que supera a ordem econômica atual (na qual o trabalho assume a forma de trabalho assalariado e que mais parece tortura, fadiga, cansaço, e destruidora do

⁷Marx, Karl. GRUNDRISSE, Mexico, Fondo de Cultura, Vol. I, p. 345-6.

próprio homem). Em um dos parágrafos que escreveu sobre a sociedade que supera a situação atual - o reino da liberdade - é encontrado nos MANUSCRITOS ECONÔMICOS E FILOSÓFICOS DE 1844:

"Se supusermos o homem como homem e sua relação com o mundo como uma relação humana, somente se pode trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. Se se quer gozar da arte até ser um homem artisticamente educado; se se quer exercer influência sobre outro homem, tem que ser um homem que atue sobre os outros de modo realmente estimulante e incitante. Cada uma das relações com o homem - e com a natureza - tem que ser uma exteriorização determinada da vida individual real que se corresponda com o objeto da vontade. Se amas sem despertar amor, isto é, se seu amor, enquanto amor, não produz amor recíproco, se mediante uma exteriorização vital como homem amante não te convertes em homem amado, teu amor é impotente, uma desgraça".⁸

26. Nesse momento da história a troca de mercadorias, característica principal e expressão do valor da sociedade capitalista, desaparece. O trabalho dos indivíduos se socializa sem intermediação do mercado.

"finalmente, as relações entre os produtores, nas quais se afirma o caráter social dos seus trabalhos, (NÃO mais) assumem a forma de relação social entre os produtos do trabalho"⁹

27. Vimos, de um modo geral, o que é a essência homem e sua dinamicidade. Que esta dinamicidade não é impulsionada do além. E sim pelo trabalhador, daí o trabalho ser uma "força eminentemente humana". É sobre isso que iremos tratar agora e que nos levará a formulação de algumas questões que nortearão nosso estudo.

⁸ Marx, Karl. MANUSCRITOS ECONOMICOS E FILOSOFICOS DE 1844, Madrid, Alianza Editorial, 1985, p. 181.

⁹ Marx, Karl. O CAPITAL, vol. I Livro I, SP, Civ. Brasileira, p. 80.

- CAPÍTULO I -

VISÃO GERAL

DA EVOLUÇÃO SOCIAL

1. INTRODUÇÃO.

28. Sendo que toda produção significa apropriação da natureza pelo indivíduo e, considerando que este - o indivíduo - só existe quando em relação com outros indivíduos, e que portanto é um ser social, podemos dizer que a propriedade (a apropriação) é uma condição da produção¹⁰. Por outro lado, se produzir significa trabalhar, o trabalho é, então, meio de apropriação.

29. Num primeiro momento, trabalhar o sustento de toda uma comunidade - a apropriação da externalidade - significa depender da natureza, dos frutos/produtos que ela lhe presenteia. A produção se revela, se torna uma necessidade, com o aumento populacional. E mais, significa também que esta mesma população tem que ser nômade. Em outras palavras, a população não é sedentária por natureza.

30. Há suposição de que tenham sido as mulheres (grávidas) quem determinaram o desenvolvimento inicial da agricultura, o que significava tornar a comunidade sedentária, e assim colocava-se a

¹⁰ Marx, Karl. GRUNDRISSE, México, Fondo de Cultura, Vol. I, p. 4.

necessidade de descobrir o segredo da natureza, no brotar das plantas.

31. Porém, a sedentarização e o desenvolvimento da agricultura leva a população a enfrentar uma contradição: para desenvolver a agricultura necessitava-se de uma sedentarização progressiva e, para conservar a caça (atividade característica de povos nômades) necessitava-se do seu contrário.

32. A superação desta contradição se deu com o desenvolvimento da agricultura e a domesticação dos animais.

33. Neste contexto, o trabalho é apropriação da natureza e confunde-se com o próprio VIVER, trabalhar e viver são sinônimos. E Albornoz nos dá uma clara idéia disso quando trata de um exemplo de uma tribo indígena:

*"Um grupo de pessoas ligadas por laços sanguíneos e sentimentos, motivadas por lendas, mitos, crenças e conhecimentos comuns, e que provém à sua subsistência por um esforço coletivo que obedece a determinada ordem. De que modo sobrevivem? Colhem frutos das árvores; pescam, caçam... Observam os rituais dos antepassados e fazem a festa onde consomem a caça e a pesca conseguidas."*¹¹

34. Porém, quando Albornoz tenta definir o trabalho neste primeiro estágio, ou seja, quando tenta mostrar que o trabalho e o viver aparecem juntos, ela o faz colocando a natureza na condição de trabalhador também. Veja:

¹¹Albornoz, Suzana. O QUE É TRABALHO, SP, Ed. Brasiliense, Col. Primeiros Passos no. 171, pp. 14 - 15.

*"O trabalho neste primeiro estágio da economia isolada e extrativa é um esforço apenas complementar ao TRABALHO DA NATUREZA"*¹²

35. Confunde-se trabalho com viver porque trabalha-se para reproduzir-se, e o nível das forças produtivas é tão baixo que todo o tempo possível é dispensado com o trabalho, caçando, pescando, colhendo frutos, etc., para imediatamente consumi-los. E assim, pouco a pouco, a comunidade vai desvendando os segredos da natureza, enriquecendo sua capacidade de trabalho, ampliando seu potencial de trabalho.

36. A terra é seu laboratório natural. E somente como membro de uma comunidade - a horda - é que se considera proprietário da mesma, possuidor da terra. Se considerarmos o indivíduo ilhado ele não poderia ser proprietário de terra como não poderia ter uma linguagem, pois esta última só surge quando existe um grupo de indivíduos.

37. A divisão do trabalho é muito elementar nesta primeira forma de propriedade. E parece impossível falar em individualidade, pois fora da comunidade o indivíduo perece.

38. Na segunda forma histórica de propriedade - a comunal ou do Estado - a divisão do trabalho se desenvolve. Encontramos aqui o antagonismo entre cidade e campo, e internamente à própria cidade encontramos antagonismos entre indústria e comércio marítimo. Para isso, foi preciso um mínimo de desenvolvimento das forças produtivas, possibilitando um excedente de produção que

¹²Ibiden, p. 16.

permitisse a uma parte da comunidade se dedicar a outras atividades que não a especificamente ligada à produção da subsistência.

39. E as guerras, as pilhagens, os saques, etc., características deste período da história são meios utilizados para permitir um constante aumento deste excedente e assim possibilitar que uma minoria execute o trabalho de dirigir a sociedade, organizando a produção e a distribuição e outras atividades, ou mesmo para satisfazer necessidades impostas a uma população que aumenta, impedindo que esta se estacione e se adapte às condições até então conquistadas. Neste contexto guerrear também é um tipo de trabalho, pois é uma atividade imprescindível para a sobrevivência daquela sociedade.

40. O trabalho escravo aparece como consequência da primeira situação. Afinal, a comunidade que saqueava e guerreava para satisfazer a fome se apropriava dos produtos e quando o volume este era pouco os indivíduos da comunidade vencida eram sacrificados para servirem de alimento ou mesmo para que se reduzisse o número dos participantes do pouco que se produzia e que se conquistava.

41. A condição de escravo, prisioneiro tanto de uma minoria de indivíduos como da própria natureza, colocava a necessidade de restabelecer-se no campo fundado numa nova forma de produzir e, conseqüentemente, de distribuir a riqueza produzida.

42. A IDADE MÉDIA teve o campo como ponto de partida,

forjando a terceira forma histórica de propriedade que é a feudal ou por estamento.

43. A principal forma de trabalho neste período era o trabalho servil. O capital - ainda na forma embrionária porque o trabalho assalariado não tinha ainda se consolidado - que se erigia nas cidades consistia numa casa, nos instrumentos de ofício e passava-se de pai para filho, devido ao estado rudimentar do comércio, existindo apenas nos interstícios desse mundo antigo. E estava diretamente ligado ao trabalho específico do proprietário, era um capital de estamento ou primitivo¹³.

44. A fuga dos servos para as cidades exigia a manutenção de uma força militar organizada para defender os artesãos e a venda de suas manufaturas e impedir os não-credenciados de exercerem tais ofícios. E assim,

*"Havia entre os artesãos medievais ESPECIAL INTERESSE PELO TRABALHO e pela excelência nele, ao ponto de despertar um certo senso artístico. Por esta mesma razão, entretanto, cada artesão medieval estava completamente absorvido pelo trabalho, com o qual desenvolvia um relacionamento gratificador e escravizador."*¹⁴

2. HOMEM DUSADO E AUDAZ.

45. Façamos um parênteses para colocar algumas questões.

46. Que relacionamento gratificador e escravizador é esse?

¹³ Estamento significa "Cada um dos grupos da sociedade com status jurídico próprio" (Dic. Aurélio) e/ou (capital) fluindo diretamente do "erário público".

¹⁴ Marx, Karl. THE GERMAN IDEOLOGY, 3ª ed., Moscou, Progress Publishers, 1976, p. 76.

47. Que especial interesse pelo trabalho é esse?
48. Considerando o exemplo dado sobre o marceneiro; seriam os efeitos benéficos obtidos com o transformar, por exemplo, a madeira em porta?
49. É importante observar que o impulso, o fato de ter "um especial interesse pelo trabalho" a ponto de se deixar absorver por ele - seja para obter riqueza externa (matéria transformada) ou interna (capacidade de trabalho ampliada, por relacionar fatos novos) - partia do homem.
50. Por outro lado, o fator escravizador parece derivar do fato de que o homem precisa trabalhar para sobreviver. E uma vista geral da história nos leva a crer que o trabalho exigia (assim como exige do atual trabalhador) dele algo mais que a dispensa de um esforço para a satisfação de necessidades imediatas. Exigia algo que transcendia a imediaticidade. Exigia-se a redenção de todos os homens e não simplesmente dos artesãos. Enfim, diz-se do caráter teleológico do trabalho, isto é, não permitindo que o homem se realize plenamente ao realizar (concretizar) a mais bela das obras.
51. Fechando o parênteses e voltando ao nosso estudo, o passo seguinte na divisão do trabalho foi a separação da produção e do comércio.
52. A constituição de uma classe especial de mercadores possibilitava aos produtos dos artesãos transcender a vizinhança imediata. A expansão do comércio e da indústria acelerou a

acumulação de capital móvel¹⁵, sem vínculo com a terra. O capital estamental ou primitivo se transforma, dessa maneira, em capital, pois se funda no trabalho assalariado.

53. Portanto, desenvolvem-se as manufaturas, superando o sistema corporativo. Se o trabalho já na corporação estabelecia a pré-condição para a máquina, na manufatura encontra a porta aberta para desenvolver-se como apêndice da máquina. Pois representava o refúgio dos camponeses; alternativa às corporações que os excluíam e pagavam mal.

54. Com a decadência dos feudos, a dispensa dos enormes corpos militares dependentes dos reis para a defesa das corporações, o cercamento das terras, com a Reforma e saques dos bens da Igreja, com a legislação sanguinária contra os expropriados, etc., grande parte da população é compelida à vagabundagem, para, logo em seguida, ser burilada e enquadrada na disciplina que o sistema de trabalho assalariado exigiria.

55. A burguesia nascente, antes de condenar ao mínimo as funções do Estado, utilizou-o para impor uma disciplina férrea ao proletário também nascente.

"Em todo ofício de que se apossa, a manufatura cria uma classe de trabalhadores sem qualquer destreza especial, os quais o artesanato punha totalmente de lado. Depois de desenvolver, até atingir a virtuosidade, uma única especialidade limitada, SACRIFICANDO A CAPACIDADE TOTAL DE TRABALHO do ser humano, põe-se a manufatura a transformar numa especialidade a ausência de qualquer formação. Ao lado da graduação hierárquica, surge a

¹⁵ Marx, Karl. MANUSCRITOS ECONÔMICOS E FILOSÓFICOS DE 1844, op. cit., pg 99.

O conceito de "capital móvel" é uma dedução do fato de que o capital, quando desvinculado da propriedade da terra, torna-se mercadoria e é alocado conforme o nível da taxa de lucro.

*classificação dos trabalhadores em hábeis e inábeis."*¹⁶

*"Mendigos sem licença e com mais de 14 anos serão flagelados severamente e terão suas orelhas marcadas a ferro, se ninguém quiser tomá-los a serviço por 2 anos; em caso de reincidência, se tem mais de 18 anos, serão enforcados, se ninguém quiser tomá-los a serviço por 2 anos; na terceira vez serão enforcados, sem mercê, como traidores."*¹⁷

*"Quem perambule e mendigue será declarado vadio e vagabundo."*¹⁸

56. No exemplo da porta, vimos que a madeira impõe suas propriedades que, imediatamente, são superadas pelo marceneiro. Agora, na véspera da época capitalista, as condições do processo de trabalho impõe um julgamento ao indivíduo (hábil e inábil) que trabalha, não permitindo que nele participe aquele que não segue a férrea disciplina que começa a ser imposta.

57. Este organismo coletivo que trabalha na cooperação simples ou na manufatura é uma forma de existência do capital. Durante esse período, onde a manufatura era a forma dominante, opunham-se a plena realização de suas tendências obstáculos de diversa natureza.

58. A insubordinação dos trabalhadores era um dos obstáculos, e o mais importante deles. O Ludismo¹⁹, entre muitos outros fatos históricos, nos dá uma boa dimensão dessa

¹⁶Marx, Karl. O CAPITAL, 6ª ed., RJ, Civ. Brasileira, 1986, p.401.

¹⁷Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, Liv. 2, p. 852.

¹⁸Ibidem, p. 853.

¹⁹Ludismo caracteriza o movimento operário na época da Revolução Industrial e liderado por Ludi com o objetivo de destruir máquinas, pois segundo Ludi, estas lhes tiravam os empregos e a possibilidade de ganhar a vida.

problemática.

59. Isto porque considerava-se trabalho aquele que permitisse uma expansão do capital (trabalho produtivo). É o capital dominando o trabalho. Produz-se para a troca, e em seguida obtém-se aquilo que se necessita para sobreviver, é o valor-de-troca começando a se sobrepôr ao valor-de-uso, é a mercadoria se consolidando. Se se utilizava do trabalho para se apropriar de algo, agora serve para ser desapropriado.

60. Quando o trabalho se materializa na mercadoria - fundando o capital, até mesmo a forma de propriedade da terra passa por transformações. A forma propriedade privada, móvel por natureza é derivada da forma propriedade da terra - isto é, um germe que se desenvolve (des-envolve) a partir desta - fará todo o possível para lançar a propriedade da terra dentro de seu movimento. E este é outro grande obstáculo que o capital enfrenta: fazer a natureza marchar ao seu ritmo.

61. Este ritmo, que começa a ser imposto pelo capital é cada vez mais mordaz. Sabemos que a própria natureza nos fornece um relógio fantástico como os movimentos das marés, do dia e da noite, da lua, etc., porém a indústria nascente carecia de algo mais preciso para não deixar "passar" o tempo, pois assim se gasta: tempo também é dinheiro. É chegada a era em que o produto do trabalho do homem começa a assumir a condição de sujeito, e o homem objeto, é o relógio dizendo ao sol o momento em que deve se esconder. É o fetichismo da mercadoria.

62. Quanto ao trabalho, sabemos que, de um modo geral, este

é capaz de produzir mais do que o estritamente necessário para o consumo, principalmente quando se considera o desenvolvimento das forças produtivas obtido até então. Esse prolongamento do trabalho para além do ponto em que o trabalhador se reproduz é apropriado pelo capital e recebe o nome de mais-valia. Sendo este mais-valor que permite ao capitalista expandir seu capital, auto-valorizando-o.

"o processo de produzir valor dura até o ponto em que o valor da força de trabalho pago pelo capital é substituído por um equivalente. Ultrapassando este ponto, o processo de produzir valor torna-se processo de produzir mais-valia (valor excedente)"²⁰.

63. Tendo sido obrigado a vender sua força de trabalho ao capital, o trabalhador também entrega seu interesse no trabalho, agora alienado.

64. Thompson, em A FORMAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA INGLESA mostra a incansável resistência dos trabalhadores para com o capital. Mostra, também, todo o processo que culminou na transformação da manufatura na grande indústria, onde esta se apodera dos instrumentos característicos da produção, da própria máquina e da produção de máquinas com máquinas, estabelecendo "a base técnica adequada para (o capital) erguer-se sobre seus próprios pés".²¹

65. Dessa maneira, consolida-se o "progresso", onde o meio (meios de produção) torna-se mais importante que o fim (homem).

²⁰ Marx, Karl. *Ibidem*, p. 220.

²¹ Marx, Karl. *Ibidem*, p. 438.

"...quando a máquina, ao transformar a matéria-prima, executa sem ajuda humana todos os movimentos necessários, precisando apenas da vigilância do homem para uma eventual intervenção, temos um sistema automático, suscetível, entretanto, de contínuos aperfeiçoamentos".²²

66. Dessa maneira, o sistema fabril impõe transformações na natureza humana. O homem, de sujeito de todo esse processo, torna-se apêndice, objeto; reverte-se a situação.

"o paroxismo do trabalho do artesão ou qualquer trabalhador deve ser metodizado até que o homem se adapte à disciplina da máquina".²³

3. HOMEM USADO E TEMEROSO.

67. Façamos um segundo e último parênteses.

68. Nota-se que essa "força mediadora que denominamos de trabalho, agora tem seu ponto de partida fora do homem, ou seja, na máquina, contrariamente ao que acontecia com o artesão, por exemplo. E mais, o trabalhador perde aquele "especial" interesse pelo trabalho.

69. Sendo assim, o TRABALHO, num certo período da história tem seu ponto de partida no homem, ele é ousado, audaz. Na era atual, sob o modo de produção capitalista, tem seu ponto de partida na máquina, o homem torna-se usado e temeroso. Ou seja, o TRABALHO contém pontos de partida contraditórios. No primeiro

²² Marx, Karl. *Ibidem*, 434.

²³ Thompson, E.P. *THE MAKING OF THE ENGLISH WORKING CLASS*, 1ª ed., Vintage, NY, 1966, p.362.

caso é o trabalhador quem move os meios de trabalho, no segundo é movido pelos meios de trabalho.

70. Seria ingenuidade afirmar que o trabalho agora, tendo seu ponto de partida na máquina, é "trabalho da máquina".

71. Se assim fizéssemos, encontraríamos "trabalho do vento", "trabalho da água", "trabalho da mula", etc. Enfim, a palavra TRABALHO se espraalaria tanto que perderia sentido.

72. O próprio J. B. Say se contradiz quando introduz os termos "trabalho do homem", "trabalho da máquina" e "trabalho da natureza":

"Vimos que o homem força (sic!) os agentes naturais e até os produtos de sua própria indústria (a máquina...VDM) a trabalharem em conjunto com ele para a obra da produção".²⁴

73. Essa reversão interna na categoria trabalho implica na degradação do trabalho, mais especificamente do homem.

74. Harry Braverman, em TRABALHO E CAPITAL MONOPOLISTA: A DEGRADAÇÃO DO TRABALHO NO SÉCULO XX, descreve e analisa de maneira clarificadora e convincedora os efeitos dessa reversão.

75. F.W. Taylor, nas primeiras décadas deste século, escreve:

"A mudança da administração empírica para a administração científica envolve, entretanto, não somente o estudo da velocidade adequada para realizar o trabalho e remodelação dos instrumentos e métodos na fábrica, mas também completa transformação na atitude mental de todos os homens, com relação ao seu trabalho e aos seus patrões."²⁵

²⁴Say, J.B. TRATADO DE ECONOMIA POLITICA, 10 ed. SP, Abril Cultural, 1983, p.91.

²⁵Taylor, F.W. PRINCIPIOS DE ADMINISTRAÇÃO CIENTIFICA, 7 ed. ,SP, Editora Atlas, 1978, p.95.

76. Que transformações mentais são estas?

77. A resposta se encontra no mesmo livro desse mesmo autor quando comenta sobre os requisitos para que um indivíduo se adapte às novas condições de trabalho:

*"...é ser tão ignorante e fleumático que mais se assemelhe em sua constituição mental a um boi. Um homem de reações vivas e inteligentes é, por isso mesmo, inteiramente impróprio para tarefas tão monótonas."*²⁶

78. O termo "ignorante" da citação anterior aparece na tradução como "estúpido", tradução literal de "stupid".

79. Poderíamos argumentar que tal exigência se refere a trabalhadores manuais e que esse tipo de trabalho tende a não mais existir com a introdução de novas máquinas, robôs, etc.

80. Acontece que no modo de produção capitalista existe um limite para a introdução de novas máquinas e, nada indica que a maquinaria tende a generalizar-se por todos os ramos da economia. Veremos este fato mais adiante.

81. Por outro lado, no livro de Braverman, citado anteriormente, encontramos fatos que negam a afirmação de que esta degradação esteja especificamente relacionada ao trabalho manual.

82. A revista TIME de 02/fev/87, traz como manchete o seguinte: Why is service so bad? (por que o trabalho é tão ruim?). O artigo não é profundo em termos teóricos, principalmente por não conseguir sair da armadilha da comparação

²⁶Taylor, F.W. *Ibidea*, p.66.

entre a eficiência japonesa e a norte-americana. Mas num certo ponto do artigo encontramos a seguinte conclusão: "A tendência (empresarial) tem sido economizar divisas em treinamentos e projetar o trabalho para exigir o mínimo possível de conhecimento do trabalhador. Este fato permite diminuir ao mínimo o erro, mas ofende a moral e torna-se difícil para os trabalhadores usar suas próprias cabeças para resolverem problemas comuns diretamente com o consumidor". Como solução, o autor recomenda aos empresários o estabelecimento de tempo de lazer, para readquirir o sorriso perdido através do estressante trabalho. Este autor parece estar contagiado pela doença para a qual tenta descobrir o remédio!

83. O "tempo de lazer" proposto pelo autor não é a solução, pois este também está inserido na lógica do capital. Portanto, esta é a busca da solução via lógica do capital, é buscar vida num cemitério, é o mesmo que tentar saciar a fome com a vontade de comer.

84. Dessa maneira, o uso capitalista da máquina revoluciona radicalmente o trabalho, torna supérflua a força humana.

85. Tornando supérflua a força humana muscular, o capital não deixa de continuar precisando do trabalho. O capital só existe enquanto (e porque) o trabalho existe.

86. Portanto, existe um limite para o emprego de máquinas:

"Uma vez que (o capital) não paga o trabalho empregado, mas o valor da força de trabalho utilizada, a aplicação da maquinaria, para o capital, fica limitada pela diferença entre o valor da máquina e o valor da força de trabalho que a substitui".²⁷

²⁷ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit. p.447.

87. Isto posto, vejamos agora um último parágrafo onde Marx mesmo relata em utilizar a palavra trabalho, pois a mesma passa a ter vários conteúdos ao descrever o "reino das necessidades" para o "reino da liberdade":

*"De fato o reino da liberdade começa onde o trabalho deixa de ser determinado por necessidades e por utilidade exteriormente imposta; por natureza, situa-se além da esfera da produção material propriamente dita. O selvagem tem de lutar com a natureza para satisfazer as necessidades, para manter e reproduzir a vida, e o mesmo tem de fazer o civilizado, sejam quais forem a forma de sociedade e o modo de produção. Acresce, desenvolvendo-se, o reino do imprescindível. E que aumentam as necessidades, mas, ao mesmo tempo, ampliam-se as forças produtivas para satisfazê-las. A liberdade nesse domínio só pode consistir nisto: o homem social, os produtores associados REGULAM racionalmente o intercâmbio material com a natureza, CONTROLAM-NO coletivamente, sem deixar que ELE seja a força cega que os domina; EFETUAM-NO com o menor dispêndio de energias e nas condições mais adequadas e mais condignas com a natureza humana. Mas ESSE ESFOÇO situar-se-á sempre no reino da necessidade. Além dele começa o desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer tendo por base o reino da necessidade. E a condição fundamental desse desenvolvimento humano é a redução da jornada de TRABALHO."*²⁸

88. Sendo assim, como explicar essa categoria - o trabalho - que mesmo sofrendo mudanças significativas internamente, ao longo da evolução social, aparentemente mantém-se com seu fundamento essencial?

89. Como explicar essas mudanças?

90. Considerando a relação Homem/trabalho/matéria, sabemos que:

²⁸Marx, Karl. O CAPITAL, 6ª ed., Civ. Brasileira, RJ, 1980, p.942.

*"O moinho manual dar-vos-á o suserano; o moinho a vapor, a sociedade com o capitalista industrial"*²⁹

91. Ao longo da evolução social, que movimento segue a categoria trabalho?

92. Sendo a diferença entre trabalho e instinto a capacidade de relacionar fatos e/ou idealizar aquilo que se trabalha, não estaria o homem sendo despojado desta característica fundamental?

93. São estas e outras questões que nos levam a estudar a categoria trabalho.

94. É sabido que Marx observa na mercadoria o caráter duplo do trabalho, ou seja, o trabalho concreto, útil, e o trabalho abstrato, sendo que este último predomina, no capitalismo, sobre o primeiro e passa a ser medida do valor. É importante salientar que estas categorias "trabalho concreto" e "trabalho abstrato" explicam o trabalho na sociedade capitalista e, considerando a relação homem/trabalho/matéria, poderíamos afirmar que elas se restringem aos dois últimos componentes da tríplice relação, ou seja o trabalho objetivado, materializado. Afinal seu objeto de estudo era O CAPITAL.

95. Propomos um estudo que, sem deixar de lado este significativo aspecto, abarque principalmente os dois primeiros aspectos da tríplice relação: homem/trabalho. Daí o título de TRABALHO: VIDA E MORTE e a necessidade de abranger não só o modo de produção capitalista como toda a história.

²⁹Marx, Karl. A MISÉRIA DA FILOSOFIA, p.

96. Com certeza este estudo nos possibilitará uma reflexão enriquecedora. Vejamos agora em que sentido a inclusão desses dois pares - vida e morte - pode contribuir para essa reflexão.

97. Como bem salienta Kosik³⁰, a escolha dos pares dialéticos, dentre uma gama enorme desses, por exemplo teleologia-causalidade; animalidade-humanidade; necessidade-liberdade; particular-universal; real-ideal; interior-exterior; etc. apresentam insuficiências. Eles "não passam de noções parciais e fogem à problemática..."³¹

98. Dessa maneira, utilizaremos dos pares dialéticos VIDA E MORTE por considerá-los mais abrangentes e, portanto, adequados para compreender a categoria trabalho.

³⁰ Kosik, Karel. DIALÉTICA DO CONCRETO, 3a. edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra Editora, 1985, pg. 177.

³¹ *Ibideam*, pg. 181.

- CAPÍTULO II -

TRABALHO VIDA

1. COMUNIDADE: O TODO INDIVISÍVEL.

99. O processo onde há participação tanto do homem como da natureza, sendo que o primeiro regula, controla impulsiona e que resulta no produto, nada mais é que TRABALHO, trabalho em geral. O trabalho mediatiza alterações em ambos os extremos, isto é, alterações tanto no homem como na natureza.

100. O trabalho é a base, o alicerce, de tudo: das coisas em geral, da matéria-prima ou natureza que se transforma em coisa, dos meios de trabalho - seja este um simples galho de árvore para apanhar um fruto ou uma complexa máquina automatizada e que produz outras tantas coisas. É mais, é o fundamento do próprio homem.

101. No texto de F. Engels - HUMANIZAÇÃO DO MACACO PELO TRABALHO³² - fica evidente, apesar de polêmico, o fato de que "o trabalho, por si mesmo criou o homem".³³

102. Dessa maneira, sabendo que há milhares de anos uma raça de macacos antropóides - num mais avançado estágio de desenvolvimento - transforma-se em homem, perguntemos a Engels

³²Engels, Frederich. A DIALÉTICA DA NATUREZA, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1979, pp. 215 - 238.

³³Ibidem, p. 215.

qual foi o passo decisivo dessa transição. A resposta é a seguinte:

*"Esses macacos foram, pouco a pouco, desacostumando-se de empregar as mãos ao caminhar em solo plano, adotando uma marcha mais ou menos erecta".*³⁴

E qual o significado dessa abdicação de utilizar as mãos (ou patas dianteiras) no ato de caminhar

*"Já que a marcha erecta, entre nossos peludos antecessores, devia tornar-se, primeiramente um hábito e, depois uma necessidade, é natural supor-se que, ao mesmo tempo, as mãos deviam dedicar-se, cada vez mais, a outras novas tarefas".*³⁵

E o que tem isso a ver com o "passo decisivo"?

*"...a mão humana tinha sido libertada e poderia, sem cessar, ir adquirindo novas habilidades, sendo que a maior delas, assim conseguida, podia ser herdada e melhorada, de geração em geração."*³⁶

103. Como se deu essa liberação das mãos? De um modo geral, ao trepar nas árvores, ao colher frutos, ao defender-se de tudo aquilo que os enfrentavam, enfim, ao trabalhar a natureza que os hostilizavam quando da necessidade de manter o metabolismo natural entre este ser animal/homem e ela, a natureza. Neste ato, as mãos, evidentemente, eram usadas de maneira distinta dos pés.

104. Sendo assim, "a mão não é apenas um órgão do trabalho: é também um produto deste"³⁷. E mais,

³⁴Ibidem, p. 215.

³⁵Ibidem, pg. 216

³⁶Ibidem, p. 216.

³⁷Ibidem, pg. 217.

*"Somente pelo trabalho, por sua adaptação e manipulações sempre novas, pela herança do aperfeiçoamento especial assim adquirido, dos músculos e tendões (e, em intervalos mais longos, dos ossos; e, pela aplicação sempre renovada, desse refinamento herdado, a novas e cada vez mais complicadas manipulações), a mão humana alcançou esse alto grau de perfeição por meio do qual lhe foi possível realizar a magia dos quadros de Rafael, das estátuas de Thorwaldsen, da música de Paganini."*³⁸

105. O próprio alongamento dos membros superiores e seu respectivo aperfeiçoamento, resulta do fato de que, num certo período, quem não tivesse braço alongado (e livre da necessidade de apoiar os pés no ato de caminhar) não alcançaria o fruto (a maçã do pecado) tão procurada para saciar a fome. É a negação da natureza, o trabalho de negar a natureza externa para afirmar a natureza interna, de humanizar a natureza.

106. Além do mais, os membros superiores, ao passar por tais transformações, faz alterar, também, todo o corpo animal. Esse processo de transmissão simultânea é denominado por Darwin "lei de correlação do desenvolvimento". E assim, do fato de manusear as coisas, o tato se apura e envia informações ao cérebro que, devido ao montante, agora acrescido, de informações, exige seu desenvolvimento. As alterações afetam o cérebro, o olho, a audição, a degustação, o olfato, enfim, amplia-se o raio de percepção do animal/homem, fazendo dele um ser humano ao descobrir na natureza qualidades até então desconhecidas. E tais descobertas, por mais simples e elementares que sejam, põem, de forma potencial, a possibilidade de reversão na relação

³⁸ *Ibidem*, pg.217.

irracional do animal/homem com a natureza. Ele, o homem, começa a "engatinhar" em termos de reflexão sobre sua própria ação.

107. Apesar de estarmos analisando o indivíduo, isso tudo se dava em grupos de indivíduos, isto é, em bando. A hostilidade da natureza era tamanha que, individualmente, era impossível enfrentá-la. Dessa maneira, forjam-se meios para se juntarem ainda mais.

*"Os homens em formação atingiram um ponto em que tinham alguma coisa a dizer uns aos outros. A necessidade criou para isso, um órgão apropriado: a tósca laringe do macaco transformou-se lentamente, mas num sentido definido, adquirindo modulações cada vez mais diferenciadas; e os órgãos da boca foram aprendendo gradualmente a pronunciar uma palavra após a outra."*³⁹

108. Tal fato impõe, cada vez mais, a necessidade de ampliar a capacidade cerebral, que por sua vez, exige cada vez mais dos outros órgão que compõem o organismo humano, determinando, dessa maneira, o desenvolvimento da capacidade de relacionar fatos, palavras, armazenados no cérebro e originados de experiências anteriores. Sendo que a racionalidade é justamente esta capacidade de relacionar os elementos organizados na memória⁴⁰, então o animal se humaniza também ao se racionalizar.

"A memória e a racionalidade humanas não são atributos individuais senão de toda uma espécie, desde que sejam devidamente transmitidas. Esta capacidade de transmitir já é, de por si, um salto com relação aos outros animais, mas igualmente importante é a capacidade de prever, também derivada da ligação das experiências

³⁹Ibidem, pg. 218.

⁴⁰Campanário, Paulo. DIALECTICA Y EMPIRISMO, San José, Costa Rica, EDUCA,, 1983. pg. 85.

memorizadas." ⁴¹

109. Dessa maneira, quando do trabalho ou força despreendida de maneira irracional sobre a natureza externa hostil, põe o seu contrário, a possibilidade de continuar enfrentando a hostilidade natural, agora, de maneira racional, ou seja, começa a transformar a irracionalidade em racionalidade, transformando também o animal irracional em animal racional ou homem. Dessa maneira, podemos considerar o trabalho como algo exclusivamente humano.

"Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior dos arquitetos da melhor das abelhas é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade." ⁴²

110. Esta distinção começa a ser percebida pelo próprio homem muito tempo depois, sendo que nesse ínterim, o homem foi descrito de várias formas, como por exemplo, "animal que fabrica seus próprios utensílios" (Benjamin Franklin); "animal religioso" (Edmundo Burke); "animal político" (Aristóteles); "animal que ri" (Thomas Willis); etc. Tais concepções resultam do fato de que, dada a relação homem/natureza mediatizada pelo trabalho, esta ainda não havia desenvolvido o suficiente para permitir uma visão mais adequada, coerente e real. Mesmo assim, a busca de uma clara percepção da diferença entre o homem e o animal é constante,

⁴¹Campanário, Paulo. DIALECTICA Y EMPIRISMO, San José, Costa Rica, EDUCA, 1983. pg. 85.

⁴²Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, Livro I, pg. 202.

sendo que, nessa caminhada que exige muito TRABALHO, o primeiro passo é a negação do animal e, "não é fortuito que o símbolo do anti-Cristo fosse uma Besta, ou que o Diabo costumasse ser retratado como combinação de homem e animal"⁴³ E o homem teve que trabalhar muito para que fosse possível visualizar como se processava a manifestação da forma essencial (homem) nos diversos tipos aparentes como troglodita, escravo, senhor, passando pelo atual operário até atingir sua plenitude, ou seja, homem por completo, pleno.

111. Então, pelo trabalho, o homem se fez potência, se desenvolve - DES-envolve - de uma situação hostil e devoradora. E quanto mais trabalha, mais se desenvolve, pois, como temos visto, "a memória permite basicamente evitar experiências desagradáveis ou repetir experiências agradáveis, mantendo-se de tal maneira o equilíbrio vital do organismo (homeostasia)"⁴⁴. Isto se soma à possibilidade de imaginar "situações complexas jamais experimentadas com anterioridade"⁴⁵ e realizá-las. E foi assim que, o homem não só desenvolveu seus instrumentos mais imediatos - seus órgãos e membros - como também passou a desenvolver os instrumentos mediatos de trabalho: de paus, pedras lascadas, ossos à técnica de produção e conservação do fogo, cobre, ferro, etc.

112. Dessa maneira, amplia-se a possibilidade de satisfazer

⁴³Thomas, Keith. O HOMEM E O MUNDO NATURAL, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pg. 43.

⁴⁴Campanário, Paulo. Op. cit., pg. 84.

⁴⁵Ibidem, pg. 86.

as necessidades do indivíduo, ou ainda, de grupos de indivíduos, da horda, da tribo, etc. que até então mal conseguiam produzir o produto necessário, aquilo que permitia a reprodução de toda a comunidade.

113. Evidentemente, o trabalho era intenso.

"Quanto mais primitivo é um povo, maior é a porção do seu trabalho e, conseqüentemente, de toda a sua existência ocupada na busca e produção de alimentos. (sendo que) Os métodos mais primitivos de produção de alimentos são colheita de frutos silvestres, a captura de animais inofensivos, bem como as formas mais rudimentares de caça e pesca... (obrigando o indivíduo)... a percorrer um vasto território para juntar víveres suficientes" ⁴⁶.

114. Porém, é preciso salientar que, apesar da intensidade, o trabalho é vida, ou seja, quanto mais se trabalha mais se conquista externalidade e se amplia a capacidade de trabalhar. Ao contrário da intensidade do trabalho na véspera do modo de produção capitalista, onde a jornada de trabalho se estende até 18 horas ou mais, com o intuito de se gerar um excedente cada vez maior e que, de um modo geral, esse excedente é apropriado por outros indivíduos que não os que trabalham.

115. Disto se conclui que, quanto mais trabalha, mais vive; mais a vida domina sobre a morte. Por outro lado, é evidente que a intensidade do trabalho tem um limite que é a própria morte, pois do mesmo modo que a água oxigena a vida, quando ingerida de maneira abundante (intensa), leva ao seu contrário: a morte por afogamento.

⁴⁶ Mandel, Ernest. TRATADO DE ECONOMIA MARXISTA, Lisboa, Ed. Bertrand, 1978, pg. 23.

116. Sendo assim, podemos afirmar que a vida predomina (predomina) sobre a morte na categoria trabalho, e isto significa que a morte está presente mas, de maneira subordinada. Por exemplo, quando da falta de víveres para satisfazer as necessidades da comunidade, isto é, quando da impossibilidade de produzir o produto necessário, praticava-se o infanticídio e a matança de indivíduos idosos e inválidos de um modo geral frente ao trabalho, ou ainda, os saques e as guerras inter-comunidades eram considerados trabalho como se vê na conversa de Ciro e Lisandro ao afirmar que "nunca vou jantar, sem ter transpirado de esforço em algum trabalho guerreiro ou campestre"⁴⁷. Isto mostra que a predominância da vida sobre a morte na categoria trabalho não é posta de maneira linear, pelo contrário, ora avança, ora se retrai e adquire mais força para subordiná-la.

*"Os prisioneiros de guerra são geralmente mortos e muitas vezes comidos. Todos esses esforços para restringir o acréscimo da população...um esforço para escapar a uma ameaça maior: a ruína de todo o povo, por falta de víveres".*⁴⁸

117. Isto significa que, dada a necessidade de sobrevivência da comunidade, o fato desta impor certas restrições à vida, o TRABALHO VIDA ganha forças para se sobrepor à morte. Além do mais, a morte é um fato posto a todos os seres vivos, porém, o homem é o único com possibilidade de afastar a ameaça da morte, pelo menos temporariamente. Isto porque o TRABALHO É VIDA.

⁴⁷Fausto, Ruy. MARX: LÓGICA E POLÍTICA, Vol. II, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987, pg 63.

⁴⁸Mandel, Ernest. Op. cit., pg. 28.

118. E nesse ato de trabalhar o produto necessário não havia possibilidade de divisão do trabalho, exceto, evidentemente, a divisão entre sexos e entre idades, o que "permite um desenvolvimento mais harmonioso do corpo e da atividade humana"⁴⁹.

*"Os povos que ignoram ainda a divisão do trabalho, mas que souberam já vencer a fome e as piores epidemias, graças as condições favoráveis do meio natural (E DO TRABALHO) (Polinésia, certos índios da América do Norte, antes da conquista dos brancos), criaram um tipo humano que causou a admiração do homem civilizado moderno"*⁵⁰

119. Não é por menos que as grandes esculturas de alguns séculos atrás mostram o cultivo e a adoração de um belo corpo humano, por exemplo, a Vênus Demillus.

120. Portanto, estava posta, consolidada, a primeira grande força produtiva: o homem, resultado de um longo e intenso trabalho ou TRABALHO VIDA.

121. Porém, uma vez mais, essa grande força produtiva só pode ser considerada enquanto grupo de indivíduos, só como membro da comunidade poderia se apropriar das condições objetivas, isto é, em termos individuais nada disso aconteceria. E a própria linguagem é um exemplo disso, é um produto da comunidade e só existe enquanto em comunidade, afinal ninguém fala ou aprende a falar consigo mesmo.

122. Isto posto, resta uma questão: se a primeira força

⁴⁹Mandel, Ernest. Op. cit., pg. 26.

⁵⁰Ibidem, pg. 26.

produtiva é a própria comunidade, como pôde esta comunidade desenvolver os demais meios de trabalho (além dos membros extremos do corpo humano) que, de um modo geral, são um prolongamento do corpo humano e que permitiria desenvolver a produção a ponto de permitir a própria sobrevivência da primeira força produtiva, ou seja, a comunidade? Em outras palavras, se a comunidade tinha que trabalhar intensivamente devido a insuficiência do produto necessário e, ao mesmo tempo, tinha que matar parte de seus membros para manter a vida, como pode desenvolver as demais componentes da força produtiva se, nem ao menos conseguia ampliar a primeira e fundamental força produtiva que era a própria comunidade?

123. É uma contradição aparentemente insuperável. Afinal, desenvolver as forças produtivas (a comunidade) significa desenvolver as demais forças produtivas, ou seja, os meios de trabalho. Porém, a vida nômade dessa comunidade e a inexistência da divisão do trabalho colocava obstáculos ao desenvolvimento dos meios de trabalho ou meios de produção. Por outro lado, o aumento desmesurado da população, que num primeiro momento surge como possibilidade de aumentar a produção, também é um obstáculo por gerar mais bocas que a quantidade de víveres e alimentos de um modo geral para abastecê-las, exigindo da própria comunidade a matança de idosos e o infanticídio.

124. Neste aspecto, uma análise superficial resultaria na afirmação da teoria Malthusiana de que somente uma epidemia de fome levaria ao desenvolvimento das forças produtivas,

possibilitando assim sair desse aparente círculo vicioso: aumentar a população para produzir mais; uma parte desta morre por falta de alimento suficiente. Mas uma análise mais profunda e científica nos mostra que:

"O crescimento demográfico requer, mas ao mesmo tempo possibilita, um maior desenvolvimento das forças produtivas".⁵¹

125. Além do mais, não podemos nos esquecer que "formular um problema é resolvê-lo"⁵² e o homem, como temos visto, vem desenvolvendo, cada vez mais, sua capacidade de relacionar fatos na memória, de raciocinar e imaginar situações complexas, podendo inclusive realizá-las. Esta imaginação (imagem-ação) é estimulada pela própria realidade. Então, dado o problema - o círculo vicioso - onde, para desenvolver as forças produtivas primárias é necessário desenvolver as forças produtivas secundárias, ou seja, os meios de trabalho ou instrumentos de trabalho e a própria utilização da terra, porém, o desenvolvimento do primeiro depende do segundo. Dessa maneira, para desenvolver a agricultura era preciso de uma maior sedentarização; para conservar a caça e a pesca era necessário seu contrário: a superação dessa contradição se dá com a sedentarização progressiva e a consequente domesticação dos animais e o desenvolvimento da agricultura.

"Então, é neste preciso momento que se produz um maior desenvolvimento da agricultura e da domesticação de

⁵¹Dierckxsens, Wim. FORMACIONES PRECAPITALISTAS, México, Editorial Nuestro Tiempo S.A., 1983, pg.38.

⁵²Marx, Karl. QUESTÃO JUDAICA, s. ed., São Paulo, Editora Moraes, s. d. pg. 15.

animais" ⁵³

126. A sedentarização com o conseqüente desenvolvimento da domesticação de animais e da agricultura permite o surgimento de um excedente econômico suficiente para utilizar animais que, até então eram utilizados exclusivamente para satisfazer necessidades alimentares, agora são utilizados também como meio de produção. Então, utilizam-se os animais como alimento e também para transporte dos pesados meios de trabalho tanto para alocá-lo a grandes distâncias como para colocá-lo em funcionamento, por exemplo, o arado.

127. Este desenvolvimento das forças produtivas permite ampliar duplamente a comunidade ou primeira força produtiva: quando do aumento populacional e quando se considera a integração entre comunidades até então isoladas e independentes. Ou até mesmo afirmações como esta: "Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra." (Gênesis, I, 28)

128. Façamos uma reflexão sobre esse segundo aspecto do desenvolvimento das forças produtivas: da integração das diversas e dispersadas hordas, comunidades.

129. Em primeiro lugar, a integração expressa a interdependência material entre essas várias comunidades. E, num primeiro momento, se dá com base em migrações, intercâmbio matrimonial, troca de

⁵³ Dierckxsens, *Wim. Op. Cit.*, pg. 33.

produtos específicos desta ou daquela comunidade que produziu um excedente. Portanto, nada mais errôneo que considerar estas formas da troca com comércio, pois aqui a troca assume a forma de cerimonial, de festas, de confraternizações e, além do mais, se encontra à margem da comunidade pelo fato de não existir um excedente permanente. Portanto, é comércio, porém, um "comércio passivo"⁵⁴, pois, não interfere na maneira de produzir das diversas comunidades, ou ainda, não "ativa" a produção para o comércio.

130. Isto significa que toda produção tem por objetivo primeiro a satisfação das necessidades da comunidade. Em outras palavras, o valor-de-uso predomina sobre o valor-de-troca. Evidentemente, pode, também, ocorrer a troca entre uma comunidade que produziu, por exemplo, além do necessário em termos de milho, portanto um excedente comercial. Conseqüentemente, pode e deve trocar esse "excedente comercial" por produtos que comporiam o produto necessário. De um modo geral, podemos dizer que aqui está a primeira manifestação da mercadoria, na sua forma embrionária.

131. Em segundo lugar, a apropriação coletiva da terra, com o constante desenvolvimento das forças produtivas - população ampliada somada a agricultura como aspecto básico da produção - das diversas comunidades, põem - na forma potencial - a apropriação privada ou familiar da terra. E mais,

⁵⁴ "...limitava-se ao chamado comércio passivo, já que o impulso para as atividades criadoras de valores-de-troca vem [aqui] de fora e não responde à estrutura interna da produção..." "A troca de excedente postula a troca e o valor-de-troca. Mas somente sobre o excedente e decorre paralelamente à produção." Marx, Karl. GRUNDRISSE, op.cit., Vol. I, pg. 146.

*"Na medida em que se incrementam as forças produtivas sociais do trabalho, maior será seu caráter individual e sedentário da produção... e a conseqüente incorporação dos pastos comunais como parcelas privadas se agudiza uma contradição entre propriedade privada e propriedade comunal".*⁵⁵

132. Isto significa que tal conflito põe a "jurisprudência"⁵⁶, uma vez que: a propriedade comunal possibilita o desenvolvimento de todos os membros da comunidade como proprietário privado, isto é, gera o seu oposto e o desenvolvimento destes últimos põe a necessidade de privatizar aquilo que, até então, era comunal.

133. Dessa maneira, a própria organização social da comunidade torna-se cada vez mais complexa.

*"A reprodução de toda a comunidade com os vínculos entre os distintos clãs requer, então, um trabalho especializado e centralizado. Em outras palavras, a divisão entre trabalho manual e diretivo se torna uma necessidade histórica. A única qualificação possível para este trabalho pode ser o da experiência acumulada"*⁵⁷

134. Então, quanto mais o homem trabalha a natureza, humanizando-a, apropriando-a cada mais, mais modifica suas próprias relações humanas e seu próprio organismo. Kautsky afirma que a passagem do homem-animal ao homem se dá quando este último passa a produzir os meios de produção, o que significa fundar seu próprio reino, podendo produzir e reproduzir suas condições de vida.

⁵⁵ Dierckxsens, *Wiss. Op. cit.*, pp. 44 - 45.

⁵⁶ Jurisprudência significa ciência do direito e das leis, segundo o dicionário Aurélio.

⁵⁷ *Ibidem*, pg. 51.

135. Não discordamos da afirmação anterior, mas acrescentaríamos que, em termos da categoria trabalho, a divisão ficaria mais nítida se considerássemos o CONHECIMENTO - a capacidade de apreender a realidade ou de ter ciência das coisas - inerente ao trabalho, a capacidade de relacionar fatos na memória, experiências passadas e, em seguida, fazer projeções. Em outras palavras, antes mesmo de produzir uma mesa, o marceneiro primeiro elabora a concepção de mesa no cérebro para depois realizá-la. Sendo que este fato é fundamental no que diz respeito à diferença entre trabalho e instinto e homem-animal e homem. Então, é importante deixar claro que neste contexto, de intenso trabalho-vida, começa a despontar a necessidade não só de apreender a natureza externa, mas também a natureza homem, o conhecer a si mesmo e, assim, apreender a natureza por completo.

2. TRABALHO E CONHECIMENTO.

136. Podemos afirmar que o indivíduo, é a negação da comunidade, pois só através do grupo pode se contrapor as forças da natureza. Ou seja, a natureza nega a comunidade, ao impedir que esta se auto-determine, procura apropriar-se da comunidade viva, pois quando morta a apropriação é automática. Dessa maneira, temos a luta de dois contrários, onde a natureza domina, e a comunidade é dominada; em outros termos, a natureza é sujeito e o homem é duplamente objeto, tanto da primeira como da comunidade.

137. Podemos denominar tal situação de alienação. E assim, "a visão do homem nesta etapa é a de que ele é mero objeto desta exterioridade (natural e comunitária - grifo nosso), a qual é, por sua vez, sujeito."⁵⁸

138. Dessa maneira, fica fácil entender a predominância do animismo, o endeusamento do sol, da lua, da água, dos animais de um modo geral e, por outro lado, a mera condição de subserviente do homem. E não é por menos que só em 1674, com os Fisiocratas, que teremos a primeira teorização do excedente econômico baseado no TRABALHO, mesmo assim, no TRABALHO AGRÍCOLA. Isto porque a natureza não permitia a auto-determinação da comunidade e muito menos do indivíduo. Como exemplo dessa determinação da natureza tomemos o sol. Este, quando muito presente - gerando secas e más colheitas - fazia com que toda a comunidade se movesse em busca de outro local para poder produzir e se reproduzir.

139. Mesmo assim, não devemos entender tal estado de animismo como absoluto, pois a racionalidade permite ao homem impor suas condições, mesmo parcialmente.

*"Pode-se, então, afirmar que o enfrentamento entre o homem e a natureza, por ter como característica bionívica (homem-natureza e natureza-homem), entre ambos, cria uma dupla consciência, contraditória, no homem: por um lado, a idéia de que a natureza é sujeito e o homem é objeto da mesma (animismo, coisificação do homem) e por outro lado, a idéia de que o homem é sujeito e a natureza objeto dele (magia, etc.). A RACIONALIDADE HUMANA É CONTRADITÓRIA E REFLETE A CONTRADIÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA."*⁵⁹

⁵⁸ Campanário, Paulo. DIALECTICA Y EMPIRISMO, San José Costa Rica, EDUCA, 1983. pg 102.

⁵⁹ *Ibidem*, pg. 103.

140. Essa dupla consciência se manifesta nos indivíduos como uma dupla visão: sendo a visão real a que predomina entre todos os indivíduos; e a potencial, dominada pela primeira e que sustenta o oposto, isto é, salienta o fato de que o desenvolvimento das forças produtivas possibilita a apropriação, cada vez maior, da natureza externa.

141. Sendo a externalidade a natureza e os outros indivíduos, os filhos, a mulher, etc., fica evidente o obstáculo a qualquer manifestação ideológica de carácter individualista. Daí a quase impossibilidade do conceito de indivíduo e, portanto, a solidariedade e, conseqüentemente, o anti-individualismo, nas comunidades comunistas primitivas.

142. Com o desenvolvimento das forças produtivas, possibilitando um excedente de produção cada vez mais constante, põe-se a troca de produtos, primeiramente entre comunidades e, assim, até entre os indivíduos.

"Essa condição de independência recíproca não existe entre os membros de uma comunidade primitiva, tenha ela a forma de uma família patriarcal, de uma velha comunidade indiana ou de um estado inca etc. A troca de mercadorias começa nas fronteiras da comunidade primitiva, nos seus pontos de contacto com outras comunidades ou com membros de outras comunidades".⁶⁰

143. Isto nos mostra que, o desenvolvimento - DES/envolvimento - individual está estreitamente ligado ao desenvolvimento da troca de produtos, num primeiro momento. O indivíduo se des/envolve da comunidade, porém, ele é nada sem a

⁶⁰Marx, Karl. O CAPITAL, pg 98 (107 Siglo).

comunidade, daí o envolvimento com a comunidade através do produto, da troca de produtos. Na negação da comunidade está a afirmação do indivíduo; na negação do animismo, do endeusamento, está a afirmação da concreção daquilo que até então existia na forma potencial: homem sujeito, dominador da externalidade.

144. Tal fato é expressado mesmo na Bíblia, mais especificamente em Gênesis, onde Deus, após ter criado o homem e a mulher, pede a ambos para que não comam do fruto da árvore do conhecimento. Ou seja, é a voz da comunidade que nega a individualidade e sabe que o conhecimento é o caminho para a destruição desta mesma negação, ou comunidade. Porém, a serpente que é "o mais astuto dos animais do campo", instiga a ambos a comerem do fruto porque...

"...Deus sabe que no dia que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal". (Gênesis, 3:5)

145. E o homem e a mulher comeram do fruto. Ato impetuoso e ousado, próprio daqueles que não temem o devir, por saber o que fazem. O que disse Deus sobre este acontecimento?

"Então disse o Senhor Deus: eis que o homem se tem tornado como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Ora, não suceda que estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente.

O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra, de que fora tomado.

E havendo lançado fora o homem, pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins, e uma espada flamejante que se volviapor todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida." (Gênesis, 3:22,23 e 24).

3. A DIVISIBILIDADE DO TODO: INDIVÍDUO VERSUS COMUNIDADE.

146. Então, o TRABALHO é VIDA, por gerar a vida e permitir sua continuidade, seja este um trabalho que não permite a individualização (comunitário) ou individual, quando se nega a comunidade. Porém, a emergência do indivíduo ou busca da individualidade baseada no trabalho próprio resulta numa quase animalidade, numa irracionalidade, porque dissocia-se o trabalho do conhecimento, sendo que este último, assim como a linguagem, só existe enquanto social.

147. Se tal individualidade não pode se basear ou se fundamentar no trabalho próprio, necessariamente, tem que estar fundado no trabalho de outros.

*"Não é difícil imaginar que um homem vigoroso, dotado de grande força física, depois de ter aprisionado as bestas, se apodere de outros homens para obrigá-los a aprisionar bestas; em outros termos, que se prevaleça também do homem para sua reprodução como de uma condição naturalmente dada, como se tratasse de outro ser natural qualquer (convertendo assim seu trabalho em domínio)."*⁶¹

148. Para que a busca da individualidade não resulte num retorno, num regresso, ao trabalho comunitário, é preciso reverter a situação. Isto é, se na comunidade os interesses comunitários predominavam sobre os interesses individuais, agora, é preciso fazer com que os interesses individuais predominem

⁶¹ Marx, Karl. GRUNDRISSE, Vol. I, pg. 353.

sobre os interesses comunitários. E a troca de produtos do trabalho é o meio pelo qual se realiza a reversão.

149. A reversão completa - interesses individuais predominando sobre os interesses coletivos - se dará, de maneira plena, quando da época capitalista ou trabalho-morte. Thomas Paine, na Inglaterra e Estados Unidos da América do norte, refletiu esta reversão:

*"Na qual tudo pode ser procurado... (viu diante de si)... uma cena tão nova e transcendentalmente inigualada por qualquer coisa no mundo europeu que o nome de revolução é diminutivo do seu caráter, e ergue-se numa regeneração do homem... A era atual merecerá ser chamada a Era da Razão, e a geração atual parecerá ao futuro como Adão do novo mundo."*⁶²

150. Porém, da "Era de Adão" à "Era da Razão" há uma longa história, muita luta de classes que se manifesta sob várias formas conforme o modo de produzir.

151. Alguns historiadores sugerem uma sucessão cronológica do tipo Economia-primitiva; Patriarcado; Escravidão; Feudalismo e Capitalismo. Outro, por exemplo, prefere distinguir cinco modos de produzir: 1) comunista-primitivo; 2) pagamento de tributo; 3) escravocrata; 4) produção simples de mercadorias e; 5) modo de produção capitalista⁶³.

152. No presente texto, adotaremos uma leitura descontinuista da história, ou seja, as formas de produção

⁶²Hobsbawm, Eric J. OS TRABALHADORES: Estudos sobre a história do operariado, Rio de Janeiro, 1a. edição, Editora Paz e Terra, 1981, pg. 11.

⁶³Amin, Samir. UNEQUAL DEVELOPMENT: An Essay in the Social Formation of Peripheral capitalism, 1a. ed., Monthly Review Press, 1976, pg. 13.

anteriores à forma capitalista não assumem a forma de etapas necessárias da forma superior⁶⁴.

153. Dessa maneira, trataremos de algumas dessas formas com o intuito de salientar a forma do trabalho e, ao mesmo tempo, a necessidade posta por tais sociedades no sentido de afirmar o caráter social do trabalho - a relação entre os homens - através da relação entre os produtos destes mesmos homens.

154. É importante salientar, uma vez mais, que o conhecimento, o fato de apreender a realidade para transformá-la, é de fundamental importância para caracterizar o trabalho como algo eminentemente humano.

155. Porém, a apreensão da realidade - o conhecimento - não pode se restringir ao nível da comunidade. É imprescindível que a comunidade assuma o fato de ser a impulsionadora da transformação, e não a natureza. Ou seja, dada a possibilidade de conhecer, apreende-se o fato de que existe uma contradição: a natureza impõe condição à comunidade; do mesmo modo que a comunidade começa a impor suas condições à natureza.

156. De um modo geral, como temos visto, a concepção de que a natureza é soberana, predomina na comunidade, sendo que a concepção contrária - a de que a comunidade pode e deve impor condições à natureza - é dominada mas encontra ressonância ao nível dos indivíduos, particularmente aqueles que apreendem a realidade de uma maneira mais coerente, portanto, conhecem ou sabem mais.

⁶⁴Ver Fausto, Ruy. MARX: LÓGICA E POLÍTICA, op. cit., vol. I, pg. 17.

157. Portanto, a contradição acima referida pode ser resumida na contradição entre comunidade e indivíduo, sendo que este último, conhecendo a realidade em que vive de maneira mais coerente, procura concretizar seus ideais, desvencilhando-se das relações de dependência. Poderíamos, então, caracterizá-lo como sendo o embrião do empresário moderno, do empreendedor e defensor incansável da "livre iniciativa".

*"Estas relações materiais de dependências por oposição às relações pessoais...fazem com que os indivíduos apareçam, agora, dominados por abstrações, enquanto que anteriormente dependiam um dos outros. Agora, bem, A ABSTRAÇÃO ou a IDÉIA não é outra coisa que a expressão teórica daquelas relações materiais que mandam (determinam) sobre eles."*⁶⁵

158. Daí a importância da troca de produtos, forma embrionária do valor-de-troca e, portanto, do valor, o qual determinará um modo de produzir e, conseqüentemente, de trabalhar, totalmente contrário ao até apresentado. Determinará a "Era da Razão", segundo Thomas Paine, este que pode ser considerado o pioneiro em termos de empreendedor, defensor do individualismo.

159. Vejamos, então, a transição do TRABALHO VIDA para o TRABALHO MORTE, ou ainda, a predominância da morte sobre a vida na categoria TRABALHO.

⁶⁵ Marx, Karl. GRAUNDRISSE, op. cit., vol. I, pg. 67.

- CAPÍTULO III -

TRANSIÇÃO

AO

TRABALHO MORTE

1. INTRODUÇÃO.

160. Acabamos de ver como o aparecimento do indivíduo está estreitamente ligado com o trabalho. Porém, a individualidade aí posta é aparente, isto é, o homem real não existe. O que existe é o homem na forma potencial, pois os interesses comunitários predominam sobre os individuais que, posta a comunidade, salienta tais interesses individuais. Em outras palavras, o indivíduo precisa se DES-envolver da comunidade.

161. Esse DES/envolvimento do indivíduo da comunidade está, como não poderia deixar de ser, estreitamente ligado ao trabalho, porém, o trabalho até então era tido como uma força natural, isto é, uma força que tem seu ponto de partida na natureza. Esse desenvolvimento do indivíduo vem salientar seu contrário, ou seja, que o ponto de partida está no homem e não na natureza. O homem é quem impulsiona, controla, a natureza. O homem é o sujeito e a natureza o objeto.

162. Veremos ao longo desse capítulo como se consolida a independência pessoal fundada na dependência das coisas⁶⁶. Nosso objetivo nesta parte sobre a transição do trabalho-vida ao trabalho-morte, é resgatar as formas históricas do trabalho. As formas servil/coletiva, escrava, servil e assalariada são formas de manifestação do trabalho quando dentro de uma sociedade historicamente determinada. Sendo assim, buscaremos resgatar a lógica interna destas sociedades para que possamos visualizar o surgimento e o desaparecimento de tais formas de trabalho ou busca da individualidade plena baseada no trabalho de outros indivíduos. As formas do trabalho se diferenciam conforme a forma que alguns indivíduos ou grupos destes (ou classe na forma embrionária) obtém sua sustentação com base no trabalho de outros indivíduos (ou classe na forma embrionária).

163. Em outras palavras, veremos como o homem - "um ser genérico" - trabalha a si mesmo, como escravo, como servo, como operário, etc., enfim, se define ao trabalhar, porém, negando sua essência quando da não revolta contra tal situação, ou quando não se embrenha no conflito de classes, seja este na forma embrionária ou real.

⁶⁶ Marx, Karl. GRUNDRISSE, 1a. edição, México, Fondo de Cultura Economica, 1985, pg. 62.

2. TRABALHO SERVIL-COLETIVO.

2.1. A Lógica do Modo de Produção Asiático.

164. De um modo bastante geral, podemos afirmar que o Modo de Produção Asiático (MPA) tem como característica a divisão da sociedade entre comunidade superior e as comunidades inferiores ou de base.

165. O excedente produzido pelas comunidades de base é apropriado pela comunidade superior na forma de trabalho, por exemplo quando da construção de grandes obras públicas ou através de tributos.

166. Sendo o excedente econômico apropriado pela comunidade superior, não há como desenvolver a divisão de trabalho no interior da comunidade de base e, conseqüentemente, a troca de produtos ou o comércio quando a troca atinge um certo nível de desenvolvimento. Ou seja, a divisão do trabalho existente no interior da comunidade de base é a elementar: divisão do trabalho etária, sexual ou territorial quando todo o trabalho da comunidade está voltado para alguns produtos específicos que só aquela região ou território pode servir de base. Em outras palavras, o comércio é, ainda, passivo, dadas as condições acima referidas e, inclusive, tendendo a se restringir ainda mais.

167. E mais, não há desenvolvimento das forças produtivas materiais, isto é, dos instrumentos de trabalho de um modo geral.

Afinal, o desenvolvimento das forças produtivas materiais está relacionado com a divisão do trabalho de um modo geral e amplo.

168. Sendo assim, a comunidade superior vive do excedente, evidentemente, mas tem que prover as comunidades inferiores com obras coletivas de grande vulto, como canais de irrigação, muralhas de proteção, grandes açudes, etc. para permitir uma produção não só do produto necessário como também do excedente que alimenta esta comunidade. Dessa maneira, as comunidades de base não podem desconsiderar a comunidade superior, pois esta "pensa" o que fazer, enquanto as demais comunidades "executam".

169. As especializações só acontecem no interior da comunidade superior. É aí onde a individualidade recebe grande impulso. É na comunidade superior que se encontram os artesãos de um modo geral e, como não poderia deixar de ser, o grande senhor ou chefe que, devido a dependência dos indivíduos com relação à comunidade, aparece como um não-indivíduo, como um Deus, representante mor do Estado, teocrático ou não, enfim, do império.

170. Neste modo de produção existe uma lógica interna que, aparentemente, parece não conter problemas no que diz respeito ao desenvolvimento. Ou seja, as comunidades de base produzem o produto necessário e o excedente que é apropriado pela comunidade superior que, por sua vez, se alimenta deste excedente mas tem que reverter parte dele em obras que permitam uma produção agora acrescida para alimentar e, portanto, reproduzir o modo de produção como um todo. Uma lógica bastante interessante e muito

incompreendida pelos estudiosos de um modo geral. Interessante por perdurar por muitos séculos e por conter formas de sociedade muito desenvolvidas, por exemplo, divisão do trabalho (intelectual e manual inter comunidades), troca sem intermediação do dinheiro (Maias), etc. e, ao mesmo tempo ser bastante imatura.⁶⁷ Em outras palavras, o oriente é mais que um enigma para muitos do ocidente. Isto sem considerar o carácter inigmático dos Maias e Astecas da América, os quais, de um modo geral, podem ser incluídos como modo de produção que contém a mesma lógica do modo de produção asiático.

171. Além do mais, até mesmo parte significativa da Europa deve ser incluída nesta lógica caso queiramos entender suas especificidades.

*"Assim pois, a monarquia absoluta em Espanha, que somente por cima se parece com as monarquias absolutas europeias em geral, deve ser classificada mais bem junto às formas asiáticas de governo."*⁶⁸

172. O modo de produção asiático continha contradições internas que, além permitir seu desenvolvimento, gerava problemas insolúveis. Afinal, como dissemos anteriormente, a individualidade plena não pode se fundamentar no trabalho alheio, ou ainda, a individualidade de alguns não existe quando se funda na des-individualidade de outros, pois o homem é um ser social e tem que trabalhar sua individualidade individualizando os demais. Isto é, tem que haver superação das contradições, e não

⁶⁷Marx, Karl. GRUNDRISSE, vol. I, pg. 17.

⁶⁸Marx, K., Engels, F. LA REVOLUCIÓN EN ESPAÑA, 1a. ed., Moscou, Editorial Progreso, 1980, p. 13.

intensificação dessa contradição somente. A superação até pode vir da intensificação das contradições, quando não uma superação negativa. É evidente que a base para para tal superação não existia, pois estava sendo contruída ao desenvolver as forças produtivas.

173. Nesse modo de produção, a população era a força produtiva que mais se desenvolvia.

"O desenvolvimento das forças produtivas materiais (tecnologia) se desenvolve pouco se compararmos com o desenvolvimento da força produtiva população. A superexploração da força de trabalho compensa o subdesenvolvimento e a subutilização das forças produtivas materiais. Longe de considerar o aumento da população como um obstáculo das forças produtivas no modo de produção Asiático, este aumento é mais bem o resultado da organização coletivista e não tanto sua causa".⁶⁹

174. Onde estava, então, o problema que fez com que tal modo de produção desaparecesse?

175. Antes de responder a questão acima, é preciso salientar que a lógica do modo de produção Asiático é também, de um modo geral, semelhante à lógica do modo de produção do antigo Egito, dos Astecas, dos Incas, Mayas e outros, isto é, manifestando-se como estado teocrático ou não.

176. Tais modos de produzir continham Estados que intervinham diretamente nas comunidades inferiores, obrigando o matrimônio; o deslocamento de toda uma população para lugares diversos ou simplesmente para construir grandes obras coletivas

⁶⁹Dierchxsens, Wm. FORMACIONES PRECAPITALISTAS, 1a. edição, México, Editorial Nuestro Tiempo, 1983, pp. 79.

ou de santuário. O tributo, recolhido da aldeia ou da comunidade como um todo, e não individualmente ou familiarmente, impedia o desenvolvimento da individualidade quando da comunidade inferior.

177. Porém, quando o excedente era destinado para construção de obras santuárias ou obras improdutivas, a produtividade do trabalho na agricultura principalmente, tendia a estabilizar ou decrescer, gerando problemas de grandes vultos. O conflito entre comunidades de base e entre estas e a comunidade superior tornava-se aparente e os saques e as invasões aconteciam. Isto sem considerar as invasões provindas da externalidade do próprio modo de produção. Dessa maneira a comunidade superior tinha que limitar a destinação do excedente para obras santuárias e incrementar o uso do excedente para obras de defesa que, num primeiro momento, consolidava a unidade do império, porém, este também era um consumo improdutivo do excedente econômico que, num momento seguinte, voltava a colocar o mesmo problema, agora maior dimensionado: a necessidade do uso do excedente econômico para fins produtivos.

178. Por outro lado, quanto mais se direciona o excedente econômico para fins produtivos, mais cresce a população, tanto maior é a necessidade de novos territórios, novos espaços. Ocupar novos espaços significa saqueá-los. A exigência do tributo nos territórios saqueados torna-se mais difícil e, por outro lado, aumenta a possibilidade dos saques em geral, o que exige um exército cada vez maior e, conseqüentemente, destinar cada vez mais partes do excedente para fins improdutivos.

179. A falta ou insuficiência do tributo ou excedente econômico impossibilita a comunidade superior manter-se como tal. Disso resulta a crise e o colapso do MPA ou similares. A centralização põe o seu contrário: a descentralização.

180. Do anterior se conclui que a crise agrícola é sempre uma crise com relação ao tributo, à forma que o excedente econômico assume neste momento histórico. Posta a crise, a comunidade superior outorga novas terras ao funcionalismo burocrático. Tais terras tinham que ser defendidas dos saques provindos de outras comunidades de base ou mesmo de comunidades externas e, portanto, independentes e rivais da comunidade superior. Tal fato mostra o enfraquecimento do estado central, do império enquanto tal e o fortalecimento das várias comunidades em geral.⁷⁰

181. Evidentemente, o enfraquecimento do Estado central ou superior e, conseqüentemente, o fortalecimento das comunidades de base, acontecia há espaços largos de tempo. Talvez, a longa existência do modo de produção asiático se explique por essa flexibilidade.

2.2. Trabalho no modo de produção asiático.

182. De um modo bastante geral, pode-se subdividir os trabalhadores em produtivos e improdutivos.

183. Os primeiros se assentam no trabalho agrícola, onde o

⁷⁰ *Ibidem*, pg. 106

patriarcalismo impera e de maneira bastante autoritária. Mesmo nos dias de hoje é possível observar em sociedades como a chinesa, japonesa, etc., a influência predominante do chefe da família.

184. A monotonia é a característica principal. Os instrumentos de trabalho, poucos e simples, são produzidos pela própria família, sendo que a participação dos meios de trabalho é passiva, isto é, em nada altera o modo de produzir.

185. Mantém-se, então, numa existência vegetativa e num romantismo patriarcal que, aparentemente, parece eterno.

186. A possibilidade do desenvolvimento intelectual é irrisória, exceto quando o indivíduo faz parte da comunidade superior e está ligado ao trabalho de planejar as grandes obras públicas ou santuárias, enfim, artesanato em geral.

187. Nesse marasmo geral, não significa inexistir capacidade intelectual ou que o conhecimento se estagna. Florescem as escolas-filosóficas religiosas e, ao que tudo indica, estabelece-se o campo "ideal" para os conflitos que a monotonia e a vida vegetativa encobrem ou só deixam transparecer nos momentos de aguda tensão.

188. O Confucionismo⁷¹ está estreitamente ligado à autoridade do pai e indiretamente ligado ao Estado e, portanto, dá sustentação à ordem estabelecida. Dessa maneira, predomina sobre as demais escolas-filosóficas.

189. Por outro lado, existe o Budismo, que é hostil à

⁷¹ *Ibide*, pg. 98.

família e procura o desvencilhamento das coisas para se alcançar o estado de nirvana. Isto num mundo onde as coisas ainda não detém todo o poder que a ela - coisa, mercadoria - é atribuído, mas, mesmo assim, é uma contraposição bastante forte.

190. Dessa maneira, o trabalho produtivo se caracteriza como eminentemente rural e exigindo muitos braços, portanto, uma grande família e, conseqüentemente, um pai-patrão bastante autoritário para possibilitar a produção do produto necessário e de um excedente que assume a forma de tributos ou de serviços para a comunidade superior que, por sua vez, podem ser destinados à construção de obras coletivas ou santuárias.

191. O trabalho improdutivo engloba tanto os chefes religiosos, os funcionários que arrecadam os tributos como os artesãos, estes últimos quando voltados à produção de bens de luxo e/ou santuários.

192. Quando da construção de grandes obras públicas, por exemplo, canais de irrigação, muito daqueles voltados aos trabalhos improdutivos tornam-se produtivos e, realmente, enriquecem suas capacidades de trabalho.

193. A quantidade de mãos e braços à disposição dos monarcas e do clero era tanta que podiam mover estátuas, transportar pedras com várias toneladas para locais tão inóspitos que, nos dias de hoje, ainda nos assombra.⁷² Evidencia-se, então, o fato de que a força de um trabalhador difere fundamentalmente da força

⁷² Nas ruínas da sociedade Inca encontram-se pedras com mais de duas toneladas trazidas de locais muito distantes para o topo dos Andes.

que surge quando muitos trabalhadores trabalham em cooperação. Um indivíduo não consegue erguer uma pedra de uma tonelada. Mas mil trabalhadores erguem essa mesma pedra com um dedo.

194. É nesse trabalho de cooperação que se possibilita o desenvolvimento da capacidade enquanto ser genérico - homem.

*"Ao cooperar com outros de acordo com um plano, desfaz-se o trabalhador dos limites de sua individualidade e desenvolve a capacidade de sua espécie."*⁷³

195. Ademais, quando do término da obra pública ou santuária, voltava-se à vida monótona e contemplativa, indigna de um ser humano que necessita do contato com os demais para aflorar sua essência-homem e, assim, realizar-se plenamente. A debilidade era tanta que o indivíduo se recusava a participar das atividades diretivas:

*"O povo era tão consciente de sua debilidade que limitava a obrigar as classes altas à resistência ao invasor sem pretender participar na direção desta resistência."*⁷⁴

196. Evidentemente, há diferenças enormes entre povos como os Astecas, a civilização pré-Colombiana e outros. Alguns até muito pouco conhecidos. De um modo geral desapareceram, por forças externas (invasão estrangeira) ou por si mesmo, o que demonstra a fragilidade de tais modos de produzir e reproduzir a vida.

197. Além do mais, a produtividade do trabalho varia de comunidade (de base) para comunidade, de região para região e,

⁷³ Marx, K. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, livro I, pg. 378.

⁷⁴ Marx, K, Engels, F. LA REVOLUCION EN ESPAÑA, op. cit., pg. 20.

portanto, a variabilidade dos modos de trabalho é ampla, o que não elimina a monotonia e o patriarcalismo rígido.

3. TRABALHO ESCRAVO

198. Certamente o modo de produção escravista surgiu na periferia do modo de produção asiático⁷⁵. A descentralização impossibilita as grandes obras coletivas e a articulação entre as várias comunidades com diversos níveis de produtividades do trabalho e produtos oriundos das várias qualidades das terras ou espaços onde se localizam.

199. Fica fácil, portanto, visualizar como se consolida o modo de produção, por exemplo em Roma. Tal modo de produção se caracteriza por ser uma comunidade de famílias patriarcais, com propriedade privada da terra. Os interesses dominantes na comunidade estão voltados para a guerra como meio de garantir a condição de pequenos proprietários. Os camponeses independentes produzem o produto necessário e o mais trabalho na forma de serviços guerreiros e/ou tributos. Guerrear é uma forma do trabalho neste momento histórico, é a forma do trabalho coletivo.

200. Dessa maneira, o excedente econômico produzido pelos camponeses assume duas formas: a forma de trabalho coletivo ou serviços de guerra e a forma material ou em espécie que permite a

⁷⁵Dierchxsens, *Wis. Op. cit.* pg. 109.

manutenção dos trabalhadores improdutivos, por realizar obras defensivas.

201. A justificação do comando guerreiro se dava quando do afloramento de conflitos não só externos como também internos, isto é, dado o crescimento da população surgem pressões sobre a terra e, portanto, o comando guerreiro tinha que conquistar ou colonizar novos territórios e defendê-los. A colonização de novos territórios colocava a necessidade de aprisionamento daqueles que viviam nos espaços conquistados ou colonizados e, também, aumento do número de soldados para manter a "ordem" num espaço agora maior.

202. O comando guerreiro, além da função pré-estabelecida, passa a controlar as terras comunais e os escravos ou prisioneiros de guerra. Gesta-se, dessa maneira, uma aristocracia que se consolida no controle das terras comunais e do trabalho escravo, e que se apropria do mais-produto gerado pelos escravos. Tal classe tem interesses antagônicos não só com os escravos mas também com os civis, ou terceira classe.

3.1. A lógica do modo de produção escravista.

203. Não nos resta dúvidas de que tais relações escravistas de produção adquirem difentes conotações nos diversos espaços como Roma, Grécia e ou outros. Os espaços são diversos, assim como o número populacional o é, mesmo assim, de um modo bastante geral, são iguais em termos de lógica interna, da maneira de

produzir, sendo que seu desenvolvimento são desiguais.

204. Vimos que no modo de produção asiático, uma comunidade superior dominava as várias comunidades inferiores, variadas tanto em termos quantitativos como qualitativos. No MPE, a degradação é maior, pois toma-se o indivíduo e tenta-se convertê-lo em meio de produção inerte, privando-o de quaisquer direitos sociais, ou seja, relegando-o ao estado de animal irracional. Os escravos faziam, e os amos contemplavam. O trabalho manual era tido como uma atividade indigna dos indivíduos livres e característica dos indivíduos escravos. Sendo por isso que Aristóteles afirmava que:

*"Um Estado dotado de uma constituição ideal... não pode tolerar que seus cidadãos se dediquem à vida do operário mecânico ou do comerciante, que é ignóbil e inimiga da virtude. Tampouco pode vê-los entregues à agricultura; o ócio é uma necessidade tanto para adquirir virtude como para realizar atividades políticas."*⁷⁶

205. Dado que o trabalho e o próprio trabalhador são alienados, não existe estímulos para trabalhar. O estímulo tem, necessariamente, que ser extra-econômico. Ou seja, o trabalho tem que ser vigiado e forçado. Nessa situação, é praticamente impossível desenvolver a técnica ou novos instrumentos de trabalho.

206. Sendo impossível desenvolver a técnica, a expansão do excedente econômico tinha que se basear na expansão geográfica e na reprodução ampliada das relações escravistas de produção.

⁷⁶Vásquez, Adolfo Sánches. FILOSOFIA DA PRAXIS, 2a. edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977, pg. 18.

Porém, reproduzir ampliamente as relações escravistas de produção significava limitar a reprodução dos pequenos proprietários ou civis (terceira classe), restando a estes últimos a subdivisão de suas parcelas de terras entre os novos membros da família e a pauperização progressiva. Afinal, parcelizar novas terras significava ter que conquistar outros espaços que, como vimos, exigia um exército ainda maior e, conseqüentemente, um excedente também acrescido; ou parcelizar as terras comunais, diminuindo o espaço onde se consolidava a aristocracia com base no trabalho-escravo. Dessa maneira, restava a subdivisão das terras onde sediava a família aumentada. E, conseqüentemente, a produção excedentária tendia a cair por aumentar a exigência, agora por parte das novas famílias, em relação ao produto necessário.

207. A pauperização progressiva colocava a necessidade de obter empréstimos para prosseguir como pequeno proprietário. E, quando do não pagamento de seus empréstimos, os pequenos proprietários e suas famílias tornavam-se escravos. Estava dada a lógica do modo de produção escravista.

208. A expansão dessas relações de produção agudizavam os conflitos latentes que se manifestavam na forma de grandes rebeliões.

209. Dessa maneira, do mesmo modo que a escravização por dívidas garantiam a expansão das relações escravistas de produção, colocavam, também, o seu contrário, isto é, a inviabilizavam. A terceira classe ou civis davam garantia às

relações escravistas ao formar guerreiros e, no momento em que esta classe mostra a sua necessidade enquanto tal - mais terras para as novas famílias -, suprime-se a escravidão baseada na dívida (perdoando-a), mas não a escravidão baseada na conquista.⁷⁷

210. O perdão às dívidas acontece porque a relação dominante não está localizada aí, apesar da soma da classe dominante e a terceira classe ter como resultado a grande maioria do modo de produção escravista. Isto nos mostra que é equivocado pensar que uma relação dominante se dá pela presença numérica das classes.

211. A derrocada do Modo de Produção Escravista acontece como resultado das contradições agudizadas entre amo e escravos, que se manifestam nas contradições entre amos/escravos/e a reprodução limitada dos civis ou terceira classe. A irreproduzibilidade das relações escravistas de produção se dá pelo fato de que a oferta de escravos dependia das guerras ou conquistas externas. E a guerra, de "motor" acionador da lógica do MPE, transforma-se em "freio" na medida em que tais relações de produção limitam o desenvolvimento das forças produtivas materiais, isto é, da tecnologia. Para aumentar a produtividade tem-se que aumentar o número de escravos, conseqüentemente, tem-se que aumentar o número de guerreiros que, por sua vez, depende do número maior da terceira classe ou civis. E esta depende duma produtividade maior que é negada pelas forças produtivas desta sociedade. Então, as guerras tornam-se cada vez mais custosas e

⁷⁷Dierchxens, *Wim. Op. cit.* pg. 122.

violentas, pois era impossível vigiar e forçar uma população cada vez maior situada em território cada vez mais esparso e longínquo.

212. Dessa maneira, não é difícil entender o porquê da concessão de cidadanias aos Romanos; da "Pax Romana"; dos decretos proibindo os donos de escravos de matar os rebeldes ou de vendê-los separadamente de suas mulheres⁷⁸. Era necessário ser "humano" para com aquele que arcava com o pesado "fardo" de ter que trabalhar para a construção de sua individualidade vazia em termos existenciais. A rebeldia dos escravos exigia essa postura.

213. Tal rebeldia, evidentemente, não poderia resultar mais do que numa permissão para reproduzir "naturalmente", isto é, poder se localizar num certo espaço de terra e daí gerar o produto necessário para se reproduzir enquanto tal e, além do mais, o excedente que assumia a forma de prestação em trabalho ao dono da terra. Daí a passagem do escravo ou pequeno proprietário de terra endividado para colono.

214. É importante sublinhar que o Modo de Produção escravo existiu sempre paralelamente a outras formações econômicas mais ou menos desenvolvidas, portanto contingentes.

3.2. O trabalho no modo de produção escravista.

215. De um modo geral, é um trabalho manual, quase sem auxílio de instrumentos ou meios de trabalho.

⁷⁸Dierchxsens, *Wia. Op. cit.*, pg 140.

216. É um trabalho forçado e pesado. Devido ao fácil acesso - guerras entre as comunidades com diversos graus de desenvolvimento - aos escravos, seus proprietários os utilizavam até a exaustão, se apropriavam do homem como se fosse um instrumento qualquer, isto é, o próprio homem era o instrumento de trabalho. Em outras palavras, o escravo não só alienava seu produto como também a si mesmo ao amo.

217. O fato de caracterizar o escravo como instrumento era tão real que buscavam diferenciá-lo do próprio animal - também um instrumento de trabalho:

*"O trabalhador aí, segundo a expressão acertada dos antigos, se distingue do animal, instrumento capaz de articular som, e do instrumento inanimado de trabalho, instrumento mudo, por ser instrumento dotado de linguagem."*⁷⁹

218. Portanto, a reposição desses "instrumentos" ou escravos, num primeiro momento, não era biológica, ou seja, nem ao menos se permitiam a reprodução normal ou biológica com base no relacionamento sexual entre escravos e escravas. Evidentemente, tal fato podia ser adotado com mais ou menos rigidez entre uma e outra comunidade. Porém, o afrouxamento desta regra significava caminhar para outras formas e/ou relações de produção que não a escravista, por exemplo, a de colonato ou servil.

219. Por outro lado, o desenvolvimento dos meios de produção (tecnologia) é quase nulo nessa época. Como temos visto, o homem (escravo) é o instrumento. Além do mais, uma das maneiras de

⁷⁹Marx, K. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, livro I, pg. 221.

evitar o trabalho-morte, ou trabalho até a exaustão, era destruir todo e qualquer meio existente entre ele (escravo) e o objeto de trabalho, a natureza. Assim o ritmo ao trabalho continuava sendo dado pela natureza (agricultura) e, muito despercebidamente, pelo escravo.

*"... (O escravo, VDM) faz o animal e os instrumentos sentirem que ele não é seu semelhante (instrumento ou meio de trabalho), mas um ser humano. Cria para si mesmo a consciência dessa diferença, maltratando-os e destruindo-os passionalmente."*⁸⁰

220. Sendo assim, o trabalho é morte porque imposto através de jornadas longas e rebaixamento exagerado dos níveis mínimos de subsistência. Ou seja, destina-se para o produto necessário à reprodução dos próprios trabalhadores parte menor da riqueza produzida. Portanto, impedia a reprodução total desses indivíduos.

221. É difícil resgatar o conteúdo do trabalho-escravo porque até mesmo a linguagem não comportava um conceito para expressar o conteúdo do trabalho-escravo. Mas este fato expressa a necessidade de camuflar o desenvolvimento individual - ridículo - de uma minoria que, acertadamente, afirmava que o pleno desenvolvimento do indivíduo não pode se dar com base no trabalho. Então, como o desenvolvimento parcial desses indivíduos antigos se assentava sobre o trabalho-escravo, era preciso desfigurá-lo como trabalho e assemelhá-lo como instinto para dar solidez à afirmação.

"Nem em grego, nem em latim havia uma palavra para

⁸⁰ Marx, K. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, Livro I, pg. 221.

*exprimir a noção de "trabalho" (labour), ou o conceito de trabalho enquanto função social geral... A natureza e as condições de trabalho da antiguidade tornavam impossível a aparição de semelhantes idéias gerais, assim como a idéia de uma classe laboriosa."*⁸¹

222. Platão parece compreender a problemática questão que relaciona homem e trabalho. A plenitude do indivíduo ou a plena manifestação da essência homem no indivíduo e, conseqüentemente, a plena descaracterização dos adjetivos do homem como escravo, servo, operário, capitalista, etc., está relacionada com o não-trabalho ou, como veremos mais adiante, com o trabalho-atrativo - superação da contradição interna à categoria trabalho.

223. Porém, é um equívoco pensar o pleno desenvolvimento do indivíduo com base em algumas "individualidades", isto é, observar a plenitude num Platão e o quase completo desmantelamento numa massa enorme de indivíduos escravos e pequenos artesãos. A contradição é tão grande que Platão parece atingir o ápice do "saber", do conhecimento sobre o próprio homem, mas não reconhece a mazela em que está submetido outros seres humanos. Daí a preferência pela geometria sem implicações práticas, portanto essencialmente abstrata, porque a ciência com caráter experimental é vulgar e oposta a "ciência sábia e nobremente teórica"⁸².

224. Por outro lado, e à margem do trabalho-escravo, existiam os artesãos, produtores dos poucos e rudes instrumentos de trabalho e utensílios para os aristocratas e clérigos.

⁸¹Finley, M. in Fauto, Ruy. MARX: LÓGICA E POLÍTICA, 1a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1987, pg. 46.

⁸²Vásquez, Adolfo Sanchez. FILOSOFIA DA PRAXIS, 2a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pg. 23.

225. Dissemos "à margem do trabalho escravo" porque num modo de produção, determinado modo de trabalho, no caso o trabalho-escravo, determina a especificidade dos demais.

226. O que acontecia, então, com o trabalho artesão, tido como propagador da virtuosidade?

227. Uma das especificidades do modo de produção escravo é avaliar o produto do artesão pela utilidade deste para outro que não o próprio produtor e os demais produtores, ou seja, o valor-de-uso não era social, era específico e restrito a uma minoria da sociedade. Dessa maneira, o artesão era duplamente escravo: do produto que elaborava e das necessidades alheias. Então, produzia-se conforme os ditames e vontade dos amos que exigiam produtos, principalmente instrumentos de trabalho, rudes, pesados para suportar o poder de destruição dos escravos⁸³.

228. Tal fato explica a substituição de cavalos por mulas; dos instrumentos tendo que ser necessariamente rudes e pesados, pois os instrumentos de trabalho tinham que suportar as expressões de revolta dos escravos e, conseqüentemente, o trabalho artesanal tinha que se submeter a esta necessidade e não à virtuosidade de sofisticá-lo e aprimorá-lo cada vez mais.

229. É por isso que o trabalho escravo é transitório entre o trabalho-vida e o trabalho-morte, tendendo, é claro, para este último.

⁸³Vasquez, A.S. FILOSOFIA DA PRAXIS, op. cit., pg. 22.

4. TRABALHO SERVIL

230. Dada a irreprodutividade do modo de produção escravista, o exército recua em termos de função, ou seja, de garantidor de um império em ascensão para defensor de um império em descenso, portanto, torna-se improdutivo.

231. Este império em descenso passa a depender, cada vez mais, do comércio para repor os escravos. Porém, o aumento da demanda destes faz com que seu preço suba. Com preço mais elevado, os proprietários de escravos são obrigados a cuidar melhor de sua propriedade escrava - "instrumento humano" - para poder usá-la por mais tempo, isto é, são obrigados a dispensar parcela maior do excedente apropriado para reconvertê-lo em produto necessário, parte da riqueza produzida e requerida para sobrevivência do escravo. De um modo geral, podemos dizer que os escravos passam a receber um tratamento diferenciado, nem escravista nem como colono.

232. Por outro lado, o produto que alimenta esse comércio incipiente tende tornar-se mais caro por dois motivos: primeiro o custo deste produto torna-se elevado pelo fato do "meio de produção" escravo consumir mais na forma de produto necessário; segundo, esse maior consumo na forma de produto necessário significa diminuição do excedente que, por sua vez, significa menor quantidade de produtos comercializados, levando, portanto, a uma oferta menor. Consequentemente, o comércio sendo

intersticial e incipiente tende a tornar-se cada vez mais inexpressivo sem, no entanto, eliminar-se de vez.

233. Como resultado, a economia se fecha, e as terras comunais, os pastos, os bosques, tornam-se fontes seguras do excedente. O poder central começa a se desfazer - descentralizando-se - ao fazer-se como poder local.

234. Porém, quando o poder central sofre seu maior impacto, busca oficializar o Cristianismo. O Cristianismo, que nasceu nos meios sociais inferiores ou explorados por alimentar esperanças da chegada ou volta de um salvador que anunciaria o fim desse mundo-cão e juízo final que tornaria conhecido o "bem e o mal", torna-se, então, oficial e reconhecido pelo Estado ou poder central. A oficialização põe a reversão do conteúdo originário, isto é, de uma religião subversiva, torna-se uma religião garantidora da ordem, de uma nova ordem que se mantém na forma latente, potencial.

235. É importante salientar que a predominância do cristianismo não elimina seu oposto circunstancial, isto é, as magias, de um modo geral, e que se funda na visão esotérica de mundo que permite, ainda que intersticialmente, a expressão individual na forma de religião.⁸⁴

236. Nesse ínterim, o comércio permanece, porém na forma cada vez mais subordinada; surgem novos reinados soberanos; as relações escravistas perecem mais e mais; fortalece-se o colonato

⁸⁴ A esse respeito, ver: Bradley, Marion Zimmer. AS BRUNAS DE AVALON, 1a. ed., Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1987. 4 vols.

ao refugiarem nesta forma de sobrevivência todos aqueles que, de uma forma ou de outra, revoltavam-se contra a condição de escravo, detonando pela base as "colunas" de sustentação dos homens-"livres" e dos bárbaros.

4.1. A lógica do modo de produção feudal.

237. Grande parte das terras estava, dessa maneira, sob domínio dos feudos auto-suficientes ou reinados soberanos. Tais feudos se fundavam sobre uma economia natural, isto é, produzia-se para o próprio uso, ou ainda, o valor-de-uso dos resultados do trabalho ou produtos, predominava sobre o valor-de-troca.

238. Uma vila ou aldeias com grandes espaços de terra, bosques, pradarias, etc, formavam os feudos, sendo que parte das terras cultiváveis pertenciam aos senhores feudais e a parte restante era cedida aos servos.

239. Como não poderia deixar de ser, a família aristocrática era alimentada pelo mais-trabalho ou sobretrabalho dos servos que, antes desse mais-trabalho, tinham que produzir o necessário para se reproduzir enquanto tal ou manter suas famílias. Era, portanto, uma relação de produção baseada na servidão.

240. Porém, a produção agrícola contém épocas de intenso trabalho, por exemplo, época de preparo do solo e plantio e a época de colheita. Sendo que nesse meio coloca-se uma longa temporada de pouco trabalho ou entre-safra. O problema do modo de produção, do mesmo modo que o escravista, era o de como

reproduzir a força de trabalho servil. Para que o senhor feudal tivesse a força de trabalho adicional requerida nas épocas de safra ou de intenso trabalho, era preciso ceder lotes de terra para família desses trabalhadores. Por outro lado, os servos trabalhavam tanto as terras do senhor - dois ou três dias por semana - como a terra a eles cedida para obter o produto necessário - dias restantes - sem interromper o processo de trabalho quando da entre-safra.

241. Por outro lado, a força produtiva que mais se desenvolvia era a população. E a falta das forças produtivas materiais ou tecnologia impedia a criação de novos campos fora do domínio e que não fossem férteis como os campos usuais. Portanto, era praticamente impossível estender o espaço agrícola, cada vez mais exigido pelo aumento das famílias. Então, o problema pode ser resumido no seguinte: o desenvolvimento da força produtiva população exigia o desenvolvimento das forças produtivas materiais, como nos modos de produção anteriores.

242. Daí o surgimento do sistema de alternância de solos e rotação de culturas. A alternância de solos significa dividir o espaço cultivável em três partes, sendo que utiliza-se uma parte enquanto a segunda é utilizada como pasto, e a terceira permanecia em descanso. A rotação de culturas tem por finalidade mudar constantemente as culturas para não desgastar o solo ou, ao contrário, até fortalecê-lo.

243. Tal fato trás aumento de produtividade do trabalho, permite um aumento da força produtiva população; surgem novas

aldeias e, por sua vez, começam a enfraquecer os laços da servidão, ao distanciarem-se cada vez mais dos senhores feudais. Para manter a ordem era preciso estar muito próximo do subordinado. Em outros termos, para manter ou aumentar a obtenção do excedente econômico, tinha o senhor feudal que aumentar o número de trabalhadores, tanto servis como ocasionais, e, portanto, exigiam-se mais terras. O aumento extensivo do feudo dificultava o domínio e, portanto, requeria aumento de sua corte, que também exigia aumento da renda em trabalho ou mais-trabalho tanto para transporte como para serviços em geral de supervisão e arrecadação.

4.2. Renda em espécie.

244. Como meio de atenuar tal situação, estabelece-se a renda em espécie, a qual permite uma mudança qualitativa no desenvolvimento das relações de produção fundadas sobre a servidão.

245. Qual mudança? A diferença entre o escravo e o servo está no fato de que o segundo tem o controle sobre o produto necessário ou sobre a produção do mínimo necessário para se reproduzir enquanto tal, e o escravo alienava tanto seu trabalho como a si mesmo; com a renda em espécie o servo observa ou percebe - para isso tem as condições básicas estabelecidas - que quanto mais trabalhar, mais possibilita sua própria reprodução, podendo, inclusive, reter parte do excedente que produz.

*"O trabalho alienado para outros torna-se mais abstrato já que somente se reflete no produto do trabalho. Em consequência, a intensidade do trabalho e o potencial das forças produtivas tendem a se desenvolver."*⁸⁵

246. Esse interesse pelo trabalho, agora com mais intensidade, possibilita uma melhor manutenção das forças produtivas materiais ou mesmo aperfeiçoamento destas. Como resultado tem-se um aumento da produtividade do trabalho e, conseqüentemente, um sobretabalho maior.

247. Os senhores feudais, apesar de apreciarem esse mais-produto majorado e utilizarem-se dele intensamente, isto é, consumindo-o quase todo, sempre restava algo que podia ser trocado inter-feudos. A produção era totalmente destinada para uso - até mesmo o padrão de beleza da época reflete essa situação quando salienta os homens e mulheres gordos em geral. Era comum deixar a mesa repleta de crostas e migalhas dos alimentos ingeridos, pois, refletia o uso farto dos mesmos.

248. Dessa maneira, tem-se um excedente crescente e estimulante da troca, dado o desigual desenvolvimento dos feudos por motivos regionais, portanto externo à lógica interna dos feudos (culturas específicas da região, por exemplo, uva, oliveiras, queijos, etc.) e, até certo ponto, por habilidades individuais dos artesãos. A troca, então, se estabelece, se enraiza, seja com base no excedente majorado ou mesmo no excedente comercial ou reposição do produto necessário dadas as especificidades regionais. Portanto, isso significa que o valor-

⁸⁵Dierchxsens, *Wiz. Op. cit.*, pg. 167

de-troca, dominado pelo valor-de-uso devido ao fato de toda produção ser destinada ao consumo da própria comunidade, começa a se consolidar e desenvolver, isto é, é a luta dos pólos contraditórios da mercadoria que começa a se consolidar e que se refletirá nas relações de produção, revertendo-as.

249. Dessa maneira, quanto maior é o sobreproduto, maior a intensidade da troca intra e inter-feudos. Com a troca intensificam-se as especializações, isto é, feudos localizados em regiões próprias para plantio de uvas produzirá vinhos, outros lãs, etc.

250. Com o aumento da troca, o trabalho de transporte - como servidor do senhor feudal - tende, cada vez mais, a se reduzir no comércio, em "comprar para vender", isto é, se num primeiro momento paga-se para transportar "n" produtos, com o aumento da quantidade de produtos o transportador passa a exigir mais como pagamento ou trabalhar menos como forma de compatibilizar aquilo que recebe com aquilo que faz ou trabalha. Do mesmo modo que o servo, ao receber por espécie ou porcentagem na quantidade transportada, sentirá interesse no trabalho ao perceber que pode acumular.

4.3. Renda em dinheiro.

251. Porém, com a compra e venda de produtos exigia-se a liberdade de dispor - de se apropriar do resultado do trabalho - e não aliená-lo ao senhor feudal como de costume. Então, a renda

do senhor feudal, uma vez mais, se transforma: assumindo a forma de dinheiro.

*"O produtor imediato em vez de entregar o produto ao proprietário da terra, que pode ser o Estado ou um particular (senhor feudal. VDM), paga-lhe o correspondente preço."*⁸⁶

252. E assim, abre caminho para a emergência de uma nova classe social: a burguesia, oriunda dos burgos ou cidades, onde o comércio recebe um grande impulso, para se consolidar de vez.

*"O produtor direto, embora produza como dantes pelo menos a maior parte dos próprios meios de subsistência, tem agora de converter parte do produto em mercadoria... Em consequência, muda de caráter em maior ou menor grau o modo de produção. Perde a independência e não se isola mais do conjunto das relações sociais."*⁸⁷

253. O século XI foi palco de grande desenvolvimento do comércio, divisão do trabalho na agricultura e do desenvolvimento do trabalho artesanal.

254. Esta expansão do comércio tem por base o desenvolvimento da produtividade do trabalho na agricultura que, já não pode prescindir dos produtos oriundos das cidades. Ou seja, amplia-se a troca de produtos agrícolas por artefatos citadinos. Sendo que os senhores feudais são, num primeiro momento, os principais compradores. Dessa maneira, prosperam-se os mercados e as feiras locais onde os mercadores, com as devidas permissões dos senhores feudais ou dos bispos, se instalavam.

255. Ao longo do século XII, a relação entre esses vários

⁸⁶ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., Livro 3, vol. 6, pg. 913.

⁸⁷ Marx, Karl. O CAPITAL, Liv. 3, vol. 6, pg. 913.

A diferença entre produto e mercadoria será explicitada no capítulo seguinte.

grupos de indivíduos - mercadores/nobreza/servos - foram se clarificando a ponto de se definir as cidades como domínio dos burgueses (mercadores) e campo como domínio da nobreza, porém ainda fundada sobre a contradição principal que era senhor/servo.

256. Ambos os domínios são forma de se apropriar o sobretrabalho de outros, sendo que se situam em locais diferentes: cidade e campo.

257. O desenvolvimento das atividades industriais, fundamentalmente citadinas, resulta de um longo processo de divisão do trabalho, de especializações no trabalho, do comércio em grandes escalas e em longas distâncias; ao mesmo tempo, requeria profundas mudanças no processo de trabalho no campo. Ou seja, o desenvolvimento de tais atividades significava desenvolver das mazelas oriundas no campo, isto é, das boas colheitas, da produtividade acrescida porém insuficiente para atender as necessidades da cidade ou atividades industriais nascentes. Portanto, exigiam-se grandes transformações no processo de produzir situado no campo.

4.4. O trabalho no modo de produção feudal.

258. Como não poderia deixar de ser, o trabalho-servil era baseado na coersão extra-econômica, isto é, fundamentado no autoritarismo do senhor feudal e senhores eclesiásticos. A essência do termo "servidão" estava na transferência do excedente produzido pela família camponesa para o senhor latifundiário:

*"Como a família camponesa tinha a posse efetiva dos bens produtores de subsistência, a transferência do excedente deveria ser forçada, pois o camponês, ao contrário do assalariado, não precisa alienar sua força de trabalho para viver..."*⁸⁸

259. Além do mais, o cristianismo exercia grande influência, impedindo, inclusive, qualquer manifestação individual que alimentasse a rebeldia à autoridade e a ordem estabelecida. As "cruzadas" e as caças e queima dos heréticos são exemplos desse predomínio do cristianismo.

260. O camponês tinha, então, que proporcionar rendas a estes senhores, isto é, entregar-lhes o sobre-trabalho, servir-lhes.

261. A liberdade relativa ao processo de trabalho, isto é, dada a permissão para utilizar a terra do senhor, restava ao produtor proporcionar o sobre-produto (excedente). Dessa maneira, procurava preservar e até aperfeiçoar os instrumentos de trabalho, pois tinha um certo controle sobre a riqueza produzida, principalmente sobre o produto necessário.

262. Houve, portanto, grande disseminação do cultivo de cereais e, inclusive, aprimoramento no uso do solo.

263. O indivíduo sentia que aquilo que produzia, além de ter utilidade para o senhor feudal e eclesiástico em geral, tinha também utilidade para si mesmo e, assim, intensificava seu trabalho. Afinal, sentia que, quanto mais trabalhasse, mais se reproduzia e ampliava sua capacidade de trabalho. O trabalho era

⁸⁸Hilton, Rodney. in DEBATE: A transição do Feudalismo para o Capitalismo, INTRODUÇÃO, 3a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, pg. 14.

mais vida que morte. Exceto quando o domínio do senhor era bastante intenso, por exemplo, quando o senhor feudal - de posse do moinho de cereal (este exigia uma grande represa e, portanto, era impossível de se generalizar entre o próprios produtores) - determinava o modo de produzir e, conseqüentemente, o processo de vida social. Porém, onde o domínio não era tao rígido, ocorria aumento do excedente:

*"O papel direto do senhor na administração e supervisão do processo produção naturalmente declinava, enquanto o próprio excedente aumentava..."*⁸⁹

264. Por outro lado, para se desenvolver enquanto indivíduos, a família camponesa defrontava-se com outro obstáculo: a propriedade territorial que impedia o aumento extensivo da produção e, ademais, do excedente em geral.

265. Além do mais, apesar do domínio quase completo do pensamento religioso, portanto, acientífico dessa época, o trabalho-servil proporcionava o saber ou cultura muito própria do camponês e que a igreja buscou eliminá-la como sendo herética. O relato de Menocchio - o moleiro - quando da inquisição nos mostra que o aprendizado dialético não é natural ao ser humano, mas uma conquista dos indivíduos que buscam compreender a contraditória realidade em que vive, e o trabalho de fabricar queijos o ajudava nesse sentido:

"Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito de leite, e do qual surgem os vermes, e esses são os anjos... (e prossegue

⁸⁹Anderson, Perry. PASSAGENS DA ANTIGUIDADE AO FEUDALISMO, 1a. ed., Brasiliense, 1987, pg. 179.

denunciando o latim como linguagem dos opressores)...Na minha opinião, falar latim é uma traição aos pobres. Nas discussões os homens pobres não sabem o que se está dizendo e são enganados. Se quiserem dizer quatro palavras têm que ter um advogado."⁹⁰

266. O capital comercial se consolida, dominando cada vez mais o trabalho, abrindo espaço para o quase completo domínio do capital industrial, o qual veremos mais adiante.

4.5. Transição ao trabalho-morte.

267. A dissolução da servidão ou Modo de Produção Feudal se intensifica quando a terra adquire preço, pois a mesma já era monopolizada - característica fundamental para adquirir preço. O nível desse preço é determinado pelos preços dos produtos da terra que, por sua vez, depende dos mercados. Dessa maneira, as regiões mais próximas dos mercados passam a obter ganhos com a venda de seus produtos que contém custos menores em comparação com a aqueles provindos de regiões mais longínquas ou de terras impróprias para este produto específico. Assim, gera-se uma diferenciação em termos de renda-da-terra e, conseqüentemente, no preço para se apropriar dela.

268. Estabelecido o preço da terra, isto é, dada a possibilidade de se apropriar da terra, sela-se o fim da servidão. A renda em espécie se transforma em renda em dinheiro. Ao servo ou camponês lhes restava a "liberdade" de abandonar o

⁹⁰ Binzberg, Carlo. O QUELHO E OS VERNES: O cotidiano e as idéias de um moleiro pela inquisição. 1a. ed. São paulo, Editora Schwartz Ltda., 1987, pg. 63.

senhor feudal e comprar terra caso tivesse algum dinheiro, o que era raro, ou "livrar-se" do senhor feudal estabelecendo-se na cidade onde teria que vender sua única mercadoria no mercado de trabalho em plena formação, porém bastante competitivo. Ainda, lhes restava ficar e produzir o suficiente para, após a venda de toda sua produção nas cidades, pagar a renda-da-terra em dinheiro ao senhor-rentista.

269. A renda-da-terra em dinheiro, sendo estabelecida antecipadamente, não ocasiona perdas ao senhor feudal com as oscilações dos preços nos mercados. O prejuízo ocasionado pelas oscilações dos preços recaía, evidentemente, sobre o camponês, pois este tinha que pagar a renda-da-terra mesmo que, após vender toda sua produção pelo preço de mercado, não lhes restasse o suficiente para suprir suas próprias necessidades. Daí surge o endividamento do camponês com o senhor-rentista que, de um modo geral, terminava por entregar as terras ou meio de produção ao credor, sendo obrigado a caminhar em direção à cidade. A reversão se consolida. Ou seja, até então, quanto mais se produzia - ou se trabalhava - mais rico se tornava por usufruir de maior quantidade de produtos - valor-de-uso predominado sobre o valor-de-troca. Agora, quando da consolidação do mercado como determinante da produção - ou valor-de-troca predominando sobre o valor-de-uso - quanto mais se produz, mais pobre pode se tornar porque os preços desses produtos podem cair a ponto de impossibilitar a reposição dos custos de produção.

270. Dessa maneira, a "liberdade" adquirida pelo servo

significava, também, o "livrar-se" da propriedade dos meios de produção, tornando-se plenamente despossuído de coisas, de riqueza material. E duplamente preparado para se subordinar ao capital, primeiro, ao capital mercantil ou comercial, nas cidades; segundo, caso quisesse manter-se em contato com a terra, bastava assinar um contrato de trabalho com o arrendatário ou capitalista do setor agrícola; e assim o servo se transforma em assalariado, em outros termos, o trabalho-servil se transforma em trabalho-assalariado.

271. Todo esse processo, doloroso e regado de sangue, consolida a sociedade mercantil capitalista ou modo de produção capitalista, onde a lei do valor impera.

*"Esta lei produz uma acumulação de miséria proporcional à acumulação de capital. A acumulação de riqueza num polo é ao mesmo tempo, pois, acumulação de miséria, tormentos de trabalho, escravidão, IGNORANCIA, EMBRUTECIMENTO E DEGRADAÇÃO MORAL no polo oposto, isto é, onde se acha a classe que produz seu próprio produto como capital."*⁹¹

272. A transição do trabalho-vida ao trabalho-morte se consolida com a transição da sociedade pré-capitalista ao modo de produção capitalista. Aqui a morte predomina sobre a vida, pois, quanto mais se trabalha, mais se gera a morte. Pois o modo de produção capitalista...

"...é, muito mais que qualquer outro modo de produção, um dilapidador de seres humanos, de trabalho vivo, um dissipador não só de carne e sangue, senão também de nervos e cérebro. De fato somente se deve a mais monstruosa dissipação do desenvolvimento

⁹¹Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit. Vol. I, livro 2, pg. 749 (Siglo 805).

individual..."⁹²

(Nota da rodapé da edição da Siglo XXI: "de fato, somente o extraordinário dissipamento do desenvolvimento individual pode assegurar desenvolvimento do ser humano durante a época histórica que precede a constituição socialista do gênero humano")

"...mais do que qualquer outro modo de produção, esbanja seres humanos, desperdiça carne e sangue, dilapida nervos e cérebro. Na realidade só malbarateando monstruosamente o desenvolvimento individual assegura-se e realiza-se o desenvolvimento da humanidade na época histórica que precede a fase em que se reconstituirá conscientemente a sociedade humana."⁹³

273. Mas o que é capital?

"O capital é trabalho morto que somente se reanima, a maneira de vampiro, ao chupar trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa."⁹⁴

274. A morte predomina sobre a vida na categoria trabalho, isto não significa que a elimina.

"Para proteger-se contra a serpente de seus tormentos, os trabalhadores têm que confederar suas cabeças..."⁹⁵

275. No capítulo seguinte, tentaremos abordar de maneira bastante simplificada o conceito de capital e, em seguida salientar o fato da morte predominar sobre a vida nessa época histórica. Ou seja, se o indivíduo, a duras penas e de maneira

⁹²Marx, K. EL CAPITAL, op. cit., Tomo III, livro 6, pg. 107.

⁹³Marx, K. O CAPITAL, op. cit., Vol. III, liv. 4, pg. 99.

⁹⁴Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit. vol. I, pg. 263 (Siglo 279).

⁹⁵Marx, Karl. EL CAPITAL, Siglo XXI editores, Tomo I, livro I, pg 364. (a tradução da Div. Bras. não corresponde com esta e nem com a inglesa da Progress Publishers).

contingente, consegue se reproduzir e, portanto, se mantém enquanto homem ao trabalhar, agora, na época capitalista defrontará com o "juízo final" tão profetizado.

276. É aqui onde terá que decidir sobre a vida ou morte de toda a humanidade. Para isso é preciso reapreender a realidade em que vive (ou morre), pois o cotidiano o enterra vivo ao decepar-lhes a cabeça ou, em outros termos, impor-lhes um modo de pensar - determinado pelo modo de produzir ou trabalhar - completamente estranho aos seus interesses mais íntimos ou humanos. Portanto, a necessidade do conhecimento lógico dialético para não só interpretar a realidade em que vivemos como para transformá-la, é fundamental. Esta característica - o conhecimento - que, quando associado ao trabalho novamente permitirá reverter o quadro contraditório na categoria trabalho.

- CAPÍTULO IV -

TRABALHO MORTE

1. A LÓGICA DO CAPITAL.

277. Para que possamos compreender o TRABALHO-MORTE, temos que buscar o entendimento do capital, pois este domina quase por completo o trabalho, fazendo deste uma mercadoria como outra qualquer, porém com algumas especificidades, para satisfazer seu desejo maior que é sua auto-valoração.

278. Para tanto, seguiremos a sequência lógica-evolutiva contida em O CAPITAL de Marx e que Rosdolsky salienta de maneira bastante esclarecedora, ou seja: Mercadoria - Valor - Dinheiro - Capital.⁹⁶

1.1. Mercadoria

279. A era capitalista caracteriza o mundo das mercadorias. Até mesmo aquele local aconchegante do qual todos nós, trabalhadores ou não, fomos nos formando durante oito a nove

⁹⁶Rosdolsky, Roman. GENESIS Y ESTRUCTURA DE EL CAPITAL DE MARX: Estudios sobre los Grundrisse, 5a. ed., México, Siglo XXI Editores, 1986.

meses para, pela primeira vez, adentrarmos neste mundo das mercadorias, pode se tornar uma mercadoria. Já temos exemplos, nos EUA existem senhoras que alugam o útero para casais que, por motivos que não convém salientar aqui, desejam ter um filho.

280. Se questionássemos Marx sobre a natureza da riqueza na época em que vivemos a resposta seria a seguinte:

"A riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em "imensa acumulação de mercadorias", e a mercadoria isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza. Por isso, nossa investigação começa com a análise da mercadoria." ⁹⁷

281. O fato da mercadoria ser a forma particular da riqueza na época capitalista nos permite deduzir que a categoria RIQUEZA não se prende a nenhuma época histórica específica, ou seja, é uma categoria abstrata, inapalpável. Por outro lado, a mercadoria é a forma concreta da riqueza, possível de ser observada, apalpada, e estudada.

282. De início, sabemos que a mercadoria é um objeto externo a nós mesmos. Satisfaz as mais diversas necessidades humanas, "provenham do estômago ou da fantasia"⁹⁸ Não fazendo diferença se este objeto satisfaz tais necessidades diretamente ou indiretamente, isto é, com algo imediatamente consumível ou como meio para produzir o imediatamente consumível. Sendo esta utilidade, característica, própria da mercadoria, denominada por Marx de VALOR-DE-USO.

⁹⁷ Marx, Karl. O CAPITAL, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S/A, 1980, p. 41.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 41.

283. Esta propriedade da mercadoria - o valor-de-uso - estabelece a base material, a materialidade, para uma outra propriedade da mesma mercadoria: a capacidade de trocar-se por outras mercadorias, de comprar outras mercadorias. E este último fato é denominado por Marx de VALOR-DE-TROCA. Como veremos mais adiante, o termo mercado-ria nos leva a ver que este objeto está estritamente ligado ao "mercado", local próprio de encontros, de troca, de mercadorias.

284. Isto posto, torna-se possível notar que MERCADORIA é a unidade contraditória de seus dois aspectos: valor-de-uso e valor-de-troca, pois, se a utilizamos para satisfazer alguma de nossas necessidades, imediatamente deixa de ser mercadoria, por anular seu aspecto oposto, o valor-de-troca. Por outro lado, se a trocamos por outra mercadoria, significa dizer que negamos seu valor-de-uso, apesar de que a mesma mantém-se em circulação. Sendo assim, sem deixar de lado por completo o valor-de-uso, passaremos a observar, mais atentamente, o valor-de-troca.

285. O que é o valor-de-troca da mercadoria?

286. O valor-de-troca da mercadoria "revela-se, de início, na relação quantitativa entre valores-de-uso de espécies diferentes, na proporção em que se trocam, relação que muda constantemente no tempo e no espaço"⁹⁹. Deixemos de lado, por ora, o tempo e o espaço e vejamos a relação quantitativa entre valores-de-uso:

⁹⁹ *Ibidem*, p. 42.

1 porta	=	10	leites
	=	4 kg	carne
	=	3	livros
	=	1/3	fogão

287. A grosso modo, é possível afirmar que a mercadoria porta tem tantos valores-de-troca quanto o número de mercadorias existentes no mercado, ou ainda, todas as demais mercadorias representam o valor-de-troca da mercadoria porta.

288. Para entendermos como esta relação quantitativa muda no tempo e no espaço, tomemos a mercadoria sal: se substituíssemos a porta por sal na tabela anterior, a quantidade da mercadorias relacionadas do lado direito variaria, evidentemente. Porém, se considerarmos um local (espaço) muito distante da costa, do mar, onde as dificuldades para o transporte do sal tornam-se gigantescas, certamente a relação não continuará a mesma. Ou ainda, basta que consideremos uma mercado qualquer com relação a outro, certamente notaremos variações enormes nos valores-de-troca das mercadorias. Por outro lado, se considerarmos uma época bastante remota (tempo), onde o livro é produzido de maneira artesanal, a relação quantitativa mudará, tanto com relação a porta como para com o sal.

289. Sendo assim, o valor-de-troca parece casual e relativo. Se fosse casual e relativo, deveríamos desistir de buscar uma explicação científica, afinal, se observarmos a trajetória da fumaça de um cigarro, vemos que a mesma é casual - ora gira, ora

sobe, ora desce, vai para a direita, para a esquerda - o que impede qualquer análise científica. O máximo que se pode obter é uma análise de probabilidade dessa trajetória. No caso do valor-de-troca, dissemos que parece casual porque aparentemente é casual, mas assim que deixamos o nível aparential da realidade, notamos que tem sentido a análise científica, pois é justamente isso o que faz Marx quando busca o VALOR. E como Marx faz isso?

"...o valor-de-troca parece algo casual e puramente relativo, uma contradição em termos, um valor-de-troca imanente à mercadoria (não pode ter um valor-de-troca intrínseco). VEJAMOS A COISA MAIS DE PERTO"¹⁰⁰

290. Somente observando ainda mais de perto a coisa é que podemos notar que não há casualidade ou valor-de-troca intrínseco entre as mercadorias. Para isso, deixemos de lado o tempo e o espaço e vejamos novamente o mercado:

1 porta	=	10	leites
	=	4 kg	carne
	=	3	livros
	=	1/3	fogão

291. Se quisermos saber qual é o valor-de-troca de um livro em termos de carne, um simples cálculo matemático nos leva a resposta: 1,33 kg. de carne. Então:

1 livro	=	1,3 kg.	carne
---------	---	---------	-------

¹⁰⁰ Ibidem, p. 43. Os parênteses referem-se a nota de rodapé do próprio punho de Marx.

Para saber o valor-de-troca de um livro em termos de todas as demais mercadorias basta o seguinte:

1 livro	=	1,3 kg carne
	=	3,3 lt leite
	=	0,1 % fogão
	=	0,33 porta

292. Isto quer nos dizer, ou ainda, o mercado nos diz que dado o valor-de-troca do livro, o valor-de-troca da carne não é casual, é determinado. E assim vice-versa. Sendo a casualidade nada mais que a aparência, temos que buscar a essência, este outro aspecto da mesma realidade, porém, negada pela aparência. Só assim conseguiremos uma explicação mais completa do valor-de-troca.

293. Para isso, basta que, considerando o mercado anterior, consigamos uma resposta para a seguinte pergunta: o que é que permite que duas mercadorias, totalmente distintas - na forma, no peso, na quantidade, na cor, no tamanho, no estado físico (líquido ou sólido) e na utilidade - sejam igualadas? Ou seja, quando o mercado nos diz que 1,3 kg de carne = 1 livro, temos que questionar o que é que permite essa igualdade entre coisas visivelmente distintas.

294. Resumindo. O valor-de-troca, ou relação quantitativa de valores-de-uso, põe a equivalência, a homogeneidade dentro de

quantidades heterogêneas. Isto significa abstrair todas as propriedades materiais do livro, da porta, da carne, do leite, etc., para se substanciar em algo comum, homogêneo. Daí a conclusão de que:

*"Como configuração dessa substância social que lhes é comum, são valores, valores-mercadorias"*¹⁰¹

1.2. Valor.

295. Esta substância, essência, que permite que duas ou mais coisas totalmente distintas aparentemente sejam igualadas, é denominada por Marx de VALOR.

296. Esta categoria, fundamental para a análise econômica, e incessantemente buscada por vários outros estudiosos anteriores a Marx, por exemplo, Adam Smith que chegou muito próximo de apreendê-la, só não conseguindo por não utilizar um método adequado, o método dialético. Nem por isso devemos esquecer os escritos de Smith, pois, além de ter dado um avanço significativo em termos de ciência econômica, ao "rejeitar toda a determinação particular da atividade criadora de riqueza"¹⁰², isto é, partir do todo para a parte. Se, mesmo assim, sua análise não foi desenvolvida o suficiente, só nos resta concluir que a lógica dialética, como forma de apreender a realidade, não é algo

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 45.

¹⁰² Marx, Karl. CONTRIBUIÇÃO A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1977, p.222.

natural ao pensamento humano.¹⁰³

297. Então, a propriedade valor da mercadoria não se expressa por si mesma, mas através do valor-de-troca, portanto, temos o "valor-de-troca como o modo necessário de expressar-se o valor ou a forma de este manifestar-se"¹⁰⁴

298. E mais, essa propriedade valor não é natural às coisas, ou seja, não tem valor simplesmente por serem coisas. O valor se consolida dentro de uma determinada sociedade mercantil, de mercado. Pois numa sociedade onde a produção é imediatamente consumida, sem antes passar pelo mercado, o valor não existe concretamente, apesar de existir na forma potencial. Portanto, o valor é uma propriedade das coisas quando dentro de uma sociedade regrada pelo mercado, sendo que nem todas as sociedades até então existentes tiveram o mercado como ponto aglutinador, conseqüentemente, a categoria valor é uma qualidade social e histórica entregue às coisas. Em outras palavras, o valor é a relação social de uma determinada sociedade que se expressa nas coisas, nas mercadorias. Dessa maneira, o valor não tem materialidade física, é impossível de ser apalpado, mesmo assim, não é uma simples idéia, é real, pois esta materialidade nada mais é do que social e histórica.

299. O que é que muda no 'trigo quando afirmamos que o trigo na época atual é uma mercadoria e que na época pré-capitalista

¹⁰³ Carcanholo, Reinaldo A. O VALOR, A RIQUEZA E A TEORIA DE SMITH (versão preliminar), in Cadernos de Economia, uma publicação não periódica do Mestrado Em Economia da UFPb, Campina grande, 1987, no. 30, p. 10.

¹⁰⁴ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit. p. 45.

era produto? O valor-de-uso do trigo é o mesmo, tanto num momento como no outro. Porém, o valor-de-troca, que quando produto existe na forma potencial, na mercadoria assume a forma concreta e, além do mais, subordina o valor-de-uso. Em outras palavras, o trigo como produto é imediatamente consumido, não existe a intermediação do mercado. E como mercadoria temos que levá-lo ao mercado para trocar por outra mercadoria e, agora sim, obtermos o valor-de-uso desta. Insistindo, o que é que mudou? No trigo nada, mas na maneira dos homens se relacionarem sim, pois supõe-se toda uma divisão social do trabalho, posta pelo "furacão" que é a troca de mercadorias.

300. Dessa maneira, o valor, categoria própria de uma sociedade mercantil, sociedade esta que é historicamente determinada, não é permanente, eterno. Assim como surgiu, historicamente, tende a desaparecer; o valor participa da limitação histórica.

1.2.1. Trabalho, valor e história.

301. Como a sociedade expressa suas relações, ou a relação social entre os homens, nas coisas ou mercadorias, ou ainda, substanciando nelas a propriedade de valor? Através do TRABALHO.

302. Afinal, quando o mercado nos diz que:

1 porta = 3 livros

Significa dizer que o trabalho do marceneiro materializado na mercadoria porta é igual ao trabalho do tipógrafo materializado nos livros.

303. É evidente que objetivamente, o trabalho do marceneiro é muito distinto, diferente, do trabalho do tipógrafo, ou ainda, concretamente, ambos os trabalhos são diferentes, exigem movimentos diferentes, esforços diferentes, os músculos de ambos os homens movem-se de maneira diferente. Como é que Marx resolve este problema?

304. Simples, do mesmo modo que a mercadoria é a unidade de dois contrários, valor-de-uso e valor-de-troca, o trabalho é a unidade de dois aspectos, também contrários: é TRABALHO CONCRETO quando se fixa nas suas especificidades, quando gera valor-de-uso; é TRABALHO ABSTRATO quando se considera esse dispêndio de força humana:

*"Todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou ABSTRATO, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por outro lado, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso".*¹⁰⁵

305. Vimos que o valor-de-troca, além de forma necessária de expressão do valor, é também uma relação quantitativa. O quantum aí referido não se restringe somente à dimensão quantidade de mercadorias que passam a se encontrar no mercado, mas também a uma segunda dimensão quantitativa que se refere a grandeza, a

¹⁰⁵ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., p. 54.

magnitude do valor.

306. Esta magnitude do valor da mercadoria nada mais é do que a quantidade de trabalho ali contida. Mas como dimensionar esta magnitude? Sabemos que na física, mais especificamente na teoria mecânica do calor, o trabalho fisiológico é quantificável em quilogrametros (levantamento de pesos, por exemplo). Esta medida não é a adequada para quantificar o valor pelo fato de que o corpo humano não é uma máquina que experimenta atritos e desgastes, além do mais o corpo humano - quando trabalha - passa por transformação que são impossíveis de serem verificadas nos resultados (do trabalho, evidentemente). Portanto, a medida em quilogrametros não se apresenta como a ideal. Além do mais, como veremos, trabalho é uma força iminentemente humana sendo, portanto, impraticável qualquer tentativa de transferir a categoria "trabalho" da termodinâmica para a economia.

307. Marx, e outros antes dele, buscaram a solução para quantificar o valor na medida de tempo, ou seja, "a quantidade de trabalho...(contida na mercadoria) mede-se pelo tempo de sua duração, e o tempo de trabalho, por frações do tempo, como hora, dia, etc."¹⁰⁶

308. Sendo o tempo de trabalho a medida do valor, a racionalidade econômica estaria premiando o "preguiçoso", ou seja, aquele que demorar mais para produzir uma mercadoria estaria gerando uma quantidade maior de valor? Não.

309. Mas como saber o quantum de trabalho contido na

¹⁰⁶ Marx, Karl. *Ibidem*, pg.45.

mercadoria, se na produção o método ou o modo de produzir, de um modo geral, é um segredo guardado "a sete chaves"?

310. A concorrência nos leva a resposta, pois nesta as "arestas" são eliminadas, prevalecendo o TEMPO DE TRABALHO SOCIALMENTE NECESSARIO - em média necessário. Por exemplo:

1 camisa = 1 cadeira (10 horas de trabalho)

311. Supondo que existem dois alfaiates, sendo que o primeiro materializa trabalho na camisa durante 10 horas (o que justifica a troca acima) e o segundo, que materializa trabalho numa camisa durante 5 horas, ou seja, produz 2 camisas numa mesma jornada de trabalho. É fácil notar que o segundo produtor - pelo fato de obter uma produtividade maior - realizará a troca com a cadeira, pois o mercenário se sentirá muito mais satisfeito com duas camisas do que com uma, como aconteceria se mantivesse a troca com o primeiro (supostamente preguiçoso), forçando este último a aperfeiçoar seu método de trabalho ou mudar de profissão.

312. Dessa maneira:

"O que determina o grandeza (ou magnitude) do valor, portanto, é a quantidade de trabalho socialmente necessário...(e)...A grandeza do valor de uma mercadoria varia na razão direta da quantidade, e na inversa da produtividade do trabalho que nela se aplica".¹⁰⁷

313. Tal fato, portanto, fundamenta o maravilhoso e, até

¹⁰⁷Ibiden, pg. 46 e 47.

antes da consolidação do valor nunca experimentado pela humanidade, significativo desenvolvimento da ciência e sua aplicação tecnológica no processo produtivo, aparando as "arestas" e possibilitando o aumento constante da produtividade do trabalho. E mais, dentre as ciências desenvolvidas, isto é, DES-envolvidas da visão mística por explicar a realidade com base na própria realidade (matéria), temos a ciência econômica, ciência que não se reduz em explicar o valor, a riqueza.

*"Toda economia se reduz em última instância a isto: economia de tempo".*¹⁰⁸

314. Isto posto, podemos fazer algumas digressões e levantar algumas questões. A primeira delas, praticamente respondida, seria a de porquê o trigo produzido pelo servo, na época medieval, sendo também resultado do trabalho, não torna-se mercadoria (ou valor). Parte da resposta está num dos parágrafos atrás, mas é preciso acrescentar que, mesmo sendo este produto passado para terceiros, na forma de tributo ou de dízimo, este produto, quando da transferência de mãos para servir de valor-de-uso, não passava pela troca, não se utilizava do valor-de-troca.

315. Uma outra questão pode surgir do seguinte: como pode a terra, que não é resultado do trabalho, ser comercializada? A terra, apesar de não ser mercadoria, é comercializada pelo fato de certas pessoas terem o monopólio sobre ela, excluindo as

¹⁰⁸ Marx, Karl. GRUNDRISSE: lineamentos fundamentais para la crítica de la economía política (1857 - 1858). Vol. I, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 74 (89).

demais. Além do mais, a acumulação primitiva explica grande parte desse processo, que contém muito sangue.

316. Por outro lado, existem coisas que tem valor-de-uso mas não valor: o ar que respiramos. Um outro exemplo de coisa que é útil - tem valor-de-uso - e também é resultado do trabalho mas não é valor acontece quando produzimos para nós mesmos, ou quando o camponês produz para própria subsistência.

317. A digressão que queremos colocar está ligada a seguinte afirmação de Marx:

*"A sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida e mais variada que existe. Por este fato, as categorias que exprimem as relações desta sociedade e que permitem compreender a sua estrutura permitem ao mesmo tempo perceber a estrutura e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos ela se edificou, de que certos vestígios, parcialmente não apagados, continuam a subsistir nela, e de que certos signos simples, desenvolvendo-se nela, se enriqueceram de toda sua significação"*¹⁰⁹

318. Tomemos uma dessas categorias, aquela que foi nos apresentada logo de início: a mercadoria. Sabemos que mercadoria é a unidade contraditória entre valor-de-uso e valor-de-troca, e vejamos como ela pode ser utilizada para nos possibilitar a compreensão de sociedades que desapareceram para dar lugar a atual. Qualquer livro sobre o período histórico que antecede o capitalismo, nos mostra que a troca de produtos era feita de maneira esporádica, quando muito nos interstícios desse mundo antigo. Nem por isso a comunidade, a horda, deixava de produzir

¹⁰⁹ Marx, Karl. CONTRIBUIÇÃO A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA, op. cit., 223.

riquezas. E mais, de um modo geral, a divisão do trabalho era muito rudimentar, limitava-se a divisão sexual ou etária do trabalho. Dessa maneira, a produção era destinada ao consumo imediato, à satisfação imediata desta comunidade. A troca, quando acontecia, assumia a forma de cerimonial, de festas. Isto quando havia uma razoável colheita, pois de um modo geral acontecia o contrário, ou seja, a troca forçada, o saque. Portanto, o produto do trabalho continha os dois aspectos contrários, sendo que o valor-de-troca existia na forma potencial.

319. A relação de produção era uma relação entre homens, de forma transparente, clara; e não uma relação provinda das coisas, isto é, os homens determinavam - na medida do possível - o objeto. Dessa maneira, o valor existia e não existia nessa época. Existia na forma potencial, genética, ou seja, anterior ao nascimento do ser-mercadoria. E isto justifica o fato de Aristóteles ter questionado a igualdade entre produtos totalmente distintos quando da troca, e afirmado que tal coisa:

"Não pode, em verdade, existir" ¹¹⁰

320. Aristóteles não descobriu o porquê dessa igualdade, ou melhor, o valor, pelo fato das "limitações históricas" o impedirem. Como?

321. Se tomarmos a história como sinônimo de desenvolvimento, poderíamos comparar tais limitações com o seguinte exemplo: sabendo que da relação entre o homem e a mulher

¹¹⁰ *Ibidem*, pp. 68.

nasce a criança; se colocarmos um menino e uma menina juntos, esperando que daí nasça a criança, só podemos concluir que "não pode, em verdade, existir" a possibilidade do nascimento da criança.

322. É importante salientar que apesar de Aristóteles não ter descoberto o valor - o que poderia parecer um "pensador pela metade", pois não leva às últimas consequências as questões levantadas - para Marx, Aristóteles foi um gênio, um gênio por atingir o limite de sua época. E considerá-lo insuficiente é acreditar que o pensamento dialético é natural ao ser humano; é acreditar que uma criança, apesar de possuir os órgãos sexuais, podem também procriar; é não compreender que só a sociedade burguesa, a mais desenvolvida historicamente, revela ao homem - agora com possibilidade de apreendê-la dialeticamente - as formas das sociedades (e, portanto, do homem) sobre as quais esta se consolidou.

323. Como? Da maneira que estamos tentando fazer, isto é, utilizando as categorias econômicas que exprimem suas relações.

324. Como a categoria mercadoria exprime tal situação? Antes da resposta a esta pergunta, vejamos o que diz Ruy Fausto:

"A diferença entre o capitalismo e o pré-capitalismo é, de um modo geral, a que separa um modo de produção que visa a valorização do valor e modos de produção cuja finalidade é a produção de valores-de-uso".¹¹¹

325. Sendo assim, podemos dizer que, em épocas anteriores ao modo de produção capitalista, o valor-de-uso predominava sobre o

¹¹¹ Fausto, Ruy. MARX: LÓGICA E POLÍTICA, São Paulo, Ed. Brasiliense S/A, 1987, Vol. II, p. 39.

valor-de-troca, em certas sociedades mais em outras menos; e que na atualidade, acontece o contrário, o valor-de-troca predomina sobre o valor-de-uso (forma histórica do valor), e para isso pressupõe a divisão social e técnica do trabalho, ampliação dos mercados, propriedade privada etc. e assim tende para a extinção do valor-de-uso. Sobre esta situação prospectiva, analisaremos quando da análise do capital ou MODO DE PRODUÇÃO QUE VISA A VALORIZAÇÃO DO VALOR. Porém, podemos dar um par de passos nessa direção, desconsiderando o tempo, a história.

326. Toda mercadoria, quando se considera o tempo de existência da mesma no ato da satisfação de nossa necessidade, ou ainda, no ato da utilização, expressa uma taxa de uso¹¹². Por exemplo, a taxa de uso da mercadoria camisa é bem maior que a taxa de uso dum sanduíche. Isto posto, podemos observar a tendência à queda da taxa de uso da mercadoria, ou ainda, a tendência do valor dominar por completo o valor-de-uso. Para isso, tomemos o automóvel: é perfeitamente observável que o automóvel produzido em décadas anteriores, tinha uma vida útil bem maior que a do automóvel produzido atualmente, ou seja, tende para o descartável. Isto põe a necessidade da troca, agora cada vez mais constantes, em outras palavras, é o valor-de-troca subordinando, tomando o espaço do valor-de-uso no âmbito da mercadoria, é o valor se expressando cada vez mais. Porém, apesar de tender para a extinção do valor-de-uso, não pode extinguí-lo porque, se assim fizer, extingue a si mesmo.

¹¹² Nészáros, István. PRODUÇÃO DESTRUTIVA E ESTADO CAPITALISTA, São Paulo, Editora Ensaio, 1989.

327. Para retomarmos o caminho em direção a categoria capital, deixemos a palavra final para Marx e, inclusive a indicação do caminho:

*"Por isso, patenteiam-se como mercadorias, assumem a feição de mercadoria, apenas na medida em que possuam dupla forma, aquela natural e a de valor. A realidade do valor das mercadorias difere de Dame Quickly, por não sabermos por onde apalpá-la. Em contraste direto com a palpável materialidade da mercadoria, nenhum átomo de matéria se encerra no seu valor. Vire-se e revire-se, à vontade, uma mercadoria: a coisa-valor se mantém imperceptível aos sentidos. As mercadorias, recordemos, só encarnam valor na medida que são expressões de uma mesma substância social, o trabalho humano; seu valor é, portanto, uma realidade apenas social, só podendo manifestar-se, evidentemente, na relação social em que uma mercadoria se troca por outra. PARTIMOS DO VALOR-DE-TROCA OU DA RELAÇÃO DE TROCA DAS MERCADORIAS, PARA CHEGAR AO VALOR AÍ ESCONDIDO. TEMOS, AGORA, DE VOLTAR A ESSA FORMA DE MANIFESTAÇÃO DO VALOR"*¹¹³

1.2.2. Fetichismo e alienação ideológica.

328. Dessa maneira, a categoria valor pressupõe a de valor-de-troca, pois, o valor é uma relação social, relação entre homens, DISFARÇADA sob a forma de troca de mercadorias. Dado que é impossível um homem produzir a si mesmo, de maneira individual, temos então que concluir que todos somos dependentes um dos outros. Essa "dependência", em épocas anteriores ao modo de produção capitalista, não se dissimulava na relação entre coisas. Sendo que na economia mercantil capitalista tais relações

¹¹³ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., p. 55. Dame Quickly, personagem de Shakespeare em "Henrique IV", parte Ia., ato III, cena III.

sociais agora são determinadas pelas mercadorias, pelas coisas.

Em outras palavras:

*"O homem não pode prescrever ao mundo das mercadorias as leis de seu comportamento; pelo contrário, tem que deduzir das leis do comportamento das mercadorias suas próprias leis"*¹¹⁴

329. A dependência na época atual é fruto, então, das coisas, das mercadorias, do resultado do trabalho. A liberdade, na época atual, é a liberdade de poder se apropriar das coisas. Tomemos um exemplo: um camponês isolado ou as condições de produção em épocas pré-capitalistas, onde o valor-de-uso predomina sobre o valor-de-troca e, conseqüentemente, o valor não estava consolidado. Neste contexto, quanto maior fosse a produção, maior a colheita, mais rico se torna pelo fato de poder se apropriar de mais riqueza material. Na época atual ou época do valor porque toda produção se destina ao mercado - produção mercantil -; quanto maior é a produção, maior a possibilidade de tornar-se pobre, pois o valor individual das mercadorias baixam e, caso não se realizem (não se tornem algo vendido) - devido ao fato da produção (oferta) ser maior que a demanda - o proprietário desses produtos que não se realizaram como mercadorias torna-se proprietário de algo inútil, de valor-de-troca não-materializado pelo valor-de-uso, conseqüentemente, de valor abortado. É a condição de vida do homem dependendo da condição de vida da mercadoria; é a coisa, o objeto, tornando-se sujeito e homem, o sujeito, tornando-se objeto.

¹¹⁴Hinkelammert, Franz. AS ARMAS IDEOLÓGICAS DA MORTE, São Paulo, Ed. Paulinas, 1983, p.45.

330. Este fato é denominado por Marx de FETICHISMO DA MERCADORIA, teoria que consideramos de fundamental importância para toda teoria Marxista. Fundamental porque a mercadoria é fenômeno econômico - resultado da produção mercantil - que permitiu a Marx extrair uma linha contínua histórico-genética que o conduziu até ao capital, ao capitalismo, à completa apreensão da realidade moderna.¹¹⁵

331. Por outro lado, não teria toda a Teoria econômica Neo-Clássica caído nessa cilada, ao substituir o sujeito necessitado - carente de tudo, inclusive de poesia -, por um sujeito com preferências e que otimiza as utilidades marginais ? Ou seja, "utiliza-se" basicamente do valor-de-uso da mercadoria, sendo que, na época atual, é pelo mais insignificante da própria mercadoria a não ser como base material da riqueza. E mais, uma teoria que atende quase que perfeitamente os ditames da mercadoria, mas não o do homem, ou seja, uma ciência ou teoria que com explicações acobertadoras dos verdadeiros problemas econômicos; a-histórica porque concebe o modo de produção de mercadorias imutável e eterno; inversora de valores por não entender que se produz para o mercado objetivando o lucro e não as "preferências" dos consumidores; e empirista ao extremo; só pode ser idéias alienadas, subjugadas às regras das mercadorias. É como se a mercadoria exigisse-nos tais idéias.

332. Portanto, uma alienação ideológica, sendo esta uma das

¹¹⁵ Zeleny, Jindrich. LA ESTRUCTURA LÓGICA DE "EL CAPITAL DE MARX", Barcelona, Ediciones Graijaldo S/A, 1974.

determinações da alienação humana¹¹⁶.

1.2.3. Produção, distribuição e apropriação.

333. O que é produção mercantil? Vejamos, primeiro, o que é produção material, ou seja, o "ponto de partida":

"Indivíduos que produzem em sociedade e, portanto, produção socialmente determinada dos indivíduos".¹¹⁷

334. Isto é, o indivíduo se apropria da natureza, porque a natureza se apropria do indivíduo. Em outras palavras, se voltarmos nossos olhos para a história, veremos que o indivíduo é "carente de independência"; primeiramente como dependente da natureza ("um todo superior"), da família, da tribo, da comunidade, etc.. Produção é produção do indivíduo, é a história. Sendo assim,

"Toda produção é apropriação da natureza por parte do indivíduo e por meio de uma determinada forma de sociedade"¹¹⁸

335. Vimos que o ponto de partida é a produção. Qual é o ponto de chegada? É o mercado? Não é o mercado, é o consumo. Porém, quando se analisa "determinada forma de sociedade" ou mais especificamente a sociedade mercantil capitalista nota-se que, entre produção e consumo, existem mediações, ou seja:

¹¹⁶Silva, Ludovico. *MARX Y LA ALIENACION*, 2a. ed., Caracas, Venezuela, Monte Avila editores, s.d. 207p.

¹¹⁷Marx, Karl. *PARA A CRITICA DA ECONOMIA POLITICA*, São Paulo, Ed. Abril Cultural, Col. "Os Economistas", 1982, p. 3.

¹¹⁸Marx, Karl. *Ibidem*, p. 4.

distribuição e troca. Em outras palavras, a produção não é imediatamente consumida; existe uma cisão, forçada historicamente, de um processo único.

336. Essa unidade na diversidade ou "a produção é também imediatamente consumo"¹¹⁹ se considerarmos que, no ato da produção, consomem-se energias humanas, matérias-primas e energias não-humanas (combustão, eletricidade, etc.). E este consumo é denominado por Marx de consumo produtivo. Por outro lado, "o consumo é imediatamente produção"¹²⁰, se considerarmos que, dado que o indivíduo desprende energias ao produzir, agora - ao consumir a produção - reproduz seu próprio corpo, possibilitando, inclusive, a procriação. Dessa maneira, "a produção é, pois imediatamente consumo; o consumo é, imediatamente produção"¹²¹

337. Mas produção não é imediatamente consumo, do mesmo modo que consumo não é imediatamente produção, quando dentro de "determinada sociedade": a sociedade mercantil capitalista, pois,

"(Nesta)...sociedade, o relacionamento do produtor com o produto, assim que este se encontra acabado, é puramente exterior e o retorno do produto ao sujeito depende das relações deste com os outros indivíduos. Não se apodera dele imediatamente. Também a apropriação imediata do produto não é sua finalidade quando produz dentro da sociedade (mercantil). Entre o produtor e o produto se coloca a DISTRIBUIÇÃO, a qual, por meio de leis sociais, determina sua parte no mundo dos produtos e interpõe-se, portanto, entre a produção e o consumo".

¹¹⁹Marx, Karl. *Ibidem*, p. 7.

¹²⁰Marx, Karl. *Ibidem*, p. 8.

¹²¹Marx, Karl. *Ibidem*, p. 8.

(os parênteses são nossos) 122

338. Essa DISTRIBUIÇÃO não é apenas a distribuição da riqueza produzida como é entendida pelos economistas burgueses. Para Marx a distribuição contém três aspectos bastante distintos: a) distribuição dos meios de produção nos distintos setores da economia; b) distribuição dos indivíduos na sociedade e; c) distribuição dos produtos entre os indivíduos dessa sociedade.

339. Os dois primeiros aspectos tornam a distribuição estreitamente ligada à produção. O último aspecto, faz dela algo oposto; apropriação. Então:

*"A distribuição determina a proporção (a quantia) de produtos que corresponde ao indivíduo; (e) a TROCA determina os produtos nos quais o indivíduo exige que lhe entregue a parte estabelecida pela distribuição"*¹²³
(parênteses nossos)

340. Em outras palavras, dada a DISTRIBUIÇÃO de produtos, de riqueza que na época capitalista é mercadoria, ao capitalista correspondem as mercadorias máquinas, equipamentos, instalações e matérias-primas. Ao trabalhador, despossuído de meios de produção e matéria-prima, corresponde sua vontade e necessidade de trabalhar, essa força eminentemente humana que transforma a natureza (ou matéria-prima se é algo natural, porém já trabalhada). Isto determina a proporção da riqueza a ser apropriada pelos indivíduos que, de um modo geral, podemos reuni-los em classes: a classe dos possuidores de meios de produção e matérias-primas e; a classe dos despossuídos de algo material,

¹²²Marx, Karl. *Ibidem*, p. 10.

¹²³Marx, Karl. *GRUNDRISSE*, op. cit., vol. I, p.6.

possuindo apenas a força, a vontade e a necessidade de trabalhar, ou ainda, os capitalistas e os proletários. Sendo que na TROCA, a proporção da riqueza a ser apropriada, poderá ser maior ou menor.

341. Por último, temos a CIRCULAÇÃO de mercadorias, que nada mais é do que a troca de mercadorias considerada na sua totalidade. É importante salientar que circulação não, necessariamente, significa que a mercadoria tenha que se deslocar fisicamente, pois uma casa pode circular como mercadoria sem se deslocar fisicamente.

342. Resumindo, Vimos que valor é uma relação de produção social e historicamente determinada. Em nossa caminhada em busca da categoria capital, temos que "voltar a essa forma de manifestação do valor", isto é, valor-de-troca ou, extendendo seu significado podemos dizer, a forma preço do valor. Em outras palavras, a forma que o valor assume quando da apropriação, do consumo.

343. Então, a mercadoria, quando na esfera da produção, é valor, mesmo que esta substância não tenha se expressado, ou ainda, que se assemelhe a um produto. E isto salienta a especificidade da PRODUÇÃO MERCANTIL, ou forma da produção material quando dentro de determinada sociedade, que não se esgota na esfera da produção. Necessariamente, quando a mercadoria sai da esfera da produção, tem que passar pela esfera da circulação, acontecendo ou não o consumo, a troca. O importante, numa economia mercantil capitalista, é que os objetos, as coisas, sejam produzidas para a troca.

1.3. Dinheiro.

344. Feita a "meia volta volver", deveríamos rever aquele quadro onde, de um lado temos uma mercadoria e do outro, mediado pelo sinal de igualdade, várias outras mercadorias, enfim, o quadro da explicação do valor-de-troca. Desse quadro, tomaremos somente a forma mais simples ou fortuita do valor, isto é:

$$xA = yB$$

345. A análise desta forma simples do valor, que se expressa através do valor-de-troca, nos dá a chave para a compreensão do valor em geral, inclusive do dinheiro e forma mais desenvolvida, ou seja, do cartão de crédito e outras que por ventura possam surgir.

346. Sendo assim, a forma simples do valor não é tão simples como aparenta ser. Ela contém duas formas do valor: A RELATIVA e a EQUIVALENTE. Ambas as formas são excludentes, a mercadoria A não pode estar na condição de relativa e, ao mesmo tempo, na de equivalente. Em outras palavras, a mercadoria A não pode relacionar consigo mesma e muito menos equivaler a si mesma. Analisemos, então, cada uma dessas formas.

347. A forma relativa do valor nos faz ver que a qualidade ou propriedade valor se expressa quando da relação com outra mercadoria. A forma relativa do valor de A se expressa no corpo da mercadoria B, B serve de espelho para A. E só nesta "relação"

é que A adquire a propriedade valor. Em outras palavras, o valor de A se expressa no valor-de-uso de B.

348. A forma relativa do valor, além de expressar valor em geral (qualidade), expressa também a magnitude do valor (quantidade). Por exemplo, o valor de A expresso em termos de B depende da magnitude do valor do primeiro e da magnitude do valor do segundo, sendo que esta magnitude é diretamente proporcional a magnitude do valor de A e inversamente proporcional a magnitude do valor de B. Façamos um exemplo:

Mg.Vr de A = 15 horas de trabalho

Mg.Vr de B = 03 horas de trabalho

Então, $1A = 5B$

Porém, supondo que B seja linho, e dado que houve um certo esgotamento do solo onde se planta linho, a magnitude do valor do linho tende a variar, sem que se varie o valor da mercadoria A.

Veja:

Mg.Vr. de A = 15 horas de trabalho

Mg.Vr. de B = 05 horas de trabalho

Então, $1A = 3B$

Por outro lado, suponhamos que A seja um lenço de tecido de algodão e que, devido ao desenvolvimento das forças produtivas, passou a ser produzido com material sintético, o que significa um barateamento em termos de insumo que já não depende das intempéries do tempo. Por outro lado, suponhamos também que o processo de transformação do linho-planta em tecido recebeu o auxílio de máquinas e equipamentos que fez diminuir o tempo de trabalho até então requerido. Dessa maneira, teremos variações nas magnitudes tanto de como de B, sem que se varie a forma relativa do valor de A.

Mg.Vr. de A = 10 horas de trabalho

Mg.Vr. de B = 02 horas de trabalho

Então, $1A = 5B$

Resumindo, vimos que do primeiro quadro para o segundo, houve mudança na forma realtiva do valor de A sem que alteração na magnitude do valor de A. Do primeiro quadro para o terceiro quadro, nota-se mudança na magnitude do valor de A sem que se altera forma relativa do valor de A. Este exemplo nos mostra que a forma relativa de expressar o valor não é adequada para expressar as variações das magnitudes de valores, isto é, para expressar a contradição existente entre a essência e a aparência

da mesma. Ou ainda, esta forma é inadequada para expressar a contradição entre a magnitude do valor (essência) e seu respectivo preço (aparência).

349. De um modo geral, quando se toma o modo de produção capitalista como um todo, veremos que a tendência é diminuir cada vez mais a magnitude do valor da mercadoria. Em contraponto, essa mesma tendência se apresenta numa constante e incessante elevação dos preços em geral - inflação. A relação entre valor e preço pode, também, ser exemplificada no caso da fruta e da manifestação concreta desta na laranja, na banana, etc., com uma única diferença: entre o termo abstrato fruta e a concreta laranja, não existe a dinamicidade existente entre a substância valor e sua manifestação fenomênica no preço.

350. Vejamos agora a forma equivalente do valor. Esta não contém determinação quantitativa do valor. O valor-de-uso da mercadoria que assume a forma equivalente se converte na forma em que o seu contrário se manifesta: o valor (antítese interna).

351. Como nenhuma mercadoria pode referir-se a si mesma como equivalente (espelhar a si mesma), necessariamente tem que recorrer a outra mercadoria como equivalente para salientar para salientar, ativar, seu valor. Em outras palavras, se perguntarmos qual é o valor de xA, a resposta só pode ser yB, isto é, xA vale yB. A forma relativa do valor de A expressa seu caráter de valor num corpo distinto do seu, no corpo de B, sendo que nesta situação já se oculta toda uma relação social de produção de mercadorias.

352. Ocorre o inverso com a forma equivalencial do valor. O corpo de B expressa valor e possui valor como algo natural, o valor parece algo inato à mercadoria. Porém, como as propriedades, tanto de B como de A, não surgem da relação - $x_A = y_B$ - mas se ativam nesta relação, a impressão que fica é que o valor é natural às coisas, às mercadorias. Portanto, a propriedade valor das mercadorias se ativam quando da relação entre si.

*"O corpo da mercadoria que presta serviços de equivalente, conta sempre como encarnação de trabalho abstratamente humano e em todos os casos é o produto de um trabalho determinado útil, concreto. Este trabalho concreto, pois, se converte em expressão de trabalho abstratamente humano."*¹²⁴

1.3.1. Sujeito necessitado de conhecimento.

353. É interessante salientar que Marx, quando da explicação deste fato, cita a observação feita por Aristóteles há mais de 2.250 anos atrás e que consistia no seguinte:

"5 camas = uma casa"

"não difere" de

"5 camas = tanto ou quanto dinheiro"

¹²⁴Marx, Karl. O CAPITAL, Liv. I, Vol. I, pg 66.

354. E conclui que "o intercâmbio não poderia dar-se sem a igualdade e, por sua vez, sem a comensurabilidade...(e fica estarrecido com o fato de que)...em verdade é impossível que coisas tão heterogêneas sejam comensuráveis"¹²⁵ ou iguais.

355. É, realmente, impossível se não se considera a substância valor das coisas, o trabalho abstrato materializado nessas coisas. E Aristóteles, apesar de se aproximar da explicação do valor, não o fez porque a forma mercadoria do resultado do trabalho era embrionária, ou ainda, não estava consolidada.

*"...era um resultado que Aristóteles não podia alcançar partindo da forma mais simples do valor, porque a sociedade grega se fundava no trabalho escravo e por conseguinte sua base natural era a desigualdade dos homens e de suas forças de trabalho."*¹²⁶

356. Mais adiante Marx faz um eloquente elogio a Aristóteles e, de maneira implícita, coloca que a lógica dialética é um fato historicamente determinado, é uma conquista, um resultado do trabalho, do desenvolvimento das forças produtivas. Portanto, nunca algo natural ao ser humano, isto é, ninguém nasce pensando dialeticamente, pois esta é uma conquista de cabeças pensantes.

*"O gênio de Aristóteles brilha precisamente por descobrir na expressão do valor das mercadorias uma relação de igualdade. Somente a limitação histórica da sociedade em que vivia o impediu de averiguar em que consistia, "em verdade", essa relação de igualdade".*¹²⁷

¹²⁵ *Ibiden*, pg. 67.

¹²⁶ *Ibiden*, pg. 68.

¹²⁷ *Ibiden*, pg. 68.

357. Que verdade? A verdade de que o valor de A se expressa qualitativa e quantitativamente na mercadoria B. Primeiro, porque é diretamente intercambiável por B; segundo, por se expressar no fato de que uma determinada quantidade de B (ou certa parte - 1/100 - da casa) é intercambiável por uma determinada quantidade da mercadoria A.

*"O valor de uma mercadoria se expressa de maneira autônoma, mediante sua apresentação como "valor-de-troca"."*¹²⁸

358. Essa "autonomia" do valor é salientada por Marx de maneira tal que, aqueles que não levam em consideração a observação feita no "Prólogo da 1a. edição", passam a ver contradição em Marx e não na realidade analisada por Marx. Qual é a observação?

*"Excetuando a parte referente a forma do valor, não se poderá alegar contra este livro dificuldade de compreensão. Estou, naturalmente, pressupondo leitor que queira aprender algo novo, desejoso, portanto, de pensar por sua própria conta."*¹²⁹

359. "Pensar por conta própria" significa, além do mais, apreender, apropriar, uma realidade que é impossível de ser apreendida ou apropriada com base, simplesmente, na observação dos fatos (empirismo) e muito menos com base na experimentação. Em outras palavras, exige-se uma série de determinadas mediações entre o observável, o concreto, o real, e a abstração desse real, ou seja, "o concreto é concreto porque é a síntese de muitas

¹²⁸ *Ibidem*, pg. 68.

¹²⁹ *Ibidem*, pg. 4.

determinações, isto é, é a unidade no diverso".¹³⁰

360. E neste "elevar-se do abstrato ao concreto" Marx elabora uma série de categorias que, diferentemente dos conceitos fixos, estáticos, da lógica formal, contém polos contraditórios e são fluidos; ora sendo determinante, ora determinado; ora "verdadeiro", ora "falso"; sendo que, somente com base nestas categorias é que podemos refletir, apreender a movimentada realidade em que vivemos e que parece tão parada quanto as águas de um rio largo e denso, porém, com uma corrente de água que "acorrenta" os indivíduos num fazer (trabalhar) impedindo-o de saber (conhecer) o porquê do agir dessa maneira.

361. Então, o indivíduo da era capitalista, é um indivíduo necessitado também de conhecimento, mais do que de "pão":

*"Os trabalhadores precisam de poesia mais do que de pão. Necessidade de que sua vida seja uma poesia. Necessidade de uma luz de eternidade...O trabalho é como uma morte."*¹³¹

362. Voltemos ao nosso estudo, o da forma do valor ou autonomia do valor:

*"Se bem que no começo deste capítulo (Mercadoria e Dinheiro) dissemos, recorrendo a terminologia em voga, que a mercadoria é valor-de-troca e valor-de-uso, isto, falando com precisão, era falso. A mercadoria é valor-de-uso e VALOR."*¹³²

¹³⁰ Marx, Karl. PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA, 1a. edição, São Paulo, Abril S/A, Coleção Os Economistas, 1982, pp.14.

¹³¹ Meil, Simone. A CONDIÇÃO OPERÁRIA E OUTROS ESTUDOS SOBRE A OPRESSÃO, Org. por Ecléia Bosi, 1a. ed., Rio de Janeiro, 1979, pg. 393.

¹³² Marx, K. O CAPITAL, op. cit., p. 68.

363. Por que Marx faz esta observação? Para esclarecer um equívoco posto tanto pelos mercantilistas (partidários do protecionismo e da balança comercial superavitária), pelos *Commis-voyageurs* (livre-comércio) e, acrescentaríamos também a essas duas correntes os partidários do neo-ricardianismo e/ou Sraffianos, que fundavam, respectivamente suas análises no aumento do ouro no país como sinônimo de aumento de riqueza e, por outro lado, postulavam que o centro de gravidade era a forma relativa do valor, em sua determinação quantitativa, considerando de suma importância as proporções quantitativas dos objetos trocados e não seu equivalente em ouro. Em outras palavras, os primeiros separavam a "forma do valor" do "conteúdo valor"; os outros, separavam o conteúdo da forma, privilegiando, evidentemente, esta última. Marx supera essa unilateralidade ao propor que tanto o valor como o valor-de-uso, o dinheiro e a mercadoria, são a unidade dos contrários.

*"A antítese interna entre valor-de-uso e valor, oculta na mercadoria, se manifesta, pois, através de uma antítese externa, isto é, através da relação entre mercadorias".*¹³³

E mais,

*"Nossa análise demonstrou que a forma ou a expressão do valor da mercadoria decorre da natureza do valor da mercadoria, não sendo verdade que o valor e sua magnitude se originam da expressão do valor da mercadoria, do valor-de-troca".*¹³⁴

¹³³ Marx, Karl. O CAPITAL, p.69 (75 siglo).

¹³⁴ *Ibide*m, pg. 69.

364. Isto nos mostra que o valor não surge do valor-de-troca, mas encontra neste somente sua expressão, obtém forma, uma forma transfigurada (Preço), que nega sua forma essencial (valor).

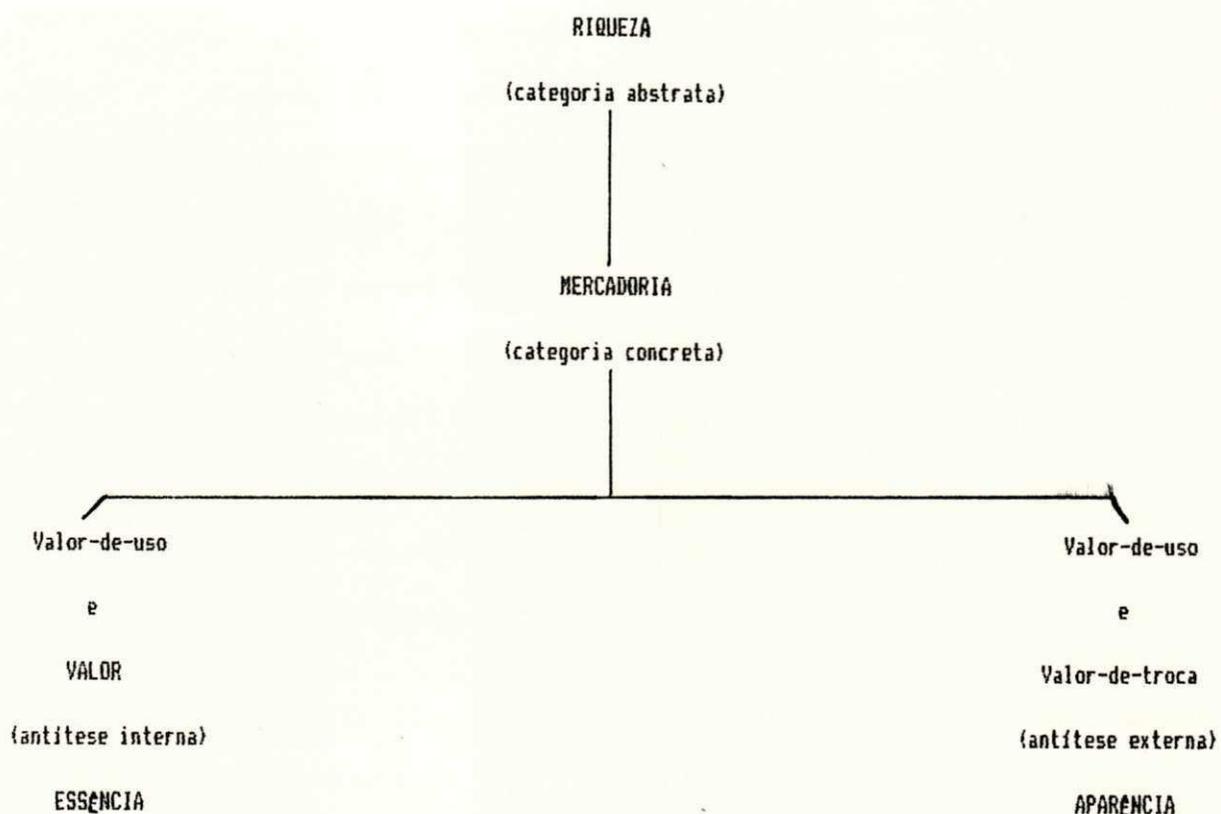
365. Expliquemos melhor. Estudar a forma simples do valor (relativa ou equivalencial) significa estudar a forma embrionária do valor. Temos, portanto, que partir desta para formas mais desenvolvidas de valor.

*"Em todas as épocas, o produto do trabalho é valor-de-uso; mas só num período determinado do desenvolvimento histórico, em que se apresenta o trabalho despendido na produção de uma coisa útil, como propriedade "objetiva", inerente a essa coisa, isto é, como seu valor, é que transforma o produto do trabalho em mercadoria. Em consequência, a forma-mercadoria elementar do produto do trabalho, coincidindo, portanto, o desenvolvimento da forma-mercadoria com o desenvolvimento da forma-valor".*¹³⁵

1.3.2. O dinheiro atende as necessidades da troca e não as necessidades dos indivíduos.

366. A riqueza na época capitalista é a mercadoria que é valor-de-uso e valor. O valor-de-uso é a dimensão que perpassa todos os modos de produção, é o conteúdo material da riqueza. O valor, por sua vez, é a expressão nas coisas das relações mercantis de produção, é a forma histórica da riqueza. O valor-de-troca é forma de expressão, de manifestação do valor.

¹³⁵ *Ibides*, pg. 70.



367. Dessa maneira, se estudar a forma simples do valor é estudar a forma embrionária, forma esta que contém a forma mais desenvolvida, fica fácil compreender esta última: forma total ou desenvolvida do valor. Passo decisivo e importante para se chegar a forma dinheiro do valor.

xA	=	
1 kg. de café	=	
3 pares de sapatos	=	
1 mesa	=	20 lenços/x gramas de ouro.
1/2 tonelada de ferro	=	
1 vaso sanitário	=	
1 bolsa	=	
yB	=	

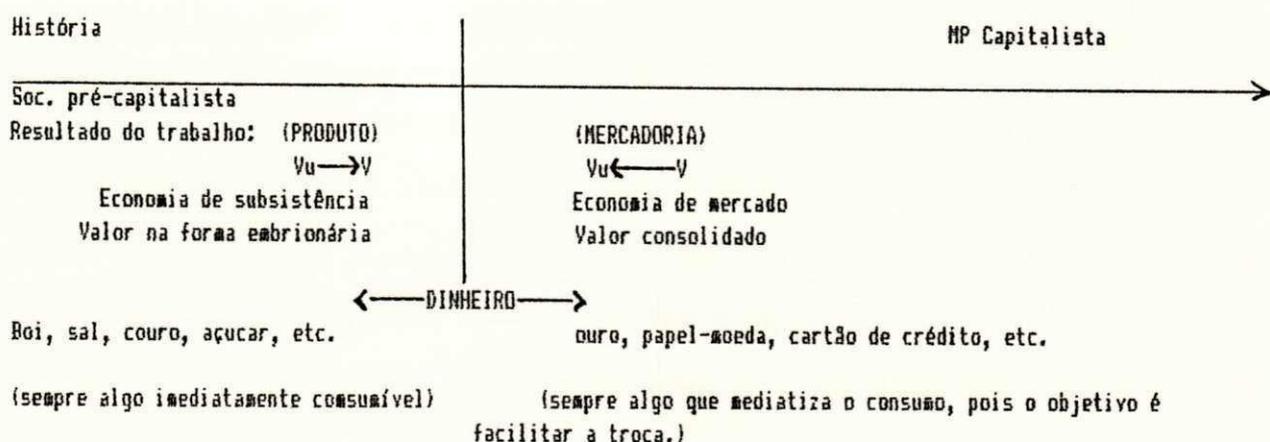
368. Agora, as mercadorias representam seu valor de maneira simples e unitária, numa só mercadoria. É de sua própria conta o ato de representar seu valor numa determinada mercadoria, desempenhando um papel passivo frente a qual detém a forma geral ou equivalente geral.

"A forma geral do valor, ao contrário, surge tão somente como obra comum do mundo das mercadorias. Uma mercadoria somente alcança a condição de expressão geral porque, simultaneamente, todas as demais mercadorias expressam seu valor no mesmo equivalente, e cada nova classe de mercadorias que aparecem em cena devem fazer o mesmo". ¹³⁶

369. É claro que a mercadoria "eleita" tem por objetivo atender as necessidades das mercadorias que a elegeram. Isto é, se considerarmos a mercadoria na forma embrionária ou produto, mais especificamente, as épocas pré-capitalista, notaremos que o equivalente geral ou forma dinheiro do valor era algo imediatamente consumível, como por exemplo, o boi, o couro, o tabaco, o açúcar, etc. Pois, a troca era esporádica nesse mundo antigo.

370. Na época atual, ao contrário, o equivalente geral ou dinheiro tem por objetivo atender as necessidades da troca, das mercadorias, e não o consumo imediato. Daí o fato deste se apresentar como ouro, papel-moeda (fiduciário, inclusive), cartão-de-crédito, etc.

¹³⁶ *Ibidem*, pg. 75.



371. Portanto, num primeiro momento, as relações entre membros de uma comunidade ou entre comunidades fazem surgir o equivalente geral, isto é, os indivíduos determinam o equivalente geral para a troca. Este assume a forma de algo imediatamente utilizável, consumível. Num segundo momento ou época capitalista, a troca de mercadorias exige e "elege" uma mercadoria representante geral na qual equiparam reciprocamente os diversos produtos do trabalho, desenvolvendo a antítese interna à mercadoria, tornando-a sujeito de uma relação social de produção. A mercadoria, ou valor, passa a determinar o que o indivíduo deve ou não deve fazer, sobre a vida ou morte do indivíduo. Reverte-se a situação. Duma relação entre coisas determinada pelos indivíduos, agora temos uma relação social entre indivíduos determinada pelas coisas, mercadorias. E. como disse Marx, se as mercadorias falassem, diriam o seguinte:

"Nosso valor-de-uso pode interessar aos homens. Não é nosso atributo material. O que nos pertence como nosso atributo material, é nosso valor. Isto é o que demonstra nosso intercâmbio como coisas mercantis. Só como valores-de-troca estabelecemos relações umas com

as outras." ¹³⁷

372. Daí o FETICHISMO da mercadoria, onde alguns observadores mais desprevinidos descobrem "a violência da moeda" ¹³⁸ ou que o dinheiro é a "besta" deste mundo. A humanidade pode postar-se frente a moeda quanto tempo quiser e nunca sofrerá sequer um arranhão. A violência surge do uso da moeda, e nunca da moeda.

373. Ou ainda, quando da análise da realidade "subdesenvolvida" ou periférica ao mundo das mercadorias; da análise da pobreza absoluta de enorme massa de seres humanos agrupados em favelas; etc., conclui-se que faltam recursos, dinheiro, para reverter tal "estado de coisa".

Sendo que, é justamente a presença do dinheiro como mediador da troca de mercadorias, seja esta ao nível internacional, nacional, regional ou local, que faz emergir esta situação de miséria.

374. Portanto, o modo de produzir, mais especificamente o capitalista, põe "falsas" necessidades, inclusive de dinheiro,

¹³⁷ Marx, Karl. O CAPITAL, pg. 92 (101)

¹³⁸ Título do livro de: Aglietta, Michel & Orléan, André. A VIOLÊNCIA DA MOEDA, 1a. ed., São paulo, Brasiliense, 1990. Onde se encontra a seguinte afirmação: "...a autonomia aparente das relações econômicas é geralmente considerada como óbvia. Aliás, Marx é o primeiro entre os grandes pensadores dessa disciplina a ter uma consciência clara do problema. Todavia, o ponto de vista a partir do qual ele pôde adquirir essa consciência permaneceu totalmente ininteligível (sic!)...A prova disso é a definição de seu ponto de partida: a mercadoria, enquanto unidade contraditória que contém valor-de-uso e valor-de-troca. Trata-se da relação elementar das sociedades capitalistas. Procedendo dessa forma, Marx situa-se fora do campo teórico definido por Ricardo; ele não podia, portanto, lhe disputar nada. No entanto, essa relação elementar é apenas assinalada por Marx. Ele não a explica, pois o valor de uso permanece em sua teoria, como uma pré-noção. A despeito de todas as indicações que Marx acrescenta sobre a dimensão moral e histórica das necessidades humanas, o valor de uso permanece em enigma, porque ele não é concebido como uma relação social." (sic?), pp. 44-45.

para solucionar problemas. Por outro lado, tem-se o adágio: "o dinheiro traz a felicidade".

375. A felicidade dos indivíduos está estreitamente ligada à subordinação da troca de mercadorias - portanto, da relação entre os indivíduos - aos próprios indivíduos. Dessa maneira possibilita-se a manifestação da essência homem - a humanização - e que é negada quando a relação entre os homens é determinada pelas mercadorias.

376. O dinheiro, então, encobre toda uma relação social de produção que, quando observada sem analisá-la dialeticamente, parece atomista e natural.

*"Daí a magia do dinheiro. Os homens procedem de maneira atomista no processo de produção social e suas relações de produção assumem uma configuração material que não dependem de seu controle nem de sua ação consciente individual. Esses fenômenos se manifestam na transformação que gera a mercadoria equivalente universal, o dinheiro. O enigma do fetiche do dinheiro é, assim, nada mais do que o enigma do fetiche da mercadoria em forma patente e deslumbrante."*¹³⁹

377. Vejamos o que é, então, capital.

1.4. Capital.

378. É chegada a hora de juntarmos todas as categorias até então expostas para visualizarmos, de maneira parcial, o que é capital. Dissemos parcial pelo fato de que o entendimento se situará no aspecto geral do capital, isto é, não nos interessa,

¹³⁹ Marx, K. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, Liv. 1, pg. 103-4.

pelo menos nesse momento, o entendimento dos vários capitais particulares; e também porque nos faltará a explicação da forma que o excedente econômico assume neste momento específico da história.

378. É importante salientar que "as pessoas, aqui, só existem na função de representantes de mercadorias e, portanto, de donos de mercadorias"¹⁴⁰ e, estas últimas, nos ordenam seu encaminhamento ao mercado. E no mercado elas se encontram, lutam entre si, estabelecem "matrimônios", etc., enfim, transformam-se em sujeitos fazendo das pessoas objetos, pelo fato da produção assumir a forma mercantil, da produção para o mercado. Elas (as mercadorias) surgem das mãos e mudam de mãos, mantêm-se um relacionamento bastante íntimo uma com as outras como valores, pois, "as mercadorias têm de realizar-se como valores, antes de realizar-se como valor-de-uso"¹⁴¹ e, portanto, só satisfazem necessidades humanas depois que satisfazem a necessidade do capital.

379. Vimos, também, que as mercadorias, se encontrando cada vez mais no mercado, elegem uma delas como a representante. A qual, quando comparada "com qualquer outra...se patenteie equivalente geral"¹⁴², e esta mercadoria eleita passa a intermediar todas as trocas de mercadorias, o que exige dela uma flexibilidade muito grande, grande durabilidade, facilidade em

¹⁴⁰ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., p. 95.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 96.

¹⁴² *Ibidem*, p. 96.

ser subdividida, inalterabilidade e mais, já que não andam por si só, exigindo-nos que a transportemos, tem de ser relativamente leve para facilitar seu transporte e assim estar presente em todas as transações. Esta mercadoria dinheiro, como vimos, é a que mais reflete o momento histórico da produção material ou história da humanidade, pois é um objeto que, imediatamente, contém valor-de-uso algum, simplesmente para atender as necessidades da troca, e não do consumo.

380. Daí a afirmação de Marx de que:

*"Os produtos do trabalho se convertem em mercadorias no mesmo ritmo em que determinada mercadoria se transforma em dinheiro".*¹⁴³

381. O capital parte da circulação das mercadorias, "a produção de mercadorias e o comércio, forma desenvolvida da circulação de mercadorias, constituem as condições históricas que dão origem ao capital"¹⁴⁴. Tais fatos, quando atingem grandes partes da terra, do globo em que vivemos, de meados do século XVI até o momento atual, funda a modernidade, uma realidade muito rica, rica em termos materiais, rica em questões e problemas para o homem responder e resolver.

382. Um aspecto significativo da construção do capital pelo trabalho - pelos indivíduos de um modo geral - é que toda essa construção, essa obra, não é configurada na mente desses homens antes de ser concretizada. Contrariando aquilo que é pressuposto

¹⁴³Ibidem, pg. 97.

¹⁴⁴Ibidem, p. 165.

do trabalho e que nos fez diferenciar dos demais animais, isto é, a capacidade de imaginar, de criar na mente, e que se materializa no produto, na obra. Quando da construção da obra CAPITAL "no princípio era ação. Agem antes de pensar".¹⁴⁵

383. Em outras palavras, os indivíduos, trabalhando, desenvolvem as forças produtivas e, conseqüentemente, geram produtos excedentes que, de um modo ou de outro, põe a troca destes entre os próprios indivíduos ou entre comunidades. Até então, este produto ou resultado do trabalho exigia despreendimento de energia humana como exige também a mercadoria, porém, exigia algo que a mercadoria não mais exige, ou seja, a capacidade de imaginá-la ou criá-la mentalmente antes de transformá-la em coisa. O indivíduo a faz "mecanicamente".

384. Não é por menos que "o mundo da política, tal como foi concebido pelos antigos, forma parte do mundo da verdade; e o da política moderna prescinde dela. Quando Rousseau lamentava o que 'os homens políticos antigos falavam continuamente dos bons costumes e da virtude; os nossos não falam mais do que comércio e de dinheiro', não se limitava a formular uma repreensão de caráter moral, senão que levava a cabo um pertinente assinalamento técnico"¹⁴⁶, afinal,

"Para a alienção ser recíproca, é mister que os homens se confrontem, reconhecendo, tacitamente, a respectiva posição de proprietários particulares dessas coisas alinéveis, e, em conseqüência, a de pessoas

¹⁴⁵ *Ibidem*, pg. 96.

¹⁴⁶ Cerroni, Umberto. INTRODUÇÃO AL PENSAMENTO POLÍTICO, 18a. edição, México, Siglo XXI editores, 1987, pg. 10.

*independentes entre si. Essa condição de independência recíproca não existe entre membros de uma comunidade primitiva, tenha ela a forma de uma família patriarcal, de uma velha comunidade indiana ou de um estado inca, etc.*¹⁴⁷

385. Sendo impossível a regressão do indivíduo ao animal irracional, ele morre porque passa a estranhar o mundo onde vive, a natureza que nutre seu ser e que lhe dá vida. Isto porque, ele trabalhava o mundo das mercadorias e não o seu mundo; seu relacionamento com os demais seres humanos é um relacionamento regrado antes pelo relacionamento das mercadorias.

*"Estas relações materiais de dependência, por oposição às relações pessoais...fazem com que os indivíduos apareçam, agora, dominados por abstrações, ao passo que anteriormente dependiam um dos outros. Agora então, a abstração ou a idéia não é outra coisa que a expressão teórica daquelas relações materiais que mandam sobre eles."*¹⁴⁸

386. E reverter esse quadro significa conquistar a capacidade de pensar, de criar, de elaborar mentalmente, um mundo onde as contradições impostas por esta realidade do capital - das mercadorias - sejam superadas. Portanto, significa pensar antes de agir, significa retrabalhar o próprio TRABALHO. Este pensar antes de agir pressupõe vários indivíduos, um grupo, uma classe. Pois, pensar individualmente é o que se faz hoje e que resulta nisso tudo que vimos e que veremos mais adiante, ou seja, numa concepção individualista, egoísta, de um mundo onde não há nada de individual e sim social. Vejamos, mais detalhadamente, o que

¹⁴⁷ *Ibidem*, pp. 98.

¹⁴⁸ Marx, Karl. BRUNDRISSE, 1a. edição, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, pp. 66.

significa esta construção fatal:

*"Se observarmos de perto a produção capitalista, abstraindo do processo de circulação e da hipertrofia da concorrência, verificaremos que procede de maneira extremamente parcimoniosa com o trabalho efetuado, corporificado em mercadorias. Entretanto, mais do que qualquer outro modo de produção, esbanja seres humanos, desperdiça carne e sangue, DILAPIDA NERVOS E CEREBROS. Na realidade só malbarateando monstruosamente o desenvolvimento individual assegura-se e realiza-se o desenvolvimento da humanidade na época histórica que precede a fase em que se RECONSTITUIRÁ CONSCIENTEMENTE A SOCIEDADE HUMANA."*¹⁴⁹ (grifos nossos)

387. Vejamos então o que é capital. Os primeiros intérpretes, os mercantilistas, ou comerciantes do século XVI e XVII, portanto pré-Revolução Industrial, definiam capital como "dinheiro que incuba dinheiro", daí a busca desenfreada de ouro e metais preciosos para garantir o Balanço de Pagamentos da nação. Então, segundo os mercantilistas, $D - D'$, isto é, dinheiro que agrega mais dinheiro, algo a mais que o inicial (D'), era capital.

388. A visão mercantilista, apesar de ser um tanto simplista, contém, de maneira camuflada, a forma capital, mas representa o CAPITAL COMERCIAL: comprar para vender mais caro. É simplista porque se esta fosse a forma do capital em geral, comprar para vender mais caro, o ganho se anularia quando do fechamento do ciclo, isto é: compro para vender mais caro, e assim obtenho um ganho (D'), porém, quando for comprar novamente terei que pagar mais caro, sendo que meu ganho inicial foi-se com

¹⁴⁹ Marx, Karl, O CAPITAL, Vol. III, pg. 98.

Na edição da Siglo XXI, encontra-se uma nota de rodapé onde este mesmo parágrafo, mais especificamente o final dele, está traduzido da seguinte maneira: "...durante a época histórica que precede a constituição socialista do gênero humano" (no manuscrito de Marx: preceding the socialist constitution of mankind).

a compra. Dessa maneira, o ganho não pode situar-se na esfera da circulação de mercadorias, apesar de que não pode prescindir desta.

389. Sabendo que na circulação simples de mercadorias os extremos assumem a mesma forma econômica e a mesma magnitude de valor, ou seja,

M - D - M

onde M significa mercadoria e D é o intermediário e representante geral dessas mercadorias ou dinheiro, não ocorre o aumento de riqueza pelo fato de trocar coisas de magnitude de valor iguais. A finalidade da produção e circulação simples de mercadorias é atender as necessidades da comunidade, é o USO predominando sobre a TROCA. Em outras palavras, a comunidade utiliza-se da troca para satisfazer mais adquadamente suas necessidades.

390. Ao contrário, na produção capitalista, onde a produção simples é uma manifestação aparential, produz-se valores-de-uso visando valorizar o valor. Ou ainda, a produção de valores-de-uso é simplesmente meio de materializar a produção de valor. A circulação capitalista de mercadorias pode ser representada da seguinte maneira:

D - M - D'

391. Como "sujeito dominante", o capital se metamorfoseia

ora como mercadoria, ora como dinheiro e, dessa maneira, modifica seu próprio caráter, ou ainda, sua magnitude: agregando a si mesmo mais-valor. Porém,

*"O capital nem pode originar-se na circulação nem fora da circulação. Deve, ao mesmo tempo, ter e não ter nela sua origem"*¹⁵⁰

1.4.1. A mercadoria força de trabalho e suas três especificidades.

392. Essa aparente ambiguidade decorre do fato que, ao comprar mercadorias para vender e, dessa maneira, obter um valor acrescido ou, em outros termos, valorizar o capital, este "sujeito dominante" encontra entre as mercadorias uma que contém tres características específicas: a mercadoria FORÇA DE TRABALHO.

*"Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o conjunto das faculdades físicas e mentais que existem na corporeidade, na personalidade viva de um ser humano e que ele põe em movimento quando produz valores-de-uso de qualquer índole".*¹⁵¹

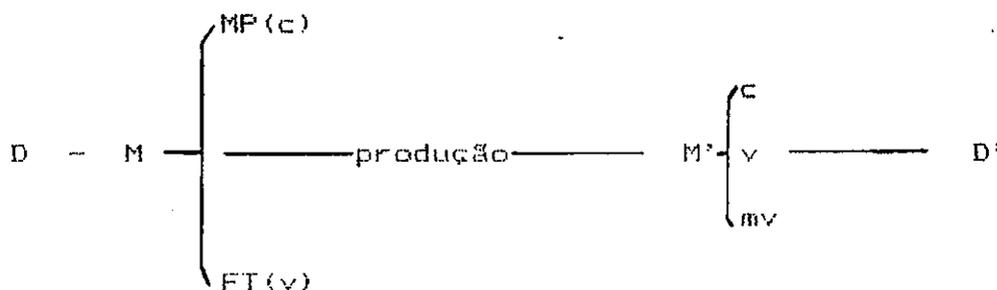
393. Essa mercadoria específica, impossível de ser desatrelada do próprio homem e que, portanto, exige a presença dele na produção de valores-de-uso de um modo geral, é a que gera o mais-valor ou mais-valia que valoriza o capital e o constitui. Portanto, "a formação do capital torna-se possível mesmo quando o preço da mercadoria seja igual ao valor da mercadoria. Não se

¹⁵⁰ Marx, Karl. O CAPITAL, pg. 186 (Siglo 202).

¹⁵¹ Ibidem, pg 187. (Siglo 203)

pode explicá-la pelo desvio dos preços em relação ao valores"¹⁵², daí o duplo engano dos mercantilistas: o primeiro por acreditar que o mais-valor surgia da venda da mercadoria acima de seu valor; o segundo por basear suas análises simplesmente na esfera da circulação. Vejamos, mais de perto, porque esse mais-valor surge e, ao mesmo tempo, não surge na esfera da circulação.

394. O indivíduo que exerce a função de representante do capital no processo de produção - o capitalista - compra mercadorias para produzir novos produtos e realizá-los como mercadorias, isto é, vendê-los. Porém, antes mesmo de vender esses produtos (produtos próximos da transformação em mercadorias), já contém o mais-valor ou mais-valia que alimenta a insaciável fome deste "sujeito dominante" que é o capital. O esquema representativo desse processo é o seguinte:



395. Onde D = dinheiro; M mercadoria(s); MP = meios de produção, matéria-prima, edifícios e equipamentos em geral; FT = força de trabalho; sendo que da mistura desses ingredientes ou produção, surgem novos produtos, agora acrescido de valor ou M'

¹⁵² Ibidem, pg. 186, nota de rodapé no. 37.

que, quando realizado ou vendido no mercado, obtém-se uma certa quantia de dinheiro que é maior que a quantia inicial: D'.

396. Toda e qualquer produção de valores contém ou deriva desse esquema. Exceto aquela produção destinada especificamente para o uso, como é o caso do pequeno camponês ou outras formas de produção de valores-de-uso que não tenham por objetivo atender necessidades alheias. Tais casos são excluídos da análise pelo fato de tal produção estar na condição de dominada, isto é, impossibilitada de se expandir e, conseqüentemente, tendendo à extinção, o que não significa que serão extintas.

397. Visto o que é capital, é preciso salientar algumas concepções bastantes usuais e que não refletem o que é capital. A primeira delas é que considera todo trabalho objetivado como capital, isto é, máquinas, equipamentos, edifícios, matéria-prima, etc. Esta concepção não se sustenta pelo fato de que, realmente, "todo capital é trabalho objetivado que serve como meio para uma nova produção, (mas) nem todo trabalho objetivado que serve como meio para uma nova produção, é capital"¹⁵³. Dessa maneira, capital não seria uma relação social de produção, e sim uma coisa.

398. A segunda concepção procura erigir-se com base no valor-de-troca e, dessa maneira, facilitar a construção do instrumental teórico neoricardiano ou, mais especificamente, de Sraffa. É preciso deixar claro a impossibilidade de passar diretamente do valor-de-troca ao capital, pois "se todo capital é

¹⁵³ Rosdolsky, Roman. GENESIS Y ESTRUCTURA DE EL CAPITAL DE MARX, op. cit., pg. 220.

uma soma de mercadorias, isto é de valores-de-troca, nem toda soma de mercadorias, de valores-de-troca, é capital"¹⁵⁴. Afinal, ao fazer uma feira, estou comprando mercadorias mas não estou agindo como capitalista.

399. A terceira concepção se baseia no lucro, isto é, todo capital produz lucro. E assim não consegue explicar o que é uma empresa estatal que, apesar de não produzir lucro, é também capital. Ou ainda, um capital qualquer que, num dado momento vende suas mercadorias abaixo do custo para expulsar concorrentes do mercado e, dessa maneira, produz prejuízo. Pois, "o capital deve ser concebido como um valor que se reproduz, isto é, como um processo", como auto valoração.

400. Vejamos, com mais atenção, a mercadoria FORÇA DE TRABALHO. A primeira especificidade desta mercadoria é ser a única que gera valor e que, portanto, possibilita o mais-valor ou mais-valia que alimenta o capital.

401. Dentro do marcos capitalistas de produção, o trabalho assume a forma de TRABALHO ASSALARIADO, privado, sendo que seu caráter social só se manifesta quando da troca de mercadorias: o mercado - locus operandus das mercadorias - é o determinante. Portanto, assim como qualquer produto do trabalho, o trabalho só encontrará algo em que se materializar se for trocado, se passar pelo mercado.

402. Esta relação de produção - capital/trabalho - não é natural, em outros termos, é resultado histórico, portanto, a

¹⁵⁴Ibiden, 220.

mercadoria força de trabalho é única mercadoria que contém história, sendo esta uma de suas características específicas.

*"A natureza não produz por uma parte possuidores de dinheiro ou de mercadorias (MP) e por outra pessoas que simplesmente possuem suas próprias forças de trabalho. Esta relação de modo algum pertence ao âmbito da história natural, nem tampouco é uma relação social comum a todos os períodos históricos. É em si mesma, ostensivamente, o resultado de um desenvolvimento histórico precedente, o produto de numerosos transtornos econômicos, da decadência experimentada por toda uma série de formações mais antigas da produção social."*¹⁵⁵

403. Vejamos mais de perto o que é a mercadoria FORÇA DE TRABALHO.

404. Como é que se determina o valor da mercadoria força de trabalho?

*"O valor da força de trabalho é determinado como o de qualquer outra mercadoria, pelo tempo de necessário a sua produção e reprodução."*¹⁵⁶

405. Sendo a força de trabalho inerente ao indivíduo, a produção e manutenção desta pressupõe a produção e manutenção do indivíduo. Dessa maneira, o indivíduo precisa de uma certa quantidade de alimento, de moradia, de educação, de lazer, descanso, de uma companheira, etc., para se manter e produzir seu sucessor, pois o possuidor da força de trabalho não é imortal. Sendo assim, "o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessário para conservação do possuidor desta (força e de sua família)... e depende do nível cultural,...de

¹⁵⁵ Marx, Karl. O CAPITAL, Vol. I, 189 (Siglo 206).

¹⁵⁶ Marx, Karl. O CAPITAL, vol. I, pg. 191 (Siglo 207).

seus hábitos e aspirações vitais."¹⁵⁷

406. O limite mínimo do valor da mercadoria força de trabalho é aquele em que não permite ao possuidor repor as energias vitais extraídas pelo capital e, dessa maneira, torna-se impossibilitado sua volta ao processo de produção de valores no período seguinte.

407. Mesmo assim, dado que a classe trabalhadora, ao trabalhar o capital, trabalha a si mesma como supérflua ao aumentar desmesuradamente o capital constante em detrimento do capital variável, portanto, trabalha também uma lei da população muito própria do modo de produção capitalista.¹⁵⁸

408. Então, no mercado, a oferta de força de trabalho sempre supera a procura, o que permite o uso e o abuso dessa mercadoria geradora de riqueza.

*"A queixa sobre a degradação física e mental, morte prematura, suplício de trabalho levado até a completa exaustão (o capital) responde: Por que nos atormentamos com esses sofrimentos, se aumentam nosso lucro?"*¹⁵⁹

409. Dessa maneira, as três características específicas da mercadoria força de trabalho são: 1) é a única que contém história; 2) é a única mercadoria que, quando consumida, gera valor; 3) é a única mercadoria que, quando produzida em abundância, aumenta a taxa de lucro.

¹⁵⁷Marx, Karl. O CAPITAL, pg. 191 (Siglo 207).

¹⁵⁸Marx, K. O CAPITAL, op. cit., vol. I, liv. I, pg. 307.

¹⁵⁹Marx, K. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, liv. I, pg. 306.

1.4.2. A mais-valia ou mais valor.

410. De onde vem o ganho ou lucro do capital se esta mercadoria, cheia de especificidades, é comercializada como qualquer outra, isto é, baseada na troca de equivalentes? Em outras palavras, como pode haver ganho se o capitalista paga ao trabalhador o devido valor da mercadoria força de trabalho?

*"O consumo da força de trabalho, como o de qualquer outra mercadoria, se realiza fora do mercado, fora da circulação. Abandonemos, portanto, essa ruidosa esfera instalada na superfície e acessível a todos os olhos, para dirigirmos, junto ao possuidor de dinheiro e ao possuidor da força de trabalho, para acompanhá-los ao local reservado da produção, a cuja entrada está escrito: no admittance except on business. Veremos aqui não só como o capital produz, senão também como se produz o capital. Se fará luz, finalmente, sobre o mistério que envolve a produção de mais-valor."*¹⁶⁰

411. Esse mistério nada mais é que a mais-valia ou mais-valor, ou ainda, a forma do excedente econômico na época capitalista.

412. O ganho ou mais-valor surge quando do uso dessa mercadoria força de trabalho. Pois o possuidor da mercadoria força de trabalho não leva para a fábrica um quantum específico de força; além do mais é impossível quantificar a força de trabalho sem materializá-la em produto-mercadorias. Portanto, o trabalhador leva à fábrica a sua capacidade de trabalho, sendo que o pagador da força de trabalho - o capitalista - a consumirá o máximo possível ao juntá-la com o meios de produção para

¹⁶⁰Marx, Karl. O CAPITAL, Vol. I, pg. 196.

produzir novas mercadorias.

413. Então, o processo de consumir a força de trabalho, característico a qualquer época histórica, torna-se processo de produzir mercadorias e, evidentemente, de mais-valor pelo fato de que o trabalhador produzirá mais valor que o correspondente ao valor de sua força de trabalho. Em outros termos, o trabalhador produzirá mercadorias que serão apropriadas pelo capitalista que, por sua vez, devolverá parte delas ao trabalhador na forma de salário. A parte não devolvida, não paga, é o ganho, o excedente econômico ou mais-valor que alimenta o capital. Essa relação, como podemos ver, não pode situar na esfera da produção, exige a presença da circulação de mercadorias.

414. E quando fora da esfera da produção, ou ainda, na esfera da circulação de mercadorias, os indivíduos,...

"...as pessoas só existem uma para as outras como representantes da mercadorias e, portanto, como possuidoras de mercadorias." ¹⁶¹

415. E, necessariamente, têm que levá-las ao mercado, pois trabalhar a própria sobrevivência torna-se praticamente impossível, afinal não podemos prescindir da sociedade, e esta já está assentada sobre o mercado.

416. E assim todos, sem exceção, fazemos o desenvolvimento histórico da troca desdobrar a contradição latente na própria mercadoria, contradição entre valor-de-uso e valor. Esse desenvolvimento segue até ao "limite nunca alcançável, mas

¹⁶¹ Marx, Karl. O CAPITAL, Vol. I, pg. 95 (104).

sempre desejável pela lógica do capital, (que) é a destruição do valor-de-uso como aspecto necessário da riqueza capitalista".¹⁶²

417. No parágrafo anterior usamos o termo "todos" referindo à sociedade, porém esta não só é composta pelos indivíduos como também esses indivíduos formam classes sociais com interesses distintos. Tais interesses, quando num nível mais abstrato, fundam-se na política ou "trabalho específico entre homens, ou seja, o trabalho do homem sobre o próprio homem".¹⁶³

418. Evidentemente, os interesse da classe dominante, ou indivíduos que personificam o capital, prevalecem sobre os da classe dominada e, para isso, todo o aparato institucional - o Estado - é de fundamental importância para aumentar e/ou manter esse domínio.

419. Enfim, todos levamos o desenvolvimento do capital ao extremo; a produção de riqueza externa a nós mesmos tende a este limite inalcançável porém sempre desejável que é o de "decretar a mediocridade geral".¹⁶⁴

"Todos eles têm um mesmo designio, e entregarão sua força e seu poder à besta. E que só possa comprar ou vender quem tiver o sinal, a saber, o nome da besta ou número do seu nome" (Apocalipse)

420. Dissemos "todos" porque esta "ação civilizadora do capital" impõe sua lógica às demais sociedades, até o último

¹⁶²Carcanholo, Reinaldo A. DIALECTICA DE LA MERCANCIA Y TEORIA DEL VALOR, San José, Costa Rica, EDUCA, 1982, pg 7.

¹⁶³Campanário, Paulo. DIALECTICA Y EMPIRISMO, 1a. edição, San José, Costa Rica, EDUCA, 1983, pg.99.

¹⁶⁴Marx, Karl. O CAPITAL, Vol. I, pg. 952 siglo.

rincão deste mundo; sendo indiferente à cor da pele, à estatura, etc. Daí a diferença entre os impérios desaparecidos na história e o imperialismo capitalista. Enquanto os primeiros eram localizados e restritos, o segundo abraça o mundo e a sociedade que não aderir a sua lógica sucumbe. Daí também o termo DESENVOLVIMENTO adquirir conteúdo somente quando no modo de produção capitalista, mais especificamente com a Revolução Industrial. Pois antes do modo de produção capitalista, as transformações no processo de produção aconteciam a cada século, ao passo que no modo de produção capitalista as transformações são constantes e diárias.

421. Este desenvolvimento do capital expressa algumas leis gerais que são as seguintes:

1) A concentração e centralização do capital. A primeira reflete a própria acumulação, e a segunda significa que um capital já concentrado se apodera de outros capitais mais débeis ou não; a primeira aumenta o volume da riqueza em geral, a segunda simplesmente centraliza riqueza já existente. Isto tudo com base na concorrência onde os pequenos são engolidos pelos grandes capitais.

2) A proletarização progressiva da população trabalhadora. Isto significa a introdução no mercado de trabalho dos pequenos proprietários capitalista que sucumbiram ao concorrer com os grandes capitalistas ou de pequenos produtores rurais ou camponêses expropriados.

3) O aumento da composição orgânica do capital, isto

é, a relação entre a parte do capital empregado em meios de produção ou capital constante e a parte referente a compra de força de trabalho ou variável, em termos de valor. Dada a concorrência entre os vários capitais, obrigatoriamente deve-se investir em novas máquinas e equipamentos, isto é, modernizarem-se e assim manterem-se como capitalistas. Tal fato faz aumentar a parte do capital que corresponde aos meios de produção ou capital constante e, por outro lado, diminuir relativamente a parte do capital que corresponde ao pagamento da mercadoria força de trabalho ou capital variável, gerando, com isso, uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva que permite a manutenção de taxa salarial compatível com a acumulação de capital.

4) Queda tendencial da taxa de lucro. Se a composição do capital aumenta, diminuindo a parte do capital referente ao capital variável e que, por sua vez, gera a mais-valia, a taxa de lucro tende cair pelo fato de que o lucro é calculado com base no capital total. Em outros termos, a taxa de lucro não cai porque a produtividade do trabalho diminui, e sim por aumentar cada vez mais a produtividade do trabalho.

5) A socialização cada vez maior da produção, isto é, o entrelaçamento entre as empresas e a dependência entre os trabalhadores aumentam em grau e número. A crise num setor da economia afeta todos os demais, do mesmo modo que um trabalhador depende dos demais para produção de um simples sapato, pois devido a ampla divisão técnica do trabalho cada um produz uma

ínfima parte do mesmo, não produzindo nada por inteiro.

6) A pauperização relativa, isto é, quanto mais cresce a riqueza nas mãos de uma minoria, mais abundante é a pobreza para a maioria. E argumentar que o padrão de vida da classe trabalhadora tem melhorado com a evolução do modo de produção capitalista com base no aumento do consumo, por exemplo, comparar o nível de consumo de um operário moderno, mais especificamente do operário do primeiro mundo, com o ridículo nível de consumo de um rei da época medieval, é acreditar que, dado o desenvolvimento do capital, chegará o dia em que os indivíduos serão auto-suficientes, produzindo tudo aquilo de que necessitam. Seria o mesmo que acreditar na volta da economia natural, agora amparada por um sofisticado e monstruoso desenvolvimento da técnica, a completa realização do Homo-economicus, o qual "substitui o sujeito necessitado por um sujeito com preferências", onde tudo é perfeitamente calculado.

422. Disso tudo resulta numa série de contradições inerentes ao modo de produção capitalista, as quais, de um modo geral, são: uma quase perfeita organização interna aos capitais ao lado de uma total anarquia no conjunto da sociedade; socialização objetiva da produção e privatização da apropriação da riqueza produzida; desenvolvem-se de maneira ilimitada as forças produtivas materiais e subdesenvolve-se a população ao impor-se um consumo restrito, pois o objetivo da produção não é o consumo e sim a produção de mais-valor; agudiza-se a contradição entre os interesses de classes.

423. Como resultado, surgem os grandes monopólios e oligopólios, isto é, capitais concentrados e centralizantes. Estes tendo o domínio quase total sobre os mercados e/ou fontes de matérias-primas, podem estabelecer seus preços sem, necessariamente, respeitar a concorrência entre os demais capitais ou, em outros termos, impor uma taxa de lucro que pode significar a expulsão de capitais débeis ou simplesmente podem impor uma barreira aos capitais interessados em adentrar no ramo.

424. Tal fato, quando situado no ramo bancário, isto é quando o capital bancário deixa de ser um simples emprestador passivo para agir diretamente na produção - associando-se ao capital industrial -, surge o capital financeiro, característico da época imperialista. E dessa maneira, a economia não só tende a ser controlada por uma minoria de magnatas como também várias economias "nacionais" tendem a se submeter ao controle das grandes metrópoles. Estabelece-se, dessa maneira, o subdesenvolvimento, isto é, como produto do desenvolvimento. Ou ainda, o desenvolvimento capitalista gera o seu oposto, o subdesenvolvimento ou atraso.

425. Dado que nos países subdesenvolvidos as contradições inerentes ao modo de produção capitalista são mais aparentes, por tornarem-se mais agudas, a intervenção do Estado torna-se imprescindível, pois aqui toda tentativa de desenvolvimento dentro dos marcos capitalista leva a deterioração ainda maior das condições de vida da população.

1.4.3. Domínio do capital sobre o trabalho

426. A produção de mercadorias têm seu "ponto de partida" ou "começa relamente"¹⁶⁵ no estabelecimento de vários trabalhadores juntos, cooperando entre si e, portanto, produzindo uma quantidade maior de produtos que, quando realizados no mercado, assumem a forma de mercadorias. A cooperação entre vários indivíduos na produção não é invenção do capital, pois, já existiu em várias outras formações sociais de produção.

427. Não é difícil observar que um indivíduo, por si só, nunca poria um poste, de grandes dimensões, em pé. Porém, com a força deste indivíduo em cooperação com as forças dos demais, não só se põe um poste em pé como também utiliza-se uma só das mãos desses vários indivíduos. Dessa maneira, o trabalho de vários indivíduos em cooperação potencia-se, exigindo menos energia de cada um.

428. Porém, exige-se uma direção para organizar essas diversas forças individuais e permitir, dessa maneira, a canalização dessas numa só força social.

429. Essa direção ou administração, na época capitalista, é dupla, pois tem que organizar o processo de trabalho social com fins a obter uma certa quantidade de produtos e, ao mesmo tempo, valorizar o capital ali investido. Afinal, o número de

¹⁶⁵ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, Liv. 1, pg.370.

trabalhadores cooperando entre si e o volume de máquinas por eles utilizados está diretamente ligado à magnitude do capital que este capitalista individual - desvencilhado do trabalho manual e que já abandonou a função de vigiar e organizar diretamente os trabalhadores ao destacar alguns dos trabalhadores como supervisores - detém para realizar este empreendimento.

430. O despotismo da direção é resultado da contradição inerente ao processo de trabalho ou processo de produzir valor, isto é, do domínio do capital sobre o trabalho. Em outras palavras, a cooperação no interior do processo capitalista de produção se apresenta como antítese do processo de produção de trabalhadores independentes e isolados¹⁶⁶. Estes trabalhadores, ao formarem o trabalhador coletivo, necessariamente, deformam-se individualmente. Isto é, são forçados a desfazerem-se dos segredos do ofício, da destreza e do virtuosismo acumulado de geração para geração. Afinal, a cooperação, quando fundada na divisão do trabalho, assume a forma de manufatura¹⁶⁷, sendo que esta exige e impõe suas condições ao trabalhador, ou seja, o virtuosismo do trabalho detalhista e segregado é extraído dele aderindo-se ao capital.

431. Adam Smith observa tal fato ao analisar o preço real e nominal das mercadorias:

"Estando o trabalhador em seu estado normal de saúde, vigor e disposição, e no grau normal de sua habilidade e destreza, ele deverá aplicar sempre o mesmo contingente

¹⁶⁶ Marx, K. O CAPITAL, op. cit., vol. I, liv. I, pg. 384.

¹⁶⁷ Marx, K. O CAPITAL, ibidem, pg.386.

*de seu desembaraço, de sua liberdade, e de sua felicidade. O preço que este paga deve ser sempre o mesmo, qualquer que seja a quantidade de bens que receba em troca de seu trabalho."*¹⁶⁸

432. Portanto, quanto mais incompleto e mesmo imperfeito for o trabalhador parcial, mais adequado é como parte do trabalhador coletivo. Além do mais, fornece a base de sustentação para a direção ou administração do pessoal. No exemplo dado sobre o poste, dissemos que o trabalhador individual como parte do trabalhador coletivo poderia utilizar uma só das mãos; o trabalhador parcial é incompleto e imperfeito porque o processo de produção de valor nega-lhes a capacidade de conhecer, de apreender através do trabalho.

433. Por outro lado, a direção capitalista do processo de trabalho, de maneira despótica porém em consonância com seu objetivo, busca a intensificação do ritmo de trabalho. Ou seja, ainda no exemplo do poste, busca-se diminuir o número de trabalhadores e, conseqüentemente, aqueles que ficam terão que utilizar das duas mãos e desprender o máximo de força possível. Dessa maneira, a direção evita que se empregue mais tempo de trabalho que o socialmente necessário para a produção da mercadoria.

434. A divisão do trabalho sob a regência do capital, é seu fundamento, pois, reduz os indivíduos a meros coadjuvantes do trabalhador coletivo. A diferença entre a divisão social do trabalho ou no interior da sociedade e a divisão manufatureira ou

¹⁶⁸ Smith, Adam. A RIQUEZA DAS NAÇÕES, 1a. ed., São paulo, Editora Abril, Coleção Os Economistas, 1982, pg. 65.

técnica do trabalho é que a primeira é mediada pela compra e venda dos produtos dos diversos tipos de trabalho; a segunda, refere-se à venda das mais diversas forças de trabalho ao mesmo capitalista, o qual as combinará conforme seu interesse: que é a valorização de seu capital. A primeira põe a descentralização dos meios de produção; a segunda, põe o seu contrário, a concentração de meios de produção nas mãos do capitalista¹⁶⁹. Por último, a divisão técnica do trabalho pressupõe a autoridade do capitalista; já a divisão social do trabalho contrapõe os diversos produtores independentes, aparentemente autônomos e dispersos, porém regidos e coesos pela concorrência. Além do mais, a divisão técnica do trabalho é específica do modo de produção capitalista.

435. Sendo assim, podemos observar que a divisão manufatureira do trabalho possibilita a base para o domínio do capital sobre o trabalho. Tomando como ponto de partida a força de trabalho em si, fragmentando-a.

436. Com a maquinaria e a grande indústria moderna, parte-se deste ponto e se eleva ao quase completo domínio do capital sobre o trabalho. Basta observar que a própria divisão manufatureira do trabalho proporciona a consolidação do sistema de máquinas em geral. O sistema de trabalho parcealizado, especializado e monótono é um todo que ainda tem que se adaptar ao trabalhador, porém, viabiliza a introdução de máquinas que, num primeiro momento, se assemelha a junção de vários

¹⁶⁹ Marx, K. O CAPITAL, op. cit., vol I, liv. I, pg. 402.

instrumentos de trabalho que um único homem pode operar. O aperfeiçoamento da máquina ferramenta significa, além de tudo, liberá-las das barreiras que a restringe a um único trabalhador ou de sua força e, dessa maneira, dotá-las de força motriz não humana, ou seja, de energia à vapor, elétrica, à combustão ou até atômica.

437. isto significa que, enquanto na manufatura cada operação parcial de uma dada mercadoria fora agrupada e, até certo ponto, ajustada a cada trabalhador, com a máquina mecanizada é o trabalhador que deve se ajustar à máquina. Se antes o trabalhador se servia da ferramenta, agora a máquina se serve do trabalhador; o trabalhador torna-se mero vigilante dos meios de produção e, para isso, idade, sexo, tamanho, músculos, capacidade de trabalho, deixam de ser obstáculos quando da escolha do trabalhador pelo capitalista.

438. Portanto, o ponto de partida da grande indústria moderna são os meios de produção, pois, a consolidação do sistema de máquinas num ramo de produção, necessariamente se propaga a outros. Afinal, como pode uma grande indústria têxtil, por exemplo, se consolidar sem industrializar aquela que fornece sua matéria-prima? Em outras palavras, do mesmo modo que o sistema de máquinas se propaga de função para função parcelizada, intra-fábrica, ocorre o mesmo inter-fábricas.

439. Com a "cadeia de montagem", onde o princípio é fixar a peça principal numa esteira transportadora e passá-la perante os vários e numerosos trabalhadores que fixam nela outras tantas

peças até que, no final do "passeio", o produto está pronto para se realizar como mercadoria¹⁷⁰, Henri Ford idealizou este processo e fez "jorrar" automóveis no mercado.

440. Daí a industrialização, a sociedade moderna onde, mesmo assim, convive com formas mais simples de produção, como por exemplo, a cooperação, artesanato, etc.

441. Todo o processo anteriormente descrito não tardou em acontecer junto aos trabalhadores dos escritórios ou, como são comumente conhecidos - trabalhadores de "colarinho branco" - que incluem a contabilidade, o arquivo, planejamento, entrevistas, cópias, programação, etc. Ou seja, o domínio do capital, num primeiro momento, afeta o trabalhador manual, logo em seguida, degenera também o trabalhador "mental" ou trabalho pensante¹⁷¹.

442. Então, quando a máquina dá o ritmo ao processo de trabalho, nada exigindo do trabalhador em termos de conhecimento, exceto sua constante vigilância, é desnecessário acrescentar que mulheres¹⁷² e crianças passam a frequentar normalmente os locais de trabalho que outrora eram reservados aos chefes de família e/ou indivíduos imbuídos com certas experiências próprias. Agora exige-se uma "certa qualificação" conforme o ponto de vista do capital, isto é, o capital é quem diz se o indivíduo é

¹⁷⁰ Coriat, Benjamin. EL TALLER Y EL CRONOMETRO, 1a. ed., Espanha, Siglo XXI Editores, 1982, pp. 204.

¹⁷¹ Braverman, Harry. TRABALHO E CAPITAL MONOPOLISTA: a Degradação do Trabalho no século XX. 2a. ed., Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1980.

¹⁷² É preciso deixar claro que a participação destas, diretamente, no processo produtivo não significa que são inferiores aos homens, mas sim uma exigência tanto do capital para diminuir a pressão dos assalariados por maiores salários como das mulheres para "quebrar" o domínio, quase absoluto, dos homens.

"qualificado" ou não para tal ocupação.

443. A capacidade de trabalho extorquida do trabalhador se adere, portanto, ao capital sob a forma de administração científica e outras, isto é, "a capacidade essencial dos agentes inferiores (trabalhadores em geral) é a capacidade profissional característica da empresa e a capacidade essencial dos grandes chefes é a capacidade administrativa"¹⁷³.

444. Quando se trata de administração, é quase impossível não comentar sobre F.W. Taylor.

445. Entre os escritos de F.W. Taylor, *Shop Management* (1903) e *Principles of Scientific Management* (1911) se sobressaem. E, quando contextualizados historicamente, fica mais evidente seu significado. Ou seja, Taylor presenciou a Grande Depressão de 1880, onde transcorreram décadas de forte estagnação econômica; de desemprego em massa só comparável à Grande Crise de 1929; de greves; motins, de agitação revolucionária que culminou com a primeira tentativa de viabilizar o socialismo com a Revolução Soviética de 1917, ou a "expropriação dos expropriadores".

446. O taylorismo, então, surge como um "mecanismo" de controle "científico" que, num primeiro momento, se restringe à fábrica, porém extrapola o âmbito da fábrica para a sociedade como um todo. Até mesmo a cozinha de uma casa passa a ser modelada para tornar o processo de preparar alimentos de maneira

¹⁷³ Fayol, Henri. In: Chiavinato, Idalberto. INTRODUÇÃO A TEORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO, 1a. ed., São Paulo, Editora McGraw-Hill do Brasil Ltda., 1978, pg. 59.

mais eficiente e rápida.

*"O Taylorismo, enquanto método de organização "científico" da produção, mais do que uma técnica de produção é essencialmente uma técnica social de dominação. Ao organizar o processo de trabalho de concepção e de execução, estrutura as relações de trabalho, distribui individualizadamente a força de trabalho no interior do espaço fabril, a classe dominante faz valer seu controle e poder sobre os trabalhadores para sujeitá-los de maneira mais eficaz e menos custosa à sua exploração econômica."*¹⁷⁴

447. Dissemos anteriormente que o despotismo da direção é antítese da independentização do trabalhador no processo de trabalho, isto é, contrário a manifestação do vistuosismo individual, da capacidade de se sentir atuante, necessário e determinante do processo de trabalho. O Taylorismo reflete isso tudo, sendo que, a grosso modo, podemos dizer também que o Taylorismo, quando extrapola os muros da fábrica e perpassa à sociedade como um todo, fornece a base de sustentação do Fascismo. E mais, se manifesta no crescimento monstruoso da máquina estatal tanto para controlar o trabalho como para neutralizar a tendência à queda da taxa de lucro. Não seria a Teoria Econômica Keynesiana um reflexo dessa realidade ?

448. Dessa maneira, consolida-se o domínio do capital sobre o trabalho, tornando-o trabalho-morte, pois, dá vida ao capital.

"Por ser o trabalho fonte de toda riqueza, o capital (agora) é a fonte de toda riqueza; o multiplicador genuíno da riqueza não é o que trabalha, mas o que obtém lucro do trabalho de outrem. As forças produtivas do

¹⁷⁴ Rago, L. Margareth & Moreira, E.P.F. O QUE É TAYLORISMO, Col. Primeiros Passos no. 112, 1a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1984, pg. 25.

trabalho são as forças produtivas do capital."¹⁷⁵

449. Antes de finalizar esta parte, é preciso salientar que o capital se apodera da fonte de riqueza material, portanto, riqueza externa ao homem, porém, ao mesmo tempo em que isso acontece, estabelece-se sua antítese, a riqueza imaterial¹⁷⁶ - interna ao homem - põe-se na forma potencial.

450. Dessa maneira, a grande indústria gera um "aspecto negativo" que, ao mesmo tempo, funda a positividade da plenitude humana, a acumulação de riqueza imaterial e infinita.

451. Isto porque a natureza da grande indústria implica na variação e fluidez das funções; no oni-facetear do trabalhador, ou seja, torna-o capaz de exercer todos os ofícios ao ser impedido de exercer uma única função parcial.

452. A grande indústria tira a segurança, a tranquilidade do trabalhador, ameaça-o permanentemente com o decepar de suas mãos ao tirar-lhe os meios de subsistência, ao desempregá-lo, enfim, com a degradação geral da força de trabalho social. Porém, impõe como "lei" a variação das funções e, o mais importante, como questão de vida ou morte a substituição dessa sociedade caracterizada pela mediocridade geral.¹⁷⁷ A grande indústria moderna "rasga o véu que ocultava ao homem seu próprio processo

¹⁷⁵ Marx, Karl. *TEORIAS DA MAIS-VALIA*, Vol. I, 1a. ed., São Paulo, Editora Bertrand Brasil S/A, 1987, pg. 261-2.

¹⁷⁶ Veremos, mais adiante, o significado de riqueza imaterial.

¹⁷⁷ Marx, K. *O CAPITAL*, Vol. I, Liv. I, pg. 558.

social de produção"¹⁷⁸. Daí a explicação do próprio surgimento do Marxismo, do conhecimento dialético da realidade, nesta época histórica.

*"Torna questão de vida ou morte substituir a monstruosidade de uma população operária miserável, disponível, mantida em reserva para as necessidades flutuantes da exploração capitalista, pela disponibilidade do ser humano para as necessidades variáveis do trabalho. Substituir o indivíduo parcial, mero fragmento humano que repete sempre uma operação parcial, pelo indivíduo integralmente desenvolvido para o qual as diferentes funções sociais não passariam de formas diferentes e sucessivas de sua atividade."*¹⁷⁹

453. Isto, necessariamente, requer a conquista do poder político pelos trabalhadores, a revolução.

1.4.4. Faz-se, desfazendo-se.

454. Então, o pleno desenvolvimento do capitalismo, ou seja, ao se alcançar o limite desejado pelo capital - mercadoria plenamente valor - este "sujeito dominante" desaparece e morre, pois, a taxa de lucro cai, o valor extingue o valor-de-uso e anula-se a troca, anulando o próprio capital.

455. Algo semelhante ocorre com o trabalhador. A virtuosidade do trabalho artesão, privada e restrita ao indivíduo artesão se desfaz quando da introdução de máquinas no processo de trabalho, enfim, na grande indústria - no trabalho morte - mas, ao mesmo tempo, faz - na forma potencial - a virtuosidade de

¹⁷⁸ Marx, K. O CAPITAL, *ibidem*, pg. 557.

¹⁷⁹ Marx, K. O CAPITAL, Vol. I, liv. 1, pg. 559.

todos os indivíduos no não-trabalho ou nas atividades que exigiriam pouquíssimo tempo de trabalho, enfim, no trabalho atrativo, fonte de riqueza imaterial que potencia a plenitude humana.

456. Esse fenômeno que é a classe trabalhadora, a qual - como diz E.P. Thompson: "Faz a si mesma, do mesmo modo em que foi feita"¹⁸⁰ (pelo capital) - emerge como "miríade (perdida) da eternidade"¹⁸¹, continua nutrindo, com incomparável coragem, a "árvore da vida", ou ainda, a "árvore da liberdade"¹⁸²

457. Junto desta emergiu o internacionalismo, mais especificamente a "consciência coletiva... o grande ganho espiritual da Revolução industrial... contra a qual rompe-se a velha (forma ou modo de viver) e, em diversas formas, põe-se um modo de vida humanamente compreensível"¹⁸³

1.4.5. Trabalho morte ou "juízo final".

458. Entre outros exemplos de descaracterização do trabalho, alguns já descritos durante este capítulo (IV) e outros que ainda poderiam sê-los, sobressai aquele que se refere à característica intrínseca e principal do trabalho, isto é, o conhecimento, prática de vida.

¹⁸⁰Thompson, E.P. THE MAKING OF THE ENGLISH WORKING CLASS, 1a. ed., New York, Vintage, 1966, pg. 194.

¹⁸¹Ibidem, pg. 832.

¹⁸²Ibidem, pg. 832.

¹⁸³Ibidem, pg. 830.

459. Temos visto que todo conhecimento ou meio de apreender a realidade está estreitamente ligado ao trabalho, à prática.

460. Porém, vimos também que, na sociedade moderna, esse atributo fundamental do trabalho se adere ao capital, resultando ao indivíduo uma prática quase que completamente alijada de qualquer conhecimento, inclusive do conhecimento de que esta mesma "sociedade cemitério" é resultado do trabalho, um produto do trabalho-morte.

461. Por outro lado, na parte anterior - "Faz-se Desfazendo-se" - sugere o automatismo na reversão dessa monstruosa situação. Ou ainda, uma leitura apressada - portanto, desprevenida - de Marx leva (e levou) alguns teóricos à conclusão de que a grande indústria produziria, além de mercadorias, o próprio agente transformador dessa imensa fábrica de mediocridades.

462. Quando, porém, do trabalho-vida, tivemos a oportunidade de ver que o indivíduo se desvencilha da comunidade, sendo que o conhecimento era o "caminho" para discernir o "bem do mal", para negar o animismo da natureza e, conseqüentemente, afirmar o individualismo. Enfim, dada a visão real, predominante na comunidade e que afirmava a subordinação dessa mesma comunidade à natureza ao endeuzá-la, animá-la; e a visão potencial, na qual baseavam os indivíduos que buscavam sua auto-afirmação ao notar que o desenvolvimento das forças produtivas permitiria a apropriação (dominação) cada vez maior da natureza. A síntese dessa contradição nada mais é que a sociedade atual, moderna,

onde se obtém um quase completo domínio da natureza.

463. Entretanto, esta síntese põe-se novamente como tese, isto é, na sociedade atual torna-se possível um quase completo domínio da natureza pelo homem, porém, a grande maioria desses mesmos homens estão, agora, sob domínio de uma minoria deles. O capital, esse ente aparentemente metafísico, que se personifica naquele que busca objetivamente o lucro, expressa essa relação de domínio sobre o trabalhador.

464. Então, a realidade capitalista, de maneira semelhante, põe, novamente, as duas visões: a real e a potencial. A visão real é a de que a vida nesse mundo é assim mesmo (quase igual a morte) e o paraíso existe mas se localiza no além - após a morte. Isto segundo os representantes de Deus aqui na terra.

465. Tratamos de salientar o aspecto religioso dessa visão porque, a teoria econômica neoclássica - a que predomina sobre as demais - apesar de objetivar o "bem-estar" da sociedade, tem o mercado como fundamento, como alicerce de toda felicidade humana. Ou seja, idolatra justamente aquilo que gera a "sociedade cemitério". Os axiomas sobre os quais se constrói a teoria econômica neoclássica devem ser aceitos como "mistérios da fé". Neste sentido, não parece estar distante da religião.

466. É importante salientar que o endeusamento na época primitiva recaía sobre algo da natureza, por exemplo, os sol, a lua,, certos animais, etc. Na época atual recai sobre o indivíduo, porém, mantendo a característica alienante, diz-se que o homem foi feito à semelhança e à imagem de Deus. Ou seja,

aquilo que se extrai em termos de força, potência, do indivíduo atual, põe-se num ente abstrato.

467. Dessa maneira, essa nova forma da religião, surge como recurso ideal para preencher o vazio deixado pelo não-conhecimento, isto é, pela impotência do indivíduo ante a sociedade por ela trabalhada, produto de suas próprias mãos.

468. Entre as "Teses sobre Feuerbach", as de número VI e VII são bastante elucidadora quanto isso. Vejamos primeiro a VII:

*"Feuerbach não vê, por isso, que o próprio "sentimento religioso" é um produto social, e que o indivíduo abstrato que ele analisa pertence a uma determinada forma de sociedade."*¹⁷⁴

469. Sendo assim, o indivíduo que produz a (e que é produzido pela) grande indústria ou época moderna, produz não só os mecanismos (o uso capitalista da máquina) que lhe extrai o saber conquistado de geração em geração, mas também, o "sentimento religioso" que lhe permite manter-se imbuído da "essência homem". Isto é, de maneira um tanto disforme, ele "sabe" que é o conjunto das relações sociais, e se irmana religiosamente.

(VI Tese) "Feuerbach resolve a essência religiosa na essência humana. Mas a essência humana não é uma abstração inerente a cada indivíduo. Na sua realidade ela é o conjunto das relações sociais. Feuerbach, que não entra na crítica desta essência real, é, por isso, obrigado: 1-) a abstrair do processo histórico e a fixar o sentimento (Gemüt) religioso por si, e a pressupor um indivíduo abstratamente - isoladamente - humano. 2-) a essência só pode, por isso, ser tomada como "espécie", como generalidade interior, muda, que

¹⁷⁴ Marx, K. & Engels, F. THE GERMAN IDEOLOGY, 3a. edição, Progress Publishers, Moscow, 1976, pg. 617.

liga naturalmente os muitos indivíduos." ¹⁷⁵

470. Há que se refletir sobre esse apego ou o deixar-se subjugar por este produto social, esse mistério, que atrai outras teorias e que, em última instância, "encontram a sua solução racional na praxis humana e no compreender desta praxis"¹⁷⁶.

471. Esse "produto social", então, alimenta a imaginação e cria um outro mundo, um paraíso quase que completamente desconexo desse mundo real e "diabólico".

472. Por que, então, não se canaliza todo esse esforço, principalmente mental, para a "reconstrução consciente da sociedade humana" ? Em outros termos, não estaríamos nós trabalhadores em geral tentando, de maneiras diferentes, buscando o mesmo objetivo, a revolução ?

473. Segundo a visão real, não. Porém, em termos potenciais, ou segundo uma visão que ultrapassa a mera aparência das coisas, isto é, a visão potencial, sim.

474. A visão real é empírica , quando muito, funcional ou estrutural, e, mesmo assim, daí emergem explicações ou, mais especificamente, justificações para o mundo mercadorizado, portanto, estranho ao homem. E mais, é predominante.

475. A visão potencial, dominada, baseia-se na dialética materialista e tende a concreção. Do mesmo modo que na época primitiva o indivíduo existia na forma embrionária e se concretiza como indivíduo mesmo quando não só negava a visão real

¹⁷⁵Ibiden.

¹⁷⁶Ibiden, Tese VIII.

(a natureza onipotente) como também trabalhou (agiu) para essa façanha; algo semelhante está posto ao indivíduo fragmentado e dilapidado pelo capital.

476. A semelhança se situa na exigência de ser audacioso, corajoso e persistente. Porém, ao contrário da época primitiva onde o indivíduo pratica sua audácia ao se apropriar da natureza, agora, na época capitalista, temos que nos apropriar, apreender, o conjunto das relações sociais de produção. Em outras palavras, tornarmos sujeitos de todo esse processo e, conseqüentemente, deixarmos de ser objetos guiados pela mercadoria-sujeito.

477. Na época primitiva, a visão potencial protestava contra o domínio da natureza (sujeito) sobre o a comunidade (objeto); nos dias de hoje, a visão potencial contesta o domínio do homem sobre o próprio homem, portanto, o conjunto das relações sociais capitalistas de produção.

478. Nesse conjunto das relações sociais capitalistas de produção, encontra-se o homem rico em termos materiais, porém, completamente necessitado da totalidade de exteriorização vital, pois sua essência homem é quase nula. Por outro lado, encontra-se também uma imensa massa de indivíduos pobres, despossuídos e necessitados inclusive da fonte de toda riqueza: que é o outro homem.

"...no lugar da riqueza e da miséria da Economia Política aparece o homem rico e a rica necessidade humana. O homem rico é, ao mesmo tempo, o homem necessitado de uma totalidade de exteriorização vital humana. O homem no qual sua própria realização existe como necessidade interna, como urgência... A pobreza é o vínculo passivo que se faz sentir ao homem como

*necessidade de maior riqueza, o outro homem.*¹⁷⁷

479. O processo de apropriação do conjunto das relações sociais é impossível individualmente ou de maneira voluntarista. Esse processo exige muito trabalho e de maneira coletiva. Um trabalho síntese, que supere as contradições entre trabalho-vida e trabalho-morte. Exige-se, portanto, um trabalho-atrativo.

480. Quando Marx conclui as "Teses sobre Feuerbach", mais especificamente a XI Tese¹⁷⁸, imediatamente pos-se a elaborar O CAPITAL e outras obras, ou seja, buscou a compreensão da realidade em que viveu (e que vivemos) e, ao mesmo tempo, fundou e participou de Internacionais Comunistas e de vários outros movimentos políticos, objetivando a transformação desta sociedade numa outra onde o trabalho tende à extinção: a sociedade do não-trabalho-morte, portanto, trabalho atrativo.

481. No prefácio da primeira edição de O CAPITAL, depois de afirmar que "todo começo é difícil em qualquer ciência", fez uma importante observação:

*"Estou naturalmente, pressupondo leitor que queira aprender algo novo, desejoso, portanto, de pensar por sua própria conta."*¹⁷⁹

482. Ele não diz que esse "algo novo" é um método dialético, portanto, apropriado para apreender as contradições próprias da realidade capitalista e, até os dias de hoje, segue sendo o

¹⁷⁷ Marx, K. ECONOMIC AND PHILOSOPHIC MANUSCRIPTS OF 1844, op. cit., pg.99.

¹⁷⁸ Marx, K. & Engels, F. THE GERMAN IDEOLOGY, 3a. ed., Progress Publishers, Moscow, 1976, pg. 617. XI Tese: Os Filósofos tem apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo.

¹⁷⁹ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., pg. 4.

instrumental teórico mais apropriado para tanto.

483. Porém, sente-se "forçado" a advertir aquele que tenta ser indiferente com relação ao seu método.

*"Nesta obra, o que tenho de pesquisar é o modo de produção capitalista e as correspondentes relações de produção e de circulação. Até agora a Inglaterra é o campo clássico. Este o motivo porque tomei como principal ilustração de minha explanação teórica. Se o leitor alemão (ou qualquer que seja - UDM), farisaicamente, encolher os ombros diante da situação dos trabalhadores...na indústria e na agricultura, ou se, com otimismo, tranquilizar-se com a idéia de não serem tão ruins as coisas (em qualquer lugar que seja - UDM) - sinto-me forçado a adverti-lo: "a história é a teu respeito". "*¹⁸⁰

484. Mais adiante volta a fazer uma advertência: "Não nos apeguemos a ilusões"¹⁸¹.

485. E, para finalizar, ainda no prefácio da primeira edição de O CAPITAL, Marx salienta o fato de a "pesquisa científica" ou o apreender coerentemente a realidade enfrenta vários adversários: "as fúrias do interesse privado".

486. Isso tudo nos mostra que a sociedade atual não é eterna, permanente, mas algo passível de transformações.

487. Portanto, o "juízo final" nada mais é que a realidade atual ou o reino das mercadorias, a qual nos diz: "decifra-me ou devoro-te".

488. Não podemos nos esquecer que "Nós estamos afogados em informações e sedentos de conhecimento"¹⁸²

¹⁸⁰ Ibidem, pg.5.

¹⁸¹ Ibidem, pg. 6.

¹⁸² Naisbitt, J. & Aburdene, Patricia. TEN NEW DIRECTIONS FOR THE 1990's: MEGATRENDS 200, 1a. ed., New York, Avon Books, 1990, pg. x (introdução).

2. A SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

489. Gunder Frank, em seu estudo sobre o DESENVOLVIMENTO DO SUBDESENVOLVIMENTO¹⁸³, tem nos apresentado com uma brilhante análise sobre o fato do subdesenvolvimento ser produto do próprio desenvolvimento capitalista mundial. Porém, como salienta Marini, não nos mostra a origem e, além do mais, deixa de "discernir o momento em que a originalidade implica numa troca de qualidade"¹⁸⁴.

490. Dada a expansão comercial do século XVI, o capitalismo Latino-americano se desenvolve de maneira simultânea ao capitalismo internacional; num primeiro momento como colônia exportadora de metais preciosos que, por sua vez, desenvolve o capital europeu até a grande indústria moderna. Com a Revolução Industrial, iniciam-se as independências políticas das várias nações para, dessa maneira, viabilizar as exportações de capitais em direção a estes países recém-chegados à lógica do capital e, em contra-partida, estes passam a exportar bens primários. Daí surgindo a dívida externa, pois a primeira é bem maior que a segunda.

"É a partir deste momento que as relações da América Latina com os centros capitalistas europeus se inserem numa estrutura definida: a divisão internacional do trabalho, que determinará o curso do desenvolvimento ulterior da região. Em outros termos, é a partir de então que se configura a dependência, entendida como

¹⁸³ Frank, Andrew Gunder. AMÉRICA LATINA: SUBDESARROLLO O REVOLUCIÓN, 3a. edição, México, Ediciones Eras S/A, 1980, cap. I.

¹⁸⁴ Marini, Rui Mauro. DIALÉCTICA DE LA DEPENDENCIA, México, Edición ERA, pg 19.

*uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a relação ampliada da dependência. O fruto da dependência não pode ser portanto senão mais dependência, e sua liquidação supõe necessariamente a supressão das relações que a envolve."*¹⁸⁵

491. Como bem salienta Marini, às críticas à Frank respaldadas em exigências teóricas de âmbito sistemático, não mostram sua real debilidade que é a de precisar a origem ou mudança qualitativa dessa dependência que perpassa o momento colonial ao atual.

492. Como explicar a origem dessa mudança qualitativa?

"Isto se explica se considerarmos que não é senão com o surgimento da grande indústria que se estabelece em bases sólidas a divisão internacional do trabalho".¹⁸⁶

493. Sendo que o espantoso crescimento da classe trabalhadora industrial e de serviços na Europa não podia prescindir de meios de subsistência de origem agrícola e pecuária e, até mesmo as indústrias necessitavam de maior quantidade de matéria-prima em geral. A América Latina vem preencher este espaço, aprofundando a divisão internacional do trabalho.

494. Porém, transcendendo a mera funcionalização dessas duas exigências.

"...a participação da América Latina no mercado mundial contribuirá para que o fundamental da acumulação na economia industrial se despregue da produção de mais-

¹⁸⁵ Marini, Rui Mauro. Op. cit., pg 18.

¹⁸⁶ Marini, Rui Mauro. Op. cit., pg. 20. Numa nota de rodapé contida neste parágrafo, o autor se utiliza de Marx, mas especificamente do MANIFESTO COMUNISTA, para salientar que "a grande indústria tem criado o mercado mundial já preparado pelo descobrimento da América".

valia absoluta para a de mais-valia relativa, isto é, que a acumulação passe a depender mais do aumento da capacidade produtiva do trabalho que simplesmente da exploração do trabalhador. No entanto, o desenvolvimento da produção Latinoamericana, que permite a região coadjuvar a esta mudança qualitativa nos países centrais, se dará fundamentalmente com base numa maior exploração do trabalhador." 187

495. Antes mesmo de adentrarmos no problema da troca desigual de mercadorias entre países centrais e periféricos, é preciso fazer uma digressão sobre o conceito de mais-valia relativa e o de produtividade que, de um modo geral, é a forma do excedente econômico na época capitalista.

"No essencial, trata-se de dissipar a confusão que se estabelece entre o conceito de mais-valia relativa e o de produtividade. Se bem que constitui a condição por excelência da mais-valia relativa, uma maior capacidade produtiva do trabalho não assegura de por si uma aumento da mais-valia relativa. Ao aumentar a produtividade, o trabalhador somente cria mais produtos num mesmo tempo, mas não mais-valor; é justamente este fato que o que leva o capitalista a procurar o aumento da produtividade, já que isto o permite rebaixar o valor individual de sua mercadoria, em relação ao valor que as condições gerais da produção o atribuem, obtendo assim uma mais-valia superior a de seus concorrentes - ou seja, uma mais-valia extraordinária, agora bem, essa mais-valia extraordinária altera a divisão geral da mais-valia entre os diversos capitalistas, ao traduzir-se em lucro extraordinário, mas não modifica o grau de exploração do trabalho na economia ou no ramo considerado, isto é, não incide na taxa de mais-valia. Se o procedimento técnico que permitiu o aumento de produtividade se generaliza as demais empresas (ou capitais), e portanto se uniformiza a taxa de produtividade, ela não acarreta tampouco o aumento da taxa de mais-valia; se terá tão somente acrescentado a massa de produtos, sem fazer variar a seu valor, ou o que é mesmo, o valor social da unidade de produto se reduziria em termos proporcionais ao aumento da produtividade do trabalho. A consequência seria, pois, não o incremento da mais-valia, senão sua diminuição.

187 Marini, Rui Mauro. Op. cit., pg 23.

*Isto se deve a que o determinante da taxa de mais-valia não é a produtividade do trabalho em si, senão o grau de exploração do trabalho, ou seja, a relação entre o tempo de trabalho excedente (em que o trabalhador produz mais-valia) e o tempo de trabalho necessário (em que o trabalhador reproduz o valor de sua força de trabalho, isto é, o equivalente de seu salário)... A mais-valia relativa está ligada indissoluvelmente, pois, a desvalorização dos bens-salário, para o qual concorre em geral, mas, não forçosamente, a produtividade do trabalho."*¹⁸⁸

496. Sendo assim, fica evidente a inserção e o desempenho da América Latina na formação da mais-valia relativa nos países centrais. Porém, como explicar o fato de que, apesar da elevação da produtividade nos países centrais devido a diminuição dos custos, os preços mantêm-se e até se elevam em relação aos preços das mercadorias oriundas dos países periféricos que, por sua vez, são instáveis e até decrescentes? Em outras palavras, como pode uma nação que contém uma composição orgânica do capital inferior e que, portanto, pressupõe baixa produtividade do trabalho e valores individuais das mercadorias mais elevados, vender estas mesmas mercadorias a preços decrescentes em relação aos das nações centrais?

497. Vários estudiosos do assunto classificam tal fato como "deterioração dos termos da troca"; "pressão diplomática ou militar"; "falsificação das leis mercantis internacional"; etc. O que resulta no ocultamento da exploração capitalista internacional, como bem salienta Marini¹⁸⁹.

¹⁸⁸ Marini, Rui Mauro. Op. cit. pp. 24 - 26.

¹⁸⁹ Marini, Rui Mauro. Op. cit., pg.31.

*"Não é porque se cometeram abusos contra as nações não industriais que estas se tornaram economicamente débeis, é porque eram débeis economicamente que se abusaram delas."*¹⁹⁰

498. Além do mais, em termos teóricos, a troca de mercadorias tem que se assentar na troca de equivalentes ou trabalho socialmente necessário por uma mesma quantidade deste. Porém, ao nível da aparência dos fatos, isto é, no mercado, aparece como uma troca desigual. Fundando a análise nesse último aspecto da realidade, precária por prescindir do aspecto essencial, é caso de polícia (roubo) e não da ciência econômica. Como responder, então, à questão anteriormente elaborada?

499. Dado que os países centrais obtém maior produtividade, ou ainda, a mais-valia relativa possibilita gastar menos com o capital variável em relação ao capital constante, o que significa barateamento do valor individual das mercadorias. Porém, valor baixo não necessariamente significa preço baixo, pois este último depende das regras do mercado e, neste a produtividade elevada e o monopólio geram o estabelecimento de preços acima do valor dessas mercadorias. Em outros termos, o capitalista se apropria da mais-valia produzida conforme a parte constante do capital, na forma de lucro.

500. Isto significa nada mais que o capitalista não se apropria especificamente da mais-valia produzida por seu capital e sim da parte da massa de mais-valia produzida na economia como um todo e que permite ser absorvida conforme o seu capital total,

¹⁹⁰Marini, Rui Mauro. Op. cit., pg. 31.

isto é, capital variável mais o capital constante, sendo este último o referencial da absorção da mais-valia na forma de lucro. Em outros termos, podemos dizer que existem transferências de valores, sendo que um capital com composição orgânica alta produz relativamente pouco mais-valia, mas se apropria de grande parte desta com base no capital constante que compõe este capital.

501. O mesmo acontece entre as nações, afinal, os diversos graus de desenvolvimento das forças produtivas das economias inseridas no mercado mundial nada mais significa que diversos níveis de composição orgânicas contidas nestas nações.

502. Mesmo assim, poderíamos argumentar que a tendência ditada pelo mercado é a de corrigir as distorções entre valor e preço ou equilibrar as diversas composições orgânicas dos diversos capitais, sejam intra-nações ou inter-nações. Em outras palavras, sugere a propalada tendência ao equilíbrio entre os mercados e/ou fatores da produção, segundo os teóricos neoclássicos, isto por basearem-se numa das instâncias da realidade, mais especificamente na aparência dos fatos, descuidando-se, por completo, da essência.

503. Isto aconteceria se a tecnologia que permite a extração da mais-valia relativa se generalizasse a todos os rincões do mundo. E mesmo assim, a composição orgânica do capital mundial se elevaria tanto que a taxa de lucro cairia na mesma proporção e simultaneamente.

504. Ademais dos obstáculos como patentes, produção de escala, mercado restringido, etc., temos que considerar que a

concorrência pressupõe o desequilíbrio. Isto é, não há competição se todos os elementos que competem têm a mesma configuração e podem atingir o mesmo objetivo num mesmo espaço de tempo.

505. O que fazem, então, os capitais periféricos quando sentem a impossibilidade de assegurar a parte da mais-valia produzida e que é transferida para os capitais desenvolvidos ou com composição orgânicas maiores que a média e que aparentam estar buscando o equilíbrio ao tentar desenvolverem-se ou modernizarem-se? Deixemos que Marini responda:

*"O que aparece claramente, pois, é que as nações desfavorecidas pelo intercâmbio desigual não buscam tanto corrigir o desequilíbrio entre os preços e o valor de suas mercadorias exportadas (o que implicaria um esforço redobrado para aumentar a capacidade produtiva do trabalho), mas sim compensar a perda de rendas gerada pelo comércio internacional, através do recurso a uma maior exploração do trabalho."*¹⁹¹

506. Agora parece mais claro o que é a superexploração do trabalho, ou, considerando o objetivo deste estudo, a predominância da morte sobre a vida na categoria trabalho. Pois o grosso da população mundial, ou força produtiva não material, está na periferia do globo e:

-Os países periféricos não buscam equalizar o valor de suas mercadorias ao seus respectivos preços, isto é, equilibrarem-se em termos de composição orgânica de capital, por ser esta via impossível já que a própria concorrência põe o desequilíbrio e o aprofunda.

¹⁹¹Marini, Rui Mauro. Op. cit., pp. 36 - 37.

-Buscam, isto sim, compensar a mais-valia transferida sob várias formas (dívida externa, royalties, preços, etc.) para as nações com composição orgânicas maiores que a média, com uma maior exploração do trabalhador ao nível da produção interna (mais-valia absoluta e relativa).

-E, não bastasse isso, prossegue ao "reduzir o consumo do trabalhador mais além do seu limite normal, pelo qual 'o fundo necessário de consumo do trabalhador se converte de fato, dentro de certos limites, num fundo de acumulação de capital' implicando assim num modo específico de aumentar o tempo de trabalho excedente"¹⁹². Então,

*"...a característica essencial está dada pelo fato de que se nega ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho: nos primeiros casos, porque se o obriga a um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim um esgotamento prematuro; no último, porque se retira inclusive a possibilidade de consumir o estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho no estado normal. Em termos capitalistas, estes mecanismos (que ademais podem-se dar, e normalmente se dão, em forma combinada) significam que o trabalho se remunera por debaixo de seu valor, e correspondem, pois, a uma superexploração do trabalho."*¹⁹³

507. Mas o que é, então, a superexploração do trabalho?

"A superexploração se define melhor pela maior exploração da força física do trabalhador, em contraposição a exploração resultante do aumento de sua produtividade, e tende normalmente a expressar-se no fato de que a força de trabalho se remunere por debaixo

¹⁹²Marini, Rui Mauro. Op. cit., pg. 39.

¹⁹³Marini, Rui Mauro. Op. cit., pp. 41 - 42.

de seu valor real." ¹⁹⁴

508. Dado que é parte integrante das leis gerais da acumulação capitalista o aparecimento de uma superpopulação relativa à exigida pelo capital, pois a composição orgânica cresce em detrimento da parte variável, sendo que esta população sobranse torna-se cíclica nos países centrais ou monopolistas e anti-cíclica nos países periféricos ou sede dos capitais débeis. É importante ressaltar que - como faz Gnaccarini ¹⁹⁵ - no caso brasileiro, a enorme emigração de europeus desapropriados possibilitou, inicialmente, essa superpopulação relativa. Logo em seguida, com a expansão industrial da década de 50 deste século e a expansão do capitalismo no campo, o desenvolvimento capitalista aqui engendrado gera, por si só, esse excedente populacional.

509. Portanto, na periferia, o capital é débil por viabilizar o não-capitalismo e que redundando no extenso debate sobre "os restos feudais", "setores tradicionais", etc. Afinal, o espaço econômico mundial comporta a mobilidade do capital mas não suporta a mobilidade da força de trabalho, em outros termos, para o capital não existe fronteiras ou nacionalidade, mas existem para os trabalhadores.

"A desigual composição orgânica do capital ao nível do espaço econômico mundial e a impossibilidade do livre movimento migratório ao nível mundial determinam uma superpopulação não-cíclica na periferia. Esta superpopulação não-cíclica tem que reproduzir-se fora

¹⁹⁴ Marini, Rui Mauro. Op. cit., pp. 92 - 93.

¹⁹⁵ Gnaccarini, J. César. LATIFONDIO E PROLETARIADO, 1a. edição, Editora Polis, Teoria e História 7, 1980, pg. 171.

do nexo capitalista (ou forma valor) já que o sistema não pode absorvê-la em sua totalidade. Assim, o capitalismo determina na periferia o surgimento do não-capitalismo... Este não-capitalismo (e não-pré-capitalismo) é a produção de mercadorias ou de serviços improdutivos feitos por indivíduos ou famílias, sob relações de produção não capitalistas, e que são vendidos, entretanto, no mercado capitalista." ¹⁹⁶

3. TRABALHO ASSALARIADO OU TRABALHO MORTE.

510. Desse modo, a morte predomina sobre a vida pelo fato de que quanto mais se trabalha, mais vida se dá ao capital e, conseqüentemente, maior a necessidade de "sangue" do trabalhador.

"Daí o notável fenômeno na história da indústria moderna de que a máquina joga por terra todos os limites morais e naturais da jornada de trabalho. Daí o paradoxo econômico de que o meio mais poderoso para encurtar a jornada de trabalho se torna o meio infalível de transformar todo o tempo de vida do trabalhador e de sua família em tempo de trabalho disponível para a valorização do capital." ¹⁹⁷

511. A morte se manifesta tanto em termos físicos como humano. O primeiro como consequência da fome insaciada por não possuir dinheiro, pois, a produção de mercadorias é abundante mas a impossibilidade de se apropriar delas gera insatisfação de necessidades, inclusive, insatisfação de necessidades primárias para considerável massa de seres humanos.

¹⁹⁶ Campanário, Paulo. LA ACUMULACIÓN DE CAPITAL Y LA FETICHIZACIÓN DE LA FAMILIA, (?).pg. 201

¹⁹⁷ Marx, Karl. O CAPITAL, pg. (32 de Abril).

512. Considerando que o salário representa, em termos monetários, a quantidade de mercadorias que necessitamos para sobrevivermos e reproduzir-nos enquanto trabalhadores, e que a luta por melhores salários significa, na maioria das vezes, correr e "pisotear" outros companheiros para alcançar primeiro a cova na qual se jogam corpos desvalidos, fica evidente o fato de que a concorrência entre os trabalhadores e a ingênua idéia de que se pode alcançar uma vida baseada no não-trabalho apenas poupando parte do salário é imposta pela lógica do capital, pois, permite maior controle deste sobre o trabalho.

513. Sendo assim, tendemos à morte também por adequar nossas necessidades (sempre crescentes) ao salário (sempre decrescente), sendo que, no mínimo deveríamos adequar nosso salário às nossas necessidades.

514. A morte em termos humanitários se dá pelo fato de se desconsiderar o outro ser; por fundarmos num egoísmo sem precedentes históricos, pois, até mesmo as comunidades canibais primitivas ou similares que tiravam a vida de crianças e idosos o faziam em prol da manutenção do coletivo que não podia prescindir daquela riqueza produzida e que se situava abaixo do nível necessário para a comunidade se reproduzir enquanto tal. O egoísmo, quase que ilimitado, leva a um descontrole afetivo-emocional exigindo a presença de novos tipos de trabalho ou ocupações: o trabalho psicanalítico; psico-terapeutas; etc.

515. Do mesmo modo que um trabalho bem feito e que resulta em algo até superior aquilo que imaginávamos tráz-nos satisfação,

portanto trabalho-vida, sentimo-nos impotentes frente à máquina; não reconhecemos o produto que acabamos de elaborar enquanto trabalhador coletivo; sentimo-nos, então, insatisfeitos e um "vazio existencial" nos dá conteúdo. Um vazio que se equipara ao nada, a morte.

516. Mesmo aqueles trabalhadores que, por venderem sua força de trabalho a um preço mais elevado que o normal e, além do mais, obtém um tempo-livre (do trabalho) maior que os demais, buscam lazer onde só encontram cansaço: jogos eletrônicos (buscam vencer a máquina que o mutila cotidianamente); parques de diversões que, na realidade, geram diversões para seus proprietários, e se assustam com o silêncio da natureza quando procuram livrar-se dos "falsos lazeres" ou "tempo-livre comercializado". Isto caracteriza a nossa alienação pelo capital, pois, já não se encontra o sentido da vida e qualquer iniciativa - privada, individual - nos leva a lugar nenhum.

517. No modo de produção capitalista, onde o trabalho vivo é sugado pelo trabalho morto (máquinas) no intuito de satisfazer necessidades tão desenvolvidas que, parafraseando Marx, o próprio trabalho excedente torna-se uma necessidade em si (o lucro), desapropriando a própria vida daquele que gera esse excedente. E justificar o atual "estado de coisa" é "decretar a mediocridade geral".

"(justificar) eventualmente a escravidão de uns como meio para pleno desenvolvimento de outros (dependendo do momento histórico e do desenvolvimento das forças produtivas, até tem sentido). Mas pregar a escravidão das massas para transformar alguns arrivistas grosseiros ou semicultos em fiandeiros eminentes,

*grandes fabricantes de salsichas e influentes comerciantes de graxa de sapatos pretos, para isso (falta) o órgão especificamente cristão." (parênteses nosso)*¹⁹⁸

518. É evidente que a falta desse "órgão cristão" nada mais significa que tais indivíduos - eminentes fabricantes de salsichas e que vivem do trabalho alheio - alcançaram um desenvolvimento sem conteúdo, vazio. Isto é, falta-lhe o tudo em termos de riqueza imaterial - de conteúdo humano. Pois a solidariedade, o amor, a amizade, a dignidade, enfim os sentimentos mais nobres não estão a venda e, conseqüentemente, não são apropriáveis individualmente. Ou seja, tem muito valor-de-uso e provém do ser humano, ou seja, contém trabalho, mas não tem valor-de-troca. portanto nunca serão mercadorias e, conseqüentemente, impossíveis de valorizar o capital. Pelo contrário, pressupõe a aniquilação do capital, pois, a satisfação de tais necessidades pressupõe uma nova sociedade, um novo modo de produzir, uma nova forma de riqueza, a riqueza imaterial ou subjetiva.

519. O trabalho é morte porque tende a uma bipolaridade impossível¹⁹⁹, ou seja, tende a "naturalizar" o uso predatório do trabalhador e da natureza que sustenta essa relação.

520. O fato do trabalho gerar a morte tem levado o trabalhador, de um modo geral, a manter distância do trabalho,

¹⁹⁸ Marx, Karl. O CAPITAL, pg (Abril 32)

¹⁹⁹ Uma volta à escravidão, agora fundamentada num espantoso desenvolvimento tecnológico? (Ver parágrafo 216, página 65.).

sem, no entanto, separar-se dele por completo. Afinal, apesar da morte predominar sobre a vida quando do trabalho, não significa que se extingue a vida ao trabalhar. Ou seja, deixar de trabalhar significa a morte; e trabalhar intensamente também significa a morte; então, trabalha-se de maneira a não se embrenhar na vida estressante que, conseqüentemente, leva à morte.

521. Tal fato repercute na queda de produtividade. A burguesia tem se esforçado no sentido de descobrir novos métodos de motivação, pois nem mesmo o aumento dos salários tem trazido resultados satisfatórios.

*"Mercadorias e renda para adquiri-las estão apenas fracamente relacionadas com as coisas que fazem as pessoas felizes: autonomia, auto-estima, felicidade familiar, lazer livre de tensões, amizades...satisfação com atividades que não de trabalho contribui mais que qualquer outro fator para a satisfação com a vida."*²⁰⁰

522. O fato do trabalho-morte é tão verídico que já procuram desmentir que alguém pode morrer de trabalhar. O livro "NINGUÉM MORRE DE TRABALHAR: o mito do stress" de Osmar S.A. Santos é uma dentre várias tentativas de mostrar que o trabalho, mais especificamente o trabalho-morte, "enobrece o homem".

523. Para entender como o autor do livro acima referido chega a esta conclusão - a do título do livro - basta observar o conceito que este mesmo autor expressa sobre o trabalho:

"Trabalho é simplesmente a aplicação de nossas energias com uma certa finalidade. A finalidade não precisa ser necessariamente prática ou útil. Fazer esportes, dar passeios, bater-papo, brincar em jogos de amor, todas essas atividades podem ser classificadas, num sentido

²⁰⁰ Lane. In Off, Claus. TRABALHO & SOCIEDADE: Problemas Estruturais e Perspectiva para o Futuro da Sociedade do Trabalho. Vol. I, 1a. edição, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1989, pg. 29.

*amplo, como trabalho (sic!). Mas é fundamental que tenha uma certa finalidade, por mais boba que possa parecer."*²⁰¹

524. É desnecessário acrescentar comentários sobre a conclusão do autor com base nesse "trabalho" bastante particular.

525. O trabalho-morte ou trabalho assalariado tende a se generalizar. O mesmo é dizer que a lei fabril tende a tomar todos os ramos da produção, destruindo formas arcaicas e, quando muito, mantendo-as sob o controle direto ou indireto do capital. Pondo, dessa maneira, a uniformidade, a regularidade, a "ordem" e "disciplinando" o trabalhador.

526. A esse respeito existe uma interessante afirmação ao comentar a legislação fabril Inglesa:

*"A extensão das leis fabris a todos os ramos se tornou indispensável para proteger mental e fisicamente a classe trabalhadora."*²⁰²

527. Tomando como exemplo a luta proletária pela limitação da jornada de trabalho, mais especificamente a greve dos operários de Chicago pela regulamentação da jornada de trabalho em oito horas, que determinou o 10. de Maio, em seguida tornou-se o dia internacional do trabalhador, generalizando-se a jornada de oito horas de trabalho para todo o mundo.

528. Dessa maneira, existe todo um conjunto de normas, leis, etc. conquistadas através de duras penas pelo operariado que, ao mesmo tempo, salientam sua própria derrota. A implementação da

²⁰¹ Santos, Osmar S. Almeida. NINGUÉM MORRE DE TRABALHAR: o mito do stress. 1a. edição, São paulo, IBCB, 1988, pg.55.

²⁰² Marx, K. O CAPITAL, op. cit. Vol. I, Liv. 1, pg. 575.

Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT - no Brasil teve por objetivo tentar satisfazer os reclames operários e, ao mesmo tempo, acorrentá-lo ainda mais a classe dominante. Ou seja, generalizam-se as leis fabris - da Europa, mais especificamente da Itália para o Brasil - favorecendo a competição entre os capitalistas de um modo geral e generalizando a condição de trabalho-morte para o proletariado, seja ele europeu, brasileiro, ou de qualquer parte deste globo.

529. O trabalho-morte se generaliza e aprofunda cada vez mais a contradição interna à categoria trabalho, ao favorecer as condições materiais de produção que, conseqüentemente, aguçam as contradições do processo capitalista de produção. Mas, ao mesmo tempo em que o trabalho-morte domina cada vez mais sobre o trabalho-vida, põe-se as condições materiais para a superação dessa contradição, isto é, o trabalho-atrativo.

*"Ao favorecer as condições materiais e as combinações sociais do processo de produção, aguça as contradições e os antagonismos da forma capitalista de produção amadurecendo, ao mesmo tempo, os elementos formadores de uma sociedade nova e os destruidores da sociedade antiga."*²⁰³

530. As contradições inerentes ao modo de produção capitalista tendem a ser superadas, porém, nunca "mecanicamente" superadas, isto é, não existe o "automatismo" da superação.

531. Essas contradições, a grosso modo, são superadas de maneira "negativa" ou "positiva", dependendo do momento histórico e do desenvolvimento das forças produtivas.

²⁰³ Marx, K. O CAPITAL, Vol. I, Liv. I, pg. 575.

532. São superadas negativamente quando da, por exemplo, interrupção do processo de produção, ou crise, pelo fato de que o capital bancário detém grande parte do dinheiro que permite a circulação das mercadorias sem retorná-lo ao processo produtivo, locus da produção de mais-valia e alimento do capital. Isto significa que o capital bancário nega a produção, mais especificamente o capital industrial, ou, em outros termos, considerando o capital industrial como tese, o capital bancário é a antítese. A superação dessa contradição é dada pelo direcionamento do dinheiro retido pelo banco ao processo produtivo, isto é, a consolidação do capital financeiro, das grandes empresas capitalistas por ações, etc.

533. Este é um exemplo das várias e sucessivas superações negativas, pois, causa transformações aparentes no modo de produção capitalista, sem, no entanto, transformá-lo essencialmente, isto é, continua fundamentado sobre a contradição maior: trabalho e capital; apropriação privada da riqueza produzida coletivamente, etc.

534. Um exemplo da superação positiva seria a "cooperativa industrial dos trabalhadores", onde se suprime a oposição entre capital e trabalho, ao permitir que os próprios trabalhadores rejam sobre seu próprio mais-trabalho e assim descortine-se a exploração de classe.

"Tanto as empresas capitalistas por ações quanto as cooperativas dos trabalhadores devem ser consideradas formas de transição entre o modo capitalista de produção e o modo associado, com a diferença que, num caso, a contradição é superada negativamente e, no

*outro, de maneira positiva."*²⁰⁴

535. Isso tudo seria impossível sem a consolidação do sistema fabril ou estabelecimento da grande indústria. E, do mesmo modo que a pessoa que personifica o capital tem que buscar, constantemente, a superação de obstáculos, o que resulta sempre em superação negativa; o indivíduo que trabalha tem que superá-lo positivamente para consolidar a vida, sua essência homem.

536. Os "destruidores da sociedade antiga" ou sociedade capitalista, são aqueles que, ao contrário de Fausto²⁰⁵ que "agia antes de pensar", têm que pensar antes de agir. A forma capitalista de produção de riquezas, como temos visto, é resultado de um agir humano individual e sem pensar. A "sociedade nova" exige um prévio entendimento da realidade com base no único método forjado por esta mesma sociedade que tende a ser destruída - o método dialético materialista. Além do mais, agora faz-se necessário um agir social, onde a individualidade é mantida mas ciente de que só existe em sociedade, com os demais indivíduos e se solidifica ao solidificar a confiança, a condição de sujeito, nos demais, ou seja, na consolidação da nova forma de produzir riqueza, a riqueza imaterial.

*"...do mesmo modo que a indústria teria que arruinar-se na forma do monopólio e na forma da concorrência para aprender a crer no homem."*²⁰⁶

²⁰⁴ Marx, K. O CAPITAL, op. cit., Vol. I, Liv. 5, pg. 509.

²⁰⁵ Marx, K. O CAPITAL, Vol. I, Liv.1, pg. 96.

²⁰⁶ Marx, K. ECONOMIC AND PHILOSOPHIC MANUSCRIPTS OF 1844, 7a. ed., Moscow, Progress Publishers, 1982, pg. 103.

- CAPÍTULO V -

TRABALHO ATRATIVO

537. Atuo-realização do indivíduo e trabalho atrativo são sinônimos. Portanto, trabalho atrativo é prezeiroso; nos enriquece internamente, isto é, gera riqueza imaterial; é libertador.

538. Isto não significa que Trabalho atrativo é puro divertimento, pois, requer muito esforço, principalmente de apreender, conhecer, a realidade das coisas.

*"Os trabalhos realmente livres - o da composição musical, por exemplo - são ao mesmo tempo endiabradamente sérios e requer o esforço mais intensivo."*²⁰⁶

539. Então, poderíamos afirmar que o trabalho bem feito de uma datilógrafa que, ao entregá-lo ao chefe, recebe elogios e prêmios - monetários ou não - é trabalho atrativo?

540. Não. O prazer desta datilógrafa é extrínseco e passageiro, isto é, está na espera de uma recompensa material e, ao mesmo tempo, está também no fato de sentir-se bem ocupada,

²⁰⁶ Marx, K. GRUNDRISSE, op. cit., Vol. I, pg. 34.

útil, porém, sem notar que faz parte de uma "engrenagem"²⁰⁷ - o capital - que desrealiza, dilapida seres humanos. Portanto, sua satisfação é estreitamente particularizada e não atrai, não pode incitar a satisfação alheia, ou dos demais indivíduos.

541. O mesmo ocorre com o trabalho tido como HOBBY e que tem sido alimentado pela lógica do capital. Este gera dupla vantagem ao capital: ameniza a insatisfação do indivíduo com o trabalho morto e agiliza a troca de mercadorias ao ampliar o mercado de ferramentas e objetos de trabalho. Em outros termos, é a capitalização da diversão, da pseudo-realização.

542. Para que possamos apreender a categoria trabalho atrativo, faremos uma longa citação de Marx, onde se encontra o fundamento deste.

"...a tendência do capital à universalidade, o que o diferencia de todas as formas de produção anteriores...Mas esta tendência inerente ao capital se acha em contradição direta com sua forma limitada de produção, que conduz a sua ruína e faz dele um regime transitório...O capital portanto, como condição de sua reprodução, a produção de riqueza e, conseqüentemente, o desenvolvimento das forças produtivas... A limitação do capital se acha no fato de que todo esse desenvolvimento tem um caráter antagônico que faz com que a eclosão das forças produtivas, da riqueza em geral, etc., do saber etc., se manifeste de um modo que o indivíduo trabalhador se aliene a si mesmo, se comporte ante as condições de que tem sido despojado, não como condições de sua própria riqueza, senão da riqueza alheia e de sua própria pobreza. Mas esta forma antagônica é, por sua vez, transitória...Resultado (desse processo) é a tendência, POTENCIAL, ao desenvolvimento geral das forças produtivas - da riqueza em geral - enquanto fundamento, o mesmo que a universalidade do intercâmbio e, portanto, o mercado mundial. E este resultado brinda a possibilidade de um

²⁰⁷ Marcuse, Herbert. EROS E CIVILIZAÇÃO: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 8a. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1981, pg. 191.

*desenvolvimento real e universal do indivíduo, partindo do qual se abrem os horizontes de uma superação constante de suas limitações, das quais se tem consciência e que não se consideram sagradas. A universalidade dos indivíduos deixa de ser uma universalidade simplesmente ideal, imaginária, para converter-se numa universalidade (VIVA) em suas relações reais e espirituais. O indivíduo, a partir de agora, se apropria de sua própria história como um processo e cobra conhecimento da natureza (conhecimento que é, por sua vez, um poder prático sobre ela) como seu próprio corpo real."*²⁰⁸

543. Evidentemente, para isso é necessário o pleno desenvolvimento das forças produtivas. O trabalho atrativo, portanto, se funda nessa tendência potencial que, por sua vez, encontra-se dominada pela tendência real mas que tem sérias limitações.

544. Então, quando do desenvolvimento da grande indústria, sua universalização plena ou a realização quase completa da riqueza real ou material, põe, ao mesmo tempo, o seu contrário, isto é, cada vez mais, a produção dessa riqueza depende cada vez menos do tempo e da quantidade de trabalho, portanto, põe o ócio, o não-trabalho e a possibilidade da riqueza potencializada ou imaterial.

545. Este fato é constatado em nações desenvolvidas, gerando, inclusive, incompreensões por parte de estudiosos desprevenidos que, frente a uma teoria universal, que apreende a totalidade das coisas, como é a teoria de Marx e ao constatar que, na realidade parcealizada, o trabalho perde importância, imediatamente, concluem que a teoria está ultrapassada. Passam a

²⁰⁸ Marx, K. GRUNDRISSE, op. cit., Vol. I, pg. 391-2 e 3.

duvidar da categoria fundamental, principalmente para a ciência econômica, que é o trabalho²⁰⁹.

546. É público e notório o fato de que, de algumas décadas para cá, as nações mais desenvolvidas têm transferido indústrias de base para a periferia, assegurando para si o controle sobre a tecnologia (Knowhow), principalmente na área de informática, química fina, cerâmica fina, energia nuclear, etc. Sendo assim, o setor de serviços tem ampliado significativamente.

*"...o trabalho em serviços se distingue do trabalho na produção de bens, na medida em que ele não dispõe de um claro e inquestionado CRITÉRIO DE ECONOMICIDADE, a partir do qual se possa derivar estrategicamente o tipo, o volume, o local e o momento de sua oferta, e isso porque diversos serviços gerados em organizações públicas e mesmo por meio de "funcionários" em empresas privadas resultam quando muito em "utilidades" concretas, mas sem nenhum "rendimento" monetário (e no máximo em "economias" de volume dificilmente QUANTIFICÁVEL)."*²¹⁰

547. Então, a riqueza real ou material começa a perder sua comensurabilidade e sua base de sustentação. Do mesmo modo que o mais-trabalho de uma imensa massa de trabalhadores tende a deixar de ser condição necessária para o desenvolvimento dessa riqueza real, o não-trabalho de uma minoria, sem contar os próprios capitalistas, ou seja, de uns poucos que têm a possibilidade de estudar, frequentar uma UNIVERSIDADE, etc., deixará de ser condição e sustentação da riqueza real, pois, além de encontrar

²⁰⁹ "TRABALHO COMO CATEGORIA SOCIOLOGICA FUNDAMENTAL?", este é o título do item 1 do primeiro capítulo do livro de Claus Offe: Trabalho & Sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho, Vol. I - A crise. 1a. ed., Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro, 1989. (Como pode ser "sociedade do trabalho" se é o trabalho do capital???)

²¹⁰ Offe, Claus. TRABALHO & SOCIEDADE: Problemas Estruturais e Perspectivas para o Futuro da Sociedade do Trabalho. 1a. ed., Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro, 1989, pg. 23.

limites insuperáveis, alimenta o desenvolvimento da riqueza potencial, aquela que reside na cabeça dos indivíduos em geral²¹¹.

548. Se observarmos os trabalhos científicos voltados para o incremento da produtividade do trabalho, notar-se-á que, de um modo geral, colocam como estímulo ao trabalhador sempre algo material, seja este sob a forma monetária ou não. E isto implica na alimentação do próprio sistema que "fabrica" a necessidade de se estudar meios para aumentar a produtividade devido a queda tendencial da taxa de lucro. Portanto, incorrem, sempre, num círculo vicioso.

549. Por outro lado, um trabalho científico, este sim científico, que abarque o desenvolvimento da consciência do trabalhador, resultará num desenvolvimento da produção, mais especificamente das forças produtivas, imensamente maior.

*"Em termos comparativos, em época dada, é possível, ainda que ninguém faça cálculos pertinentes, afirmar que em tempo relativamente curto o desenvolvimento da consciência faz mais pelo desenvolvimento da produção que o estímulo material e fazemos baseados na projeção geral do desenvolvimento da sociedade...o que pressupõe que o trabalhodeixe de ser uma penosa necessidade para se converter em um agradável imperativo."*²¹²

550. Entre os trabalhadores da ciência, "são raros aqueles que olham com os próprios olhos e sentem com a própria sensibilidade"²¹³.

²¹¹ Marx, K. GRUNDRISSE, op. cit., Vol. II, pg. 114.

²¹² Guevara, Ernesto "Ché". O SOCIALISMO HUMANISTA, 1a. ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1989, pg. 63.

²¹³ Einstein, Albert. COMO VEJO O MUNDO, 14a. ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981, pg. 67. Einstein continua: "Sou realmente um homem quando meu sentimento, pensamento e atos têm uma única finalidade: a comunidade e seu progresso." pg.15.

551. Por que dessa situação de disparidade?

552. Porque o trabalho morte, e aí se inclui o trabalho científico "fetichizado", implica em situar-se nos limites estreitos da divisão social do trabalho na ciência sem, no entanto, tentar extrapolar esse limite imposto pela lógica do capital; não atrai os demais indivíduos porque os excluem; alimenta o progresso do capital em detrimento dos próprios indivíduos. Portanto, atrofia a fantasia que consolida o trabalho atrativo.

*"Enquanto suas habilidades e conhecimentos se diferenciam pela divisão do trabalho, a humanidade é coagida a retroceder a suas etapas antropologicamente mais primitivas, pois, com a existência facilitada pela técnica, a permanência da dominação condiciona a fixação dos instintos por uma opressão mais forte. A FANTASIA É ATROFIADA...A adaptação ao poder do progresso, ao progresso do poder, envolve sempre de novo aquelas formações regressivas que traduzem não ao progresso falido, mas justamente o progresso bem sucedido do seu oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão."*²¹⁴

553. Um típico exemplo do trabalho-científico-morte, é a invenção da máquina fotográfica²¹⁵ e, mais recentemente a câmara de vídeo. Tais mercadorias são utilizadas para fixar um evento (a câmara de vídeo põe o movimento, mas um movimento passado) que, sem elas teríamos que forçar nossas memórias caso quiséssemos recordá-lo. E todas as vezes que forçássemos nossa memória para recordar de alguém querido que está distante ou qualquer evento

²¹⁴Horkheimer, Max. OS PENSADORES: HORKHEIMER/ADORNO, 3a. ed., São paulo, Editora Nova Cultural, 1989, pg. 25.

²¹⁵Benjamin, Walter. A MODERNIDADE E OS MODERNOS, 1a. ed., Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, pg. 64.

que seja, exercitaríamos nosso mecanismo cerebral e, assim, reconstruiríamos em nossa mente todo o evento.

554. As mercadorias acima citadas, num estalar de dedos, põe o evento frente aos nossos olhos, eliminando todo o processo de exercício mental e, conseqüentemente, dificulta cada vez mais qualquer outro exercício mental, fundamental para nos capacitar no que se refere à apreensão da realidade, do conhecimento em geral. Portanto, amplia o "vazio existencial" anteriormente referido. Considerando o fato de que vivemos numa sociedade industrial, maquinizada, a devassa mental assume proporções imensuráveis.

555. Isto não significa que devemos combater a tecnologia ou fazer apologia ao Ludismo. Agir dessa maneira é o mesmo de esmurrar a faca que nos corta o dedo, ou seja, é a eternização do trabalho morte.

556. Temos, isto sim, que buscar, junto com os demais indivíduos que compõem uma classe específica, os meios para nos apropriar do conjunto das relações de produção; o uso capitalista da máquina será, então, substituído por um uso social.

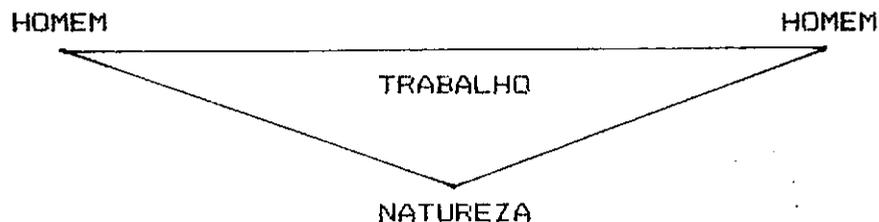
557. Dessa maneira, não só se supera a contradição inerente ao trabalho como também se consolida o trabalho atrativo. Ou seja, da condição potencial passa à condição real, concreta.

558. O trabalho atrativo, como superação das contradições, não pode ser entendido "mecanicamente", isto é, basta esperar e a superação se dará por si só. Ao contrário, é questão de vida ou morte. Temos que, juntos e de maneira "atrativa", DES-envolver o

trabalho atrativo. Caso contrário, todos nós, sem exceção, nos DES-realizaremos como homem.

559. O trabalho atrativo, além de se manifestar no trabalho de composição musical, artístico, científico, etc., se manifesta, principalmente, na política: no trabalho do homem sobre o próprio homem com a finalidade de enriquecer a ambos, isto é, numa relação que influencia e alimenta, incita, a exteriorização vital de cada um.

560. Tínhamos visto, na introdução desse estudo, mais especificamente no parágrafo 5, que trabalho é uma força existente entre o homem e a natureza, isto é, bipolar. Agora, após uma série de determinações necessárias, sabemos não é bipolar, mas sim tripolar, ou seja, uma relação entre o homem a natureza e outro homem.



1. RIQUEZA REAL E POTENCIAL.

561. A riqueza, como temos visto, é uma categoria abstrata que se manifesta no concreto sob a forma de produto (época pré-capitalista) ou mercadoria quando da época atual. Ambas as formas são materiais e externa ao homem. Esta última é a riqueza real.

562. A riqueza real, quanto mais se desenvolve, mais põe, na forma potencial, sua oposta, isto é, a riqueza imaterial, aquela que permite a auto-realização do indivíduo, a plenitude do indivíduo. Dessa maneira, do mesmo modo que a riqueza real contempla algumas "leis gerais", guardando as devidas proporções, torna-se possível alinhar algumas características da riqueza potencial ou imaterial.

563. Então, os pontos contraditórios fundamentais entre a acumulação de riqueza MATERIAL ou "esvaziamento do indivíduo" pelo trabalho morto e a acumulação de riqueza IMATERIAL ou plenitude do indivíduo pelo trabalho atrativo são:

PONTOS CONTRADITÓRIOS FUNDAMENTAIS

RIQUEZA MATERIAL

RIQUEZA IMATERIAL

Apropriação privada	Apropriação coletiva
Sempre algo materializado	Sempre algo humanizante
Magnitude da riqueza é trabalho socialmente necessário	Magnitude da riqueza é tempo de ócio, tempo livre
É rico quanto mais tem (TER)	É rico quanto mais é (SER)
Estímulo para a produção é material	Estímulo para a produção é cultural
Mercadoria (SUJEITO) Valor-de-uso individual Valor-de-troca dominante	Produto social (OBJETO) Valor-de-uso social, coletivo Valor-de-troca dominado
Homem (OBJETO) Relação entre as mercadorias determina as demais relações	Homem (SUJEITO) Relação entre os homens determina as demais relações

Não é a consciência que
determina a vida

É a consciência que
determina a vida

H<---Materialismo histórico

Humanização da matéria--->M

Determinada historicamente
A sociedade capitalista se consolida
de maneira inconsciente pelo homem, ou seja,
é o indivíduo promovendo a troca de produtos/mercadorias

Determinada conscientemente
A sociedade pós-capitalista só pode emergir de
maneira consciente, é o indivíduo dominando a
matéria, sua própria história

Com a transformação do valor em preço,
Supera-se o suposto de que cada capital se apropria da
mais-valia que produz. Sendo que é através do
preço que apropriamos da riqueza produzida na
forma de valor

Com a transformação do senso crítico em senso
comum, o coletivo passa a se responsabilizar pelo
resultado do trabalho, eliminando o "fetichismo"
da mercadoria, maior é a riqueza interior e
individual.

Poder
É possuir mercadorias

Poder
É conhecer, saber, etc.

564. Desses pontos fundamentais, nos ateremos com mais
afinco e, ao mesmo tempo, sabendo que estaremos adentrando num
terreno que existe em termos especulativos. Para isso
utilizaremos da teoria da transformação do valor em preço de
produção de Marx, substituindo os vários capitais por indivíduos.
E mais, pressupomos um mínimo de conhecimento sobre esta teoria.

2. - A ACUMULAÇÃO DE RIQUEZA IMATERIAL E O TRABALHO ATRATIVO.

565. O "quadro" da transformação do valor em preço de
produção elaborado por Marx explicita, de um modo geral, a
produção e a apropriação da riqueza (valor) produzida mediada
pela distribuição e transferência do valor.

566. Salienta o fato de que os vários capitais, não necessariamente, se apropriam da mais-valia produzida por estes. Então, a magnitude da mais-valia quando apropriada na forma de lucro, pode ser maior, igual ou menor que a produzida por estes capitais. Evidentemente, na totalidade, tanto da mais-valia produzida como do valor total produzido, as diferenças se compensam e, conseqüentemente, se igual a mais-valia apropriada na forma de lucro total e o valor total se iguala na forma de preço total.

567. Um dos fatores determinantes da apropriação de uma certa magnitude de mais-valia na forma de lucro maior que a produzida é ter uma composição orgânica maior que a média dos demais capitais. Em outras palavras, todo capital se subdivide em duas partes - capital constante: máquinas, matéria-prima, etc. que mantém constante o valor e; capital variável: força de trabalho, que altera (varia) o valor das mercadorias produzidas ao materializar mais valor que o que se recebe na forma de salário.

568. O capital cuja composição orgânica é maior que a média, isto é, detém um capital constante maior que os demais e, portanto, é moderno, eficiente e arrojado, absorverá, quando da concorrência, maior magnitude de riqueza produzida na forma de mais-valia.

569. É interessante salientar que, o capital com composição orgânica inferior à média produz maior quantidade de riqueza (valor), proporcional a sua parte variável. No entanto, quando da

apropriação desta, transfere valor para os capitais mais modernos, isto é, para aqueles que investem em novas tecnologias, máquinas e equipamentos (capital constante) - "pouparam mão de obra" e enquanto a inovação tecnológica não se generaliza - obtém-se um lucro extraordinário.

570. A concorrência exige, portanto, que cada capitalista reinvesta, constantemente, parte maior de seu lucro no capital constante. Daí a tendência característica do modo de produção capitalista em desenvolver, constantemente, a maquinaria.

571. Além do mais, alguns capitais adquirem a característica de monopólico, com certo poder de determinar seus preços, isto é, podem estabelecer o preço antes que o mercado estabeleça-o e assim obtém um lucro maior que o determinado pela taxa média de lucro. Porém, tais capitais se consolidam na produção de uma mercadoria específica, num ramo de produção, sem nunca tomar a economia como um todo ou, em outros termos, sem descaracterizar o modo de produção capitalista a ponto de permitir, como fazem alguns teóricos, denominá-lo de CAPITALISMO MONOPOLISTA DE ESTADO.

572. Em outras palavras, o monopólio nega a concorrência, mas só existe enquanto e porque a concorrência também existe; não pode eliminá-la, de vez por toda, do conjunto das características próprias deste modo de produção.

573. Portanto, não há eliminação dos opostos pelo fato de que ao eliminá-lo, elimina-se a si mesmo. O mesmo acontece com os opostos trabalho vida e trabalho morte.

574. Sendo assim, os vários capitais, ao buscarem uma composição orgânica maior que a média, isto é, ao investirem cada vez mais em sua parte constante com o objetivo de se obter um lucro maior, aos olhos de um observador desatento, parece que há uma tendência à igualdade, ao "equilíbrio" entre os capitais e (por que não?) entre os mercados. Mas o desenvolvimento do capital, ao contrário, põe uma desigualdade ainda maior. isto é, o desenvolvimento capitalista é sempre desigual e combinado.

575. Resumindo, podemos dizer que, das partes que compõem o capital - constante e variável - a segunda tem papel ativo na esfera da produção e a primeira tem papel ativo na esfera da apropriação.

576. O "quadro" da transformação do valor em preço de produção reflete as afirmações anteriormente feitas e, ao mesmo tempo, mostra a acumulação de riqueza material.

Produção		Circulação de mercadorias						Apropriação	
Capital	Cc	Cv	MV	VALOR	TxLv	TxmL	LUCRO	PREÇO	Transf.
I	95	5	5	105	5%	20%	20	120	+15
II	85	15	15	115	15%	20%	20	120	+5
III	60	40	40	140	40%	20%	20	120	-20
Total	240	60	60	360			60	360	-0-

Cc=Capital constante; Cv=capital variável; MV= mais-valia suposta em 100%; TxLv=taxa de lucro com base no valor; TxmL=taxa média de lucro obtida pela divisão entre a mais-valia total pelo capital total do setor.

Fator único de produção
de riqueza = trabalho

Fatores da apropriação de
riqueza = trabalho (sal.),
Capital (lucro), e Terra (renda fundiária).

Essência

<-----Realidade econômica----->

Aparência

577. Isto posto, podemos fazer uma analogia entre a acumulação de riqueza material e a acumulação de riqueza imaterial. Para isso, substituiremos os vários capitais (I, II e III) por indivíduos totalmente desiguais tanto na cor, peso, tamanho, raça, idade, sexo, sensibilidades auditivas, olfativas, visuais, de percepção, conhecimento, etc. Enfim, duplamente desiguais: no modo de apropriar a externalidade e, portanto, aparentemente desiguais e desiguais também em termos substanciais, isto é, cada indivíduo contém uma dada "magnitude" da essência HOMEM, magnitude esta que apesar de incomensurável, é real e concreta. Na época capitalista a aparência nega a essência, porém, quando da superação dessa época, a essência tende ao devenir, isto é, determinar cada vez mais a aparência.

578. Para que não fiquem dúvidas sobre esta última afirmação, basta que façamos duas comparações, a primeira assentada no espaço econômico atual e a segunda no tempo histórico: de um lado, o trabalho atrativo de um líder operário e o trabalho morto ao extremo de um indivíduo que "ganha a vida" tirando a vida de outros, isto é, do "pistoleiro" a serviço dos opressores; de outro lado, o "trabalho guerreiro" do indivíduo da antiguidade que saqueava e aniquilava outras comunidades para, entre outras coisas, manter sua comunidade viva e, nos tempos atuais, o "trabalho de ajuda mútua" ou alicerce do sindicalismo que busca a solidariedade de classe.

579. Todos quatro indivíduos são homens, porém, essa essência homem é menor no guerreiro e maior que a essência homem

do pistoleiro se se considera o momento histórico. Por outro lado, a essência homem é bem maior no líder operário. Portanto, a heterogeneidade entre os indivíduos não só é aparential como também substancial.

580. Diferentemente da essência fruta da laranja, por exemplo, a essência homem do indivíduo é dinâmica, isto é, a laranja nada pode fazer para ser mais fruta que a outra laranja, mas o indivíduo pode e deve afirmar-se cada vez mais como homem, "ativando" o "sujeito" nele contido e, conseqüentemente, deixar de ser "objeto" guiado pela mercadoria.

581. Isto nos permite afirmar que cada indivíduo, somadas todas as demais características estritamente particulares, por exemplo, sensibilidade auditiva, visual, perceptiva, capacidade raciocínio lógico, etc., detém uma certa capacidade de se apropriar da externalidade, de apreender o "mundo das mercadorias" ou conjunto das relações sociais de produção regrada pelas mercadorias e, dessa maneira, buscar sua condição de "sujeito" ou mesmo personificar-se como capital.

582. Essa capacidade de apreender a externalidade nunca é total, isto é, nunca abrange a totalidade das coisas. Por exemplo, numa Universidade, vê-se estudantes, professores, funcionários, pessoal administrativo, móveis, edifícios, etc., mas não se vê a universidade, isto é, o "fio" que "liga" a parte no todo e o todo na parte, muito menos o "fio que liga" este "todo parcial" com a totalidade da nação, do mundo.

583. Por ora, denominaremos esta "parte" da capacidade do

indivíduo, de "senso comum". Porém, alguns indivíduos mais outros menos, tentam compreender o todo, "buscam o fio da meada", para a compreensão do todo. Esta parte de nossa capacidade, que é bastante heterogênea nos indivíduos em geral, denominaremos de "senso crítico".

584. Dessa maneira, em analogia com o capital, cada indivíduo "compõe-se" (composição orgânica) de duas partes: senso comum e senso crítico. A heterogeneidade dos indivíduos, em última instância, se reflete nas diferentes "composições individuais" que, por sua vez, se assenta nas desigualdades entre a parte referente ao "senso crítico" e a parte referente ao "senso comum".

585. Esse caráter duplo do indivíduo pode ser comparado com a forma dupla da consciência humana na época primitiva (parágrafo 140 do capítulo II), ou seja, o "senso comum" vê a realidade como natural e imutável, o cotidiano parece confirmar esta concepção. O "senso crítico" tem por objetivo negar esta concepção, salientando a possibilidade e necessidade da transformação.

586. Em termos concretos e extremos, temos Karl Marx, Einstein, etc. e uma imensa massa de indivíduos que, ao contrário dos primeiros, "compõem-se" de uma parte enorme de "senso comum" e parte ínfima de "senso crítico".

587. As partes da "composição orgânica individual", por refletirem a realidade contraditória em que vivemos, são também contraditórias e conflitantes. A primeira, a do "senso comum" nega a segunda, a do "senso crítico" e vice-versa, porém uma não

existe sem a outra.

588. Dadas as condições circunstanciais nas quais os indivíduo crescem, estabelece-se, simultâneamente, o quantum de cada parte que compõe este mesmo indivíduo. Porém, isto não significa que este quantum é imutável ou constante. Além do mais, geralmente a parte referente ao "senso comum" predomina sobre a parte do "senso crítico" do mesmo modo que a riqueza real, material, predomina sobre a riqueza potencial, imaterial. O desenvolvimento individual implica em alterar essas proporções, em aumentar o "senso crítico" em detrimento do "senso comum".

589. Isto significa que há uma estreita correlação entre senso comum, senso crítico e riqueza material, riqueza imaterial; entre o pensar e agir para produzir mercadorias e o pensar e agir (praxis) para produzir produtos sociais, isto é, socialmente produzidos e distribuídos.

590. Sendo assim, é impossível negar que o mais astuto dos cientistas não tenha algo a aprender; do mesmo modo que o mais humilde e pobre dos homens não tenha algo para instruir o mais astuto dos cientistas, pois, tem não só sua condição de vida miserável e de superexplorado como também a mais profícua percepção de que a solidariedade não se assenta na troca de bens materiais porque é despossuído de tudo, inclusive, dos demais indivíduos.

591. O aspecto mais importante da interação contraditória entre "senso comum" e "senso crítico" num mesmo indivíduo é que, quando o segundo predomina sobre o primeiro, possibilita-se a

"criatividade".

592. A "criatividade", em analogia com o capital, denominaríamos de "mais-valia", portanto, a criatividade depende, principalmente, da parte crítica que compõe o indivíduo.²¹⁶

593. A capacidade de "criar", a "criatividade", por sua vez, alimenta a parte referente ao "senso crítico", do mesmo modo que a parte cada vez maior do lucro ou forma da mais-valia é direcionada para o capital constante.

594. A "criatividade" alimenta indiretamente ou diretamente o "senso crítico". Indiretamente quando a "criatividade" se restringe à invenção de novas máquinas que, como temos visto, além de possibilitar a riqueza material, põe, também, o seu oposto, a riqueza imaterial (na forma potencial). E diretamente quando, por exemplo, Marx põe o método dialético para a interpretação e transformação desse mundo das mercadorias, portanto, diferente do lucro que é a mais-valia transformada e apropriada privadamente, a "criatividade" se consolida como riqueza quando socializada.

595. Temos assim, o indivíduo atual, composto de partes referentes ao "senso comum" e "senso crítico" com uma certa magnitude de "criatividade" correspondente à parte do "senso crítico", do mesmo modo que o capital é composto da parte constante e variável, sendo que a mais-valia depende da parte variável.

²¹⁶ Algo semelhante ao "excedente de consciência" proposto por Rudolf Bahro in: CRITICA AO SOREX (SOCIALISMO RELANÇADO EXISTENTE): Debatendo as idéias de Rudolf Bahro, 1a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1982, pg. 73.

596. Em termos de capital, a magnitude da mais-valia apropriada na forma de lucro depende da parte constante que este capital detém e, também, da concorrência, isto é, se considerarmos um setor monopolizado ou um capital monopólico, este pode estabelecer preço e assim se apropriar de uma magnitude de mais-valia na forma de lucro bem maior que a média.

597. É aqui onde termina a analogia com o capital, pois, a riqueza imaterial só se consolida ao enriquecermos os outros. Isto é, dado o enriquecimento dos demais, consolida-se a minha riqueza, ou seja, a solidariedade, a fraternidade, convertem o indivíduo em solidário e fraterno, ao contrário do indivíduo atual, subsumido ao capital e que Marx explicita quando do término do capítulo X sobre "a transformação do valor em preço de produção":

*"Temos aí matematicamente demonstrada a razão por que os capitalistas, embora simulem fraternidade no seu logro recíproco, constituem verdadeira irmandade maçônica ao se defrontarem com o conjunto da classe trabalhadora."*²¹⁷

598. Em termos concretos e extremos, basta que imaginemos Marx despreendendo todo seu esforço na elaboração de suas obras e, ao fim destas, voltasse ao cotidiano normalmente - ao trabalho morte - sem nada fazer para comprovar suas descobertas. Dessa maneira, sua "criatividade" se consolidaria no nada, nem mesmo no "monopólio individual" se consolidaria, pois, como veremos mais adiante, o trabalho atrativo, ao contrário da concorrência, não só nega o monopólio como também não dá condições de existência

²¹⁷ Marx, Karl. O CAPITAL, op. cit., Vol. III, livro 4, pg. 223.

para práticas monopólicas.

599. O trabalho atrativo tem, portanto, que despertar, incitar, atrair, a exteriorização vital no outro indivíduo. Como exemplo, basta que imaginemos uma sociedade onde o indivíduo age como homem e não mais como sapateiro, padeiro, professor, metalúrgico, etc.

*"...Cada uma das relações com o homem - e com a natureza - tem que ser uma exteriorização determinada da vida individual real que se corresponda com o objeto de sua vontade. Se amas sem despertar amor, não produz amor recíproco, se mediante uma exteriorização vital como homem amante não te convertes em homem amado, teu amor é impotente, uma desgraça."*²¹⁸

600. Então, além de incitar e despertar a exteriorização vital que se encontra dominada no indivíduo atual envolto numa sociedade onde a morte é cotidianamente posta, o trabalho atrativo tem por objetivo consolidar a vitalidade, o indivíduo plenamente desenvolvido - DES-envolvido - dessa sociedade mercadorizada em promotor ou contrutor da sociedade nova, que supera as contradições contidas nesta sociedade e em si mesmo.

601. Dessa relação social de produção de riqueza imaterial, os indivíduos "conquistam" ou se apropriam de riqueza imaterial ao desenvolverem suas sensibilidades, suas capacidades de apreender a externalidade e, ao mesmo tempo, a internalidade ao trabalharem atrativamente suas partes referentes ao "senso comum" e ao "senso crítico" e, conseqüentemente, gerando novas e mais eloquentes "criatividades" particulares que só se consolidam como riqueza imaterial ao possibilitar a conquista ou audácia dos

²¹⁸ Marx, K. MANUSCRITOS ECONOMIA Y FILOSOFIA, 11a. edição, Alianza Editorial, Madrid, 1985, pg. 181.

demais indivíduos. Então, o trabalho atrativo consolida uma nova racionalidade à sociedade, a produção deixa de ser baseada no lucro, coloca-se limite ao progresso técnico e estabelece-se o homem como fim da produção. É quase que bipolar²¹⁹, pois se basea no trabalho do homem sobre o próprio homem para o enriquecimento recíproco e, juntos, utilizarem a não só a natureza como toda tecnologia disponível.

602. Portanto, diferentemente da taxa média de lucro imposta pela concorrência quando da interação dos vários capitais, os indivíduos trabalhando atrativamente possibilitam aos indivíduos com "composição" superior à média, ou seja, aqueles em que a parte do "senso comum" é maior que a parte referente ao "senso crítico", a se tornarem "sujeitos", a conquistar "senso crítico" e, dessa maneira, "criarem-se" ou realizarem-se "criativamente" até que, no fim desse processo, obtem-se indivíduos plenamente desenvolvidos, ricos em todos os sentidos, imaterial e materialmente ricos.

*"O operário, o capitalista, o senhor feudal, o cidadão romano, etc. existem enquanto (e porque) o homem não existe: eles não existirão mais quando o sujeito "deles" vier à existência."*²²⁰

603. O fato de termos dito que tais indivíduos detém uma composição "superior à média" não implica num jogo coloquial para camuflar a superioridade daqueles que detém uma "composição individual" onde a parte do "senso crítico" é maior que parte do

²¹⁹Ver a bipolaridade inicial no parágrafo 5 e a impossibilidade da bipolaridade quando do trabalho morto no parágrafo 519.

²²⁰Fausto, Ruy. MARX: LÓGICA E POLÍTICA, Vol. I, op. cit., pg. 29.

"senso comum", pois, estes indivíduos, justamente por deterem uma "composição" diferenciada e que possibilita trabalhá-las "critica" ou atrativamente, se diluem no conjunto dessa relação social de produção de riqueza imaterial. Consolidam sua individualidade na coletividade; concretizam o fato de que saber é poder realizar sua individualidade no conjunto das mesma relações sociais da qual emergiu e que se submerge.

604. O "quadro" abaixo tenta nos possibilitar uma visualização desse processo.

Indiv.	S.com	S.crit	Criativ	Indiv.Atual	TxCriat	Trab.Atrat	Conq.Sen	Indiv.Pleno
A	95	5	5	105	5%	20%	20	120
B	85	15	15	115	15%	20%	20	120
C	60	40	40	140	40%	20%	20	120
Total	240	60	60	360			60	360

Indiv= indivíduo; Scom= senso comum; S. crit= senso crítico; Criativ= criatividade; TxCriat= taxa de criatividade; Trab.atrat= trabalho atrativo; Conq.Sen= conquista de senso crítico; indiv.Pleno= indivíduo pleno.

605. Evidentemente, os números aí dispostos levam a que os resultados - indivíduos transformados - sejam iguais, o que poderia ser diferente se diferentes fossem os números que refletem as várias "composições individuais". Porém, como dissemos anteriormente, ao contrário da concorrência capitalista que estabelece uma taxa média de lucro, o trabalho atrativo não estabelece a média, podendo superá-la no sentido de possibilitar maior apropriação de riqueza imaterial. Ou seja, o indivíduo que detém 40% de "criatividade" deve buscar - atrativamente - a concreção desses 40%, ou seja, enriquecer os demais com a

totalidade de sua criação. Caso não ocorra isso, é porque sua criatividade não foi suficientemente elaborada ou trabalhada atrativamente a ponto de se consolidar como riqueza imaterial. Este indivíduo deve, portanto, buscar a reinteração dialética entre suas partes componentes e dos demais indivíduos a fim de possibilitar uma nova "criatividade".

606. Portanto, não se trata de "trocar idéias" ou visões de mundo. Tais fatos não se trocam, se conquistam.

*"Se supusermos o homem como homem e sua relação com o mundo como uma relação humana, somente se pode trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. Se se quiser gozar da arte até ser um homem artisticamente educado; se se quiser exercer influência sobre outro homem, tem que ser um homem que atue sobre os outros de modo realmente estimulante e incitante."*²²¹

607. A "troca" perde a característica que possibilita o valor e, este por sua vez, deixa de existir. A acumulação de riqueza imaterial ou humanização do indivíduo se fundamenta no trabalho atrativo e é completamente contrária à acumulação de riqueza material, pois, nega todo e qualquer domínio do homem sobre o próprio homem, põe a liberdade, a liberdade despojada de sua forma burguesa.

"O que é, de fato, a riqueza despojada de sua forma burguesa, senão a universalidade, impulsionada pelo intercâmbio universal das necessidades, as capacidades, os gozos, as forças produtivas, etc., dos indivíduos? O que é senão o desenvolvimento total do domínio do homem sobre as forças naturais, tanto as da natureza mesma como as da própria natureza humana; a absoluta potenciação (de sua capacidade) por obra do esforço de seus dotes criadores, sem mais premissa que o desenvolvimento histórico precedente, que leva a converter em fim em si esta totalidade do

²²¹ Marx, K. MANUSCRITOS ECONOMIA Y FILOSOFIA, op. cit., pg. 180.

*desenvolvimento, isto é, o desenvolvimento de todas as forças humanas enquanto tais, sem medi-las por uma pauta pré-estabelecida, e em que o homem não se reproduzirá como algo unilateral, senão como uma totalidade; em que não tratará de seguir sendo o que já é ou tem sido, senão que incorporará ao movimento absoluto do devir ?"*²²²

608. A resposta a esta longa e ampla questão, é o que temos descrito sobre o trabalho atrativo.

609. Além do mais, a riqueza imaterial, mesmo na forma potencial, já desperta interesse e é objeto de estudo, de maneira inconsciente, de alguns cientistas que demonstram preocupações com os dados sobre a riqueza material (valor). Por exemplo, a Organização das Nações Unidas - ONU - já busca aproximação com tal fato ao concluir que os índices atuais - renda per capita, PIB, PNB, etc. - são insuficientes e, de uma modo geral, enganosos, pois, um país pode conter um PIB altíssimo e, conseqüentemente, uma renda per capita também alta, mas a grande maioria de seu povo continua em precárias condições, inclusive sub-humanas, de vida, para não dizer morrendo.

*"Para chegar a essas conclusões, o RELATÓRIO SOBRE DESENVOLVIMENTO HUMANO, lançado recentemente pela Organização das Nações Unidas, abandonou os índices que registram apenas o crescimento econômico de um país, como renda per capita, PNB ou PIB, e adotou um novo critério de avaliação, o IDH - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - que procura revelar a real qualidade de vida de uma população, medida pela possibilidade de acesso à educação, à saúde, ao consumo, à higiene, enfim a tudo o que de fato faz a vida melhor."*²²³

610. Sobre a interferência estatal nas relações sociais de

²²² Marx, K. GRUNDRISSE, Vol. I, op. cit., pg. 346.

²²³ Jornal do Brasil, Caderno especial, O CONTINENTE PERDIDO, de 24/jun/1990. s. n.

produção, temos somente que concordar com Engels quando afirma o seguinte:

*"A interferência estatal nas relações sociais torna-se, numa esfera ou noutra, supérflua, e então desaparece; o governo das pessoas é substituído pela administração das coisas, e pela condução do processo de produção. O Estado não é "abolido". Morre por si só."*²²⁴

²²⁴ Engels, F. ANTI-DÜRING, 8a. edição, Progress Publishers, Moscow, 1978, pg. 341.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Albornoz, Suzana. O QUE É TRABALHO, 2a. ed., São Paulo, Brasiliense, Col. Primeiros Passos no. 171, 1986.
- Amin, Samir. UNEQUAL DEVELOPMENT: A Essay in The Social Formation of the Peripherical Capitalism. 1a. ed., New York, Monthly Review Press, 1976.
- Anderson, Perry. PASSAGENS DA ANTIGUIDADE AO FEUDALISMO, 1a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.
- Arrosa, Tanya & James, Kin. PRESSÃO NO TRABALHO: Stress, um guia de Sobrevivência, 2a. ed., São Paulo, McGraw-Hill, 1988.
- Braverman, Harry. TRABALHO E CAPITAL MONOPOLISTA: A Degradação do Trabalho no Século XX, 2a. ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.
- Campanário, Paulo. DIALECTICA Y EMPIRISMO, San José, Costa Rica, EDUCA - Editorial Universitario Centro Americano, 1983.
- Campanário, Paulo. LA ACUMULACION DE CAPITAL Y LA FETICHIZACION DE FAMILIA, (Xerox).
- Carcanholo, Reinaldo A. DIALECTICA DE LA MERCANCIA Y TEORIA DEL VALOR, San José, Costa Rica, EDUCA - Editorial Universitario Centro Americano, 1982.
- Carcanholo, Reinaldo A. O VALOR, A RIQUEZA E A TEORIA DE SMITH, in: Cadernos de Economia, uma publicação não periódica do Mestrado de Economia da UFPb - Campus II - Campina Grande, no. 30, 1987.
- CNBB. SOLIDÁRIO NA DIGNIDADE DO TRABALHO, 1a. ed., São paulo, Editora Salesiano Dom Bosco, 1991.
- Coriat, Benjamim. EL TALLER Y EL CRONOMETRO, 1a. ed., Espanha, Siglo XXI Editores, 1982.
- Dejours, Christopher. A LOUCURA DO TRABALHO: Um Estudo de Psicopatologia do Trabalho, 2a. ed., São Paulo, Cortez Editora, 1987.
- Dierckxsens, Wim. FORMACIONES PRECAPITALISTAS, 1a. ed., México, Editorial Nuestro Tiempo S/A, 1983.
- Engels, Fredrich. A DIALETICA DA NATUREZA, 1a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- Fausto, Ruy. MARX: LÓGICA E POLÍTICA, Vol. I e II, 2a. ed., São

- Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- Freud, Sigmund. EL MALESTAR EN LA CULTURA, 11a. ed., Madrid, Alianza Editorial, 1986.
- Friedmann, Geroges. O TRABALHO EM MIGALHAS, 1a. ed., São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.
- Ginsburg, Carlo. O QUEIJO E OS VERMES: O Cotidiano e as Idéias de Um Moleiro Pela Inquisição, 1a. ed., São Paulo, Editora Schwartz Ltda., 1987.
- Gnacarini, J. César. LATIFÚNDIO E PROLETARIADO, 1a. ed., São Paulo, Editora Polis, Col. Teoria e História, 1980.
- Hinkelammert, Franz. AS ARMAS IDEOLÓGICAS DA MORTE, 1a. ed., São Paulo, Edições Paulinas, 1983.
- Hobsbawm, Eric J. MUNDOS DO TRABALHO, 1a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Hobsbawm, Eric j. OS TRABALHADORES: Estudo Sobre a História do Operariado, 1a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- Kosik, Karel. DIALÉTICA DEO CONCRETO, 3a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- Lafargue, Paul. O DIREITO A PREGUIÇA, 3a. ed., São Paulo, Kairós, s. d.
- Mandel, Ernest. TRATADO DE ECONOMIA MARXISTA, Lisboa, Editora Bertrand, 1978.
- Marini, Ruy Mauro. DIALÉTICA DE LA DEPENDENCIA, 4a. ed., México, Ediciones ERA no. 22, 1979.
- Marx, Karl. TEORIAS DA MAIS VALIA, 1a. ed., São Paulo, Editora Bertrand Brasil S/A, 3 Vols., 1987.
- Marx, Karl. O CAPITAL, 6a. ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1980.
- Marx, Karl. GRUNDRISSE, 17a. ed., México, Fondo de Cultura Económica, 2 Vols., 1985.
- Marx, Karl. ECONOMIC AND PHILOSOPHIC MANUSCRIPTS OF 1844, 7a. ed., Moscow, Progress Publishers, 1982.
- Marx, Karl. MANUSCRITOS: ECONOMIA Y FILOSOFIA (1844), Madrid, Alianza Editorial, 1985.
- Marx, Karl. THE GERMAN IDEOLOGY, 3a. ed., Moscow, Progress

- Publishers, 1976.
- Marx, Karl. THE POVERTY OF PHILOSOPHY, 4a. ed., Moscow, Progress Publishers, 1966.
- Marx, Karl & Engels, F. LA REVOLUTION EN ESPANA, 1a. ed., Moscou, Editorial Progresso, 1980.
- Marx, Karl. CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA, 1a. ed., São Paulo, Martins Fontes Editora, 1977.
- Marx, Karl. A QUESTÃO JUDAICA, São paulo, Editora Moraes, s.d.. s.ed.
- Mészáros, István. PRODUÇÃO DESTRUTIVA E ESTADO CAPITALISTA, 1a. ed., São Paulo, Editora Ensaio, 1989.
- Offe, Claus. TRABALHO & SOCIEDADE: Problemas Estruturais e Perspectivas para o Futuro da Sociedade do Trabalho, Vol. I, 1a. ed., Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1989.
- Revunenkov, V.G. HISTÓRIA DOS TEMPOS ATUAIS, Vol. V, Lisboa, Círculo do Livro Brasileiro, s.ed., s.d.
- Rosdolsky, Roman. GENESIS Y ESTRUCTURA DE "EL CAPITAL" DE MARX: Estudios Sobre los Grundrisse, 5a. ed., México, Siglo XXI Editora, 1986.
- Rousselet, Jean. A ALERGIA AO TRABALHO, s. ed., Lisboa, Edições 70, s.d.
- Ruggiero, Guido de. EL CONCEPTO DEL TRABAJO EM SU GENESIS HISTORICA, 1a. ed., Buenos Aires, ed. La Pléiade, s.d.
- Santos, Osmar Almeida S. NINGUÉM MORRE DE TRABALHAR: O Mito do Stress, 1a. ed., São Paulo, IBCB, 1988.
- Sávchenko, P. O QUE É TRABALHO?, 1a. ed., Moscou, Editorial Progresso, Col. ABC dos Conhecimentos Sociais, 1987.
- Say, Jean-Baptiste. TRATADO DE ECONOMIA POLÍTICA, 1a. ed., São Paulo, Abril-Cultural, Col Os Economistas, 1983.
- Schumacher, E.F. GOOD WORK, 1a. ed., New York, Harper Colophon, 1980.
- Silva, Ludovico. MARX Y LA ALIENACIÓN, 2a. ed., Caracas, Venezuela, Monte Avila Editores, s.d.
- Singer, Paul. ECONOMIA POLITICA DO TRABALHO, 2a. ed., São Paulo, Hucitec, 1979.

- Smith, Adam. A RIQUEZA DAS NAÇÕES, 1a. ed., São Paulo, Ed. Abril Cultural, Col. Os Economistas, 1982.
- Taylor, Frederick Winslow. PRINCÍPIOS DE ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA, 7a. ed., São Paulo, Ed. Atlas, 1978.
- Thomas, Keith. O HOMEM E O MUNDO NATURAL, 1a. ed., São Paulo, Companhia de Letras, 1988.
- Thompson, E.P. THE MAKING OF THE ENGLISH WORKING CLASS, 1a. ed., New York, Vintage, 1966.
- Vários. A TRANSIÇÃO DO FEUDALISMO PARA O CAPITALISMO, 3a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- Vasquez, Adolfo Sanches. FILOSOFIA DA PRAXIS, 2a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- Zeleny, Jindrich. LA ESTRUCTURA LÓGICA DE "EL CAPITAL" DE MARX, Barcelona, Ediciones Grijaldo S/A, 1974.
- Weil, Simone. A CONDIÇÃO OPERÁRIA E OUTROS ESTUDOS SOBRE OPRESSÃO, (Org. Ecléa Bosi), 1a. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.